

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras



Dissertação

**Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - As
políticas linguísticas familiares no povo indígena Leco de Apolo, Bolívia**

Camila Alejandra Loayza Villena

Pelotas, 2023

Camila Alejandra Loayza Villena

**Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - As
políticas linguísticas familiares no povo indígena Leco de Apolo**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Isabella Ferreira Mozzillo
Coorientadora: Letícia Fonseca Richthofen de Freitas

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

V737q Villena, Camila Alejandra Loayza

Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman
yachachisqanchikrayku : as políticas linguísticas familiares
no povo indígena leco de apolo, bolívia / Camila Alejandra
Loayza Villena ; Isabella Ferreira Mozzillo, orientadora ;
Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, coorientadora. —
Pelotas, 2023.

127 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade
Federal de Pelotas, 2023.

1. Línguas indígenas. 2. Lecos de Apolo. 3.
Deslocamento linguístico. 4. Ideologias linguísticas. 5.
Políticas linguísticas familiares. I. Mozzillo, Isabella Ferreira,
orient. II. Freitas, Letícia Fonseca Richthofen de, coorient.
III. Título.

CDD : 469.5

Elaborada por Maria Inez Figueiredo Figas Machado CRB: 10/1612

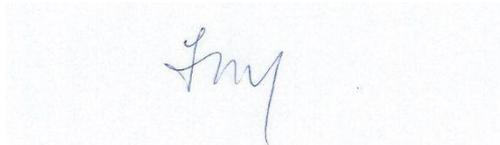
Camila Alejandra Loayza Villena

“Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - As políticas linguísticas familiares no povo indígena Leco de Apolo, Bolívia”.

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutora em Letras, Área de concentração Estudos da Linguagem, do programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas.

Pelotas, 06 de setembro de 2023

Banca examinadora:



Profa. Dra. Isabella Mozzillo
Orientadora/Presidente da banca
Universidade Federal de Pelotas

Documento assinado digitalmente
gov.br LETICIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS
Data: 07/09/2023 15:17:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Letícia F. R. de
Freitas - Coorientadora
Universidade Federal de Pelotas



Prof. Dr. Bernardo Limberger
Membro da Banca
Universidade Federal de Pelotas



Profa. Dra. Kantuta Isabel Lara
Delgado - Membro da Banca
Wildlife Conservation Society



Documento assinado digitalmente
WELLINGTON PEDROSA QUINTINO
Data: 28/08/2023 11:45:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Membro da Banca
Universidade do Estado do Mato Grosso

Dedico este trabalho com profundo respeito e gratidão ao povo Leco de Apolo e a todos os povos indígenas que, com coragem, resistem contra o aniquilamento do Meio Ambiente, defendendo suas culturas e vidas com uma determinação que inspira. Que este trabalho contribua, mesmo que modestamente, na luta dessas comunidades.

Agradecimentos

A meus pais, meu irmão e meus avós, que têm sido uma fonte de amor, felicidade e inspiração.

A minhas orientadoras, a Profa. Dra. Isabella Ferreira Mozzillo e a Profa. Dra. Letícia Fonseca Richthofen de Freitas, pela compreensão infinita, carinho sincero e apoio constante durante todo este processo. Sem sua orientação e incentivo, este percurso acadêmico não teria sido possível da maneira que foi.

Ao Prof. Dr. Bernardo Limberger, a Profa. Dra. Kantuta Lara, o Prof. Dr. Wellington Pedrosa e a Profa. Dra. Altaci Rubim que participaram nas bancas, agradeço profundamente por seus comentários oportunos e valiosas contribuições que enriqueceram e aprimoraram este trabalho.

À UFPel, meu lar acadêmico desde a graduação, agradeço por ser o lugar onde floresci academicamente e pelas inúmeras oportunidades que me foram oferecidas através dos meus professores.

À FAPERGS, CNPq e CAPES, expresso minha gratidão pelo crucial apoio financeiro, que tornou possível a realização desta pesquisa e contribuiu para o avanço da ciência em um momento fundamental.

E aos povos indígenas, meu reconhecimento eterno. Cada uma de suas lutas é uma inspiração que nos lembra da importância de preservar a diversidade cultural e o meio ambiente para a sobrevivência de nossa espécie.

Resumo

LOAYZA VILLENA, Camila Alejandra. **Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - As políticas linguísticas familiares no povo indígena Leco de Apolo**. Orientadora: Isabella Mozzillo. Coorientadora: Letícia Fonseca Richthofen de Freitas. 2023. f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Na Bolívia, onde a pesquisa foi realizada, as línguas indígenas enfrentam uma contínua e progressiva perda de falantes, apesar de sua integração no sistema educacional e de sua oficialização pelo Estado (LÓPEZ, 2008; RIVERA, 2010; SICHRA, 2009; 2013). Vários estudos indicam que as medidas governamentais não conseguiram conter a redução de falantes, uma vez que a falta de transmissão intergeracional, influenciada por políticas linguísticas familiares e ideologias linguísticas, é considerada um fator crítico (ÁLBO, 2015; AMORÓS-NEGRE; ZIMMERMAN; LÓPEZ, 2017; HIRSCH; GONZÁLES; CICCONE, 2006; MOZZILLO; PUPP SPINASSÉ, 2020; SICHRA, 2003, 2016, 2019; SPOLSKY, 2021). Nesse cenário, esta dissertação tem como objetivo contribuir para a compreensão dos motivos que levam os pais pertencentes ao povo indígena Leco de Apolo, na Amazônia boliviana, a decidir entre transmitir as línguas indígenas ou o espanhol para seus filhos. Para alcançar esse propósito, utilizamos uma metodologia multifacetada, que inclui uma abordagem qualitativa, descritiva, colaborativa e etnográfica. Essa seleção metodológica baseia-se em fundamentos teóricos e conceituais que a tornam apropriada para gerar dados linguísticos, dados sobre as políticas linguísticas familiares e dados etnográficos. Por meio da análise temática dos dados gerados, identificamos que o deslocamento linguístico ocorre predominantemente em direção à língua espanhola, mas também exploramos as nuances desse processo. Os resultados destacam fatores que influenciam esse deslocamento, como a valorização cultural e a construção da identidade, a pressão social e o estigma linguístico, a educação, os fatores socioeconômicos e a desigualdade de gênero. Esses achados ressaltam a intrincada interligação entre língua, identidade e cultura, proporcionando uma compreensão mais abrangente das dinâmicas subjacentes às escolhas linguísticas e sua relação com as estruturas de poder, sociais e identitárias. A dissertação também oferece uma valiosa contribuição para o entendimento das políticas linguísticas familiares em comunidades indígenas e suas implicações para a preservação das línguas indígenas e a promoção da diversidade cultural na Bolívia.

Palavras-chave: Línguas indígenas; Lecos de Apolo; Deslocamento linguístico; Ideologias linguísticas; Políticas linguísticas familiares.

Resumen

LOAYZA VILLENA, Camila Alejandra. **Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - Las políticas lingüísticas familiares en el pueblo indígena Leco de Apolo**. Asesora: Isabella Mozzillo. Coasesora: Letícia Fonseca Richthofen de Freitas. 2023. f. Disertación (Maestría en Letras) – Programa de Posgrado en Letras, Centro de Letras y Comunicación, Universidad Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

En Bolivia, donde se realizó la investigación, las lenguas indígenas enfrentan una continua y progresiva pérdida de hablantes, a pesar de su integración en el sistema educativo y de su oficialización por parte del Estado (LÓPEZ, 2008; RIVERA, 2010; SICHRA, 2009; 2013). Varios estudios indican que las medidas gubernamentales no han logrado detener la disminución de hablantes, ya que la falta de transmisión intergeneracional, influenciada por las políticas lingüísticas familiares e ideologías lingüísticas, se considera un factor crítico (ÁLBO, 2015; AMORÓS-NEGRE; ZIMMERMAN; LÓPEZ, 2017; HIRSCH; GONZÁLES; CICCONE, 2006; MOZZILLO; PUPP SPINASSÉ, 2020; SICHRA, 2003, 2016, 2019; SPOLSKY, 2021). En este escenario, esta tesis tiene como objetivo contribuir a la comprensión de las razones por las cuales los padres pertenecientes al pueblo indígena Leco de Apolo, en la Amazonia boliviana, deciden entre transmitir las lenguas indígenas o el español a sus hijos. Para lograr este propósito, utilizamos una metodología multifacética que incluye un enfoque cualitativo, descriptivo, colaborativo y etnográfico. Esta selección metodológica se basa en fundamentos teóricos y conceptuales que la hacen adecuada para generar datos lingüísticos, datos sobre políticas lingüísticas familiares y datos etnográficos. A través del análisis temático de los datos generados, identificamos que el desplazamiento lingüístico ocurre predominantemente hacia el idioma español, pero también exploramos las sutilezas de este proceso. Los resultados destacan factores que influyen en este desplazamiento, como la valoración cultural y la construcción de la identidad, la presión social y el estigma lingüístico, la educación, los factores socioeconómicos y la desigualdad de género. Estos hallazgos resaltan la intrincada interconexión entre el lenguaje, la identidad y la cultura, brindando una comprensión más completa de las dinámicas subyacentes a las elecciones lingüísticas y su relación con las estructuras de poder, sociales e identitarias. La tesis también ofrece una valiosa contribución para la comprensión de las políticas lingüísticas familiares en comunidades indígenas y sus implicaciones para la preservación de las lenguas indígenas y la promoción de la diversidad cultural en Bolivia.

Palabras clave: Lenguas indígenas; Lecos de Apolo; Desplazamiento lingüístico; Ideologías lingüísticas; Políticas lingüísticas familiares.

Pisiyachisqa

LOAYZA VILLENA, Camila Alejandra. **Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - Ayllu simi kamachiykuna Leco de Apolo indígena ayllupi**. Yuyaychaq: Isabella Mozzillo. Kuska yuyaychaq: Leticia Fonseca Richthofen de Freitas. 2023. f. Disertación (Maestría en Letras) – Programa de Postgrado en Letras, Centro de Letras y Comunicación, Pelotas Ilaqtapi Hatun Yachay Sunturnin, Pelotas, 2023.

Bolivia suyupi, maypichus mask'ay ruwasqa karqa, indihina simikunaqa sapa kuti, pisimanta pisi rimaq chinkachiywan tarikunku, sistema educativo nisqaman hukllawakuptinkupas, Estadopa oficializacinnin kaptinpas (LÓPEZ, 2008; RIVERA, 2010; SICHRA, 2009 ; 2013). Achka yachaykunam qawarichin gobiernopa ruwayninkuna mana harkayta atisqankuta rimaqkuna pisiyayninta, chaymi mana miraypura transmisión nisqa, ayllu simipa kamachikuyninkunawan, ideología lingüística nisqawanpas influenciasqa, huk factor critico hina qawasqa kasqanrayku (ÁLBO, 2015; AMORÓS-NEGRE; ZIMMERMAN; LÓPEZ, 2017 HIRSCH, GONZÁLES, CICCONE, 2006, MOZZILLO, PUPP SPINASSÉ, 2020, SICHRA, 2003, 2016, 2019, SPOLSKY, 2021). Kay escenario nisqapiqa kay tesis nisqa yanapayta munan, imaraykun tayta mamakuna Leco de Apolo indígena nisqaman perteneceq, Bolivia Amazonas nisqapi, decidinku indígena simikunata otaq kastilla simita wawankuman apachinankupaq. Kayta paktachinapaqqa, achka uyayuyq metodología nisqatam llamkachinchik, chaypim kachkan enfoque cualitativo, descriptivo, colaborativo y etnográfico nisqa. Kay metodológico akllayqa teórico y conceptual nisqa fundamentokunapim kachkan, chaymi allinta ruwan datos lingüísticos, políticas de lenguas familiares nisqamanta datos nisqakunata, datos etnográficos nisqakunatapas paqarichinanpaq. Análisis temático nisqawanmi chay datos generados nisqawan riqsichiyku, cambio lingüístico nisqa aswantaqa kastilla simiman risqanmanta, ichaqa kay ruwaypa sutilidades nisqakunatapas maskayku. Chay ruwasqakunam qawarichin imakunam kay desplazamiento nisqapi influyen, chaykunam kanku valoración cultural hinaspas identidad ruway, presión social hinaspas estigma lingüístico, educación, factores socioeconómicos hinaspas desigualdad de género. Kay tarikuykunam qawarichin simi, identidad, cultura nisqakunapa sasachakuyniyuq tinkuyninta, chaymi aswan huntasqa hamutayta qun simi akllaykunapa ukunpi kaq dinámica nisqamanta, chaynallataq atiywan, socialwan hinaspas identidadpa estructurankunawan tupasqanmanta. Chay tesis nisqapas ancha chaninniyuqmi yanapayta, ayllu simikunapa kamachikuyninkunata hamut'anapaq, indígena Ilaqtakunapi, chaynallataq Bolivia suyupi indígena simikuna waqaychaypaq, chaynallataq imaymana kawsaykunata kallpanchanapaq ima.

Sapaq simikuna: Indígenas simikuna; Apolo Ilaqtamanta Lecos; Simimanta astakuy; Ideologías lingüísticas nisqakuna; Ayllu simimanta kamachiykuna.

Lista de figuras

Figura 1	Mapa do território dos Lecos	14
Figura 2	Mapa da localização dos Lecos e seu território	39
Figura 3	Organograma da organização comunal	43
Figura 4	Organograma da organização do CIPLA	44
Figura 5	Mapa demográfico das comunidades lecas de 2010	46
Figura 6	Mapa da localização da comunidade de Torewa	48
Figura 7	Organograma da organização sociopolítica de Torewa	53
Figura 8	Tabela 1: Utilização de Cores nos Genogramas	90
Figura 9	Genograma 1: Família de Graciela	90
Figura 10	Genograma 2: Família de Gabi	91
Figura 11	Genograma 3: Família de Roxana e Adelaida	92
Figura 12	Genograma 4: Família de Liz	93
Figura 13	Genograma 5: Família de Mercedes	94
Figura 14	Genograma 6: Família de Frida	94
Figura 15	Genograma 7: Família de Silvia, Martina e Candelaria	95
Figura 16	Genograma 8: Família de Fatima	96

Sumário

1 Introdução	8
1.1 Contextualização e apresentação do tema	8
1.2 Tema	15
1.3 Justificativa da pesquisa	15
1.4 Objetivos	18
1.4.1 Geral	18
1.4.2 Específicos	18
1.5 Perguntas da pesquisa	19
1.6 Estrutura do trabalho	19
2 Revisão de literatura	21
2.1 Ideologias linguísticas	21
2.2 Políticas linguísticas	27
2.3 Políticas linguísticas familiares	31
2.4 Bilinguismo e transmissão intergeracional de línguas indígenas	33
2.5 Revitalização cultural e linguística no âmbito familiar	36
3 Contexto sociocultural da pesquisa	39
3.1 Descrição do povo indígena Leco de Apolo	39
3.1.1 Localização geográfica	39
3.1.2 História e cultura	40
3.1.3 Dados demográficos	45
3.2 Descrição da comunidade de Torewa	46
3.2.1 Localização geográfica	47
3.2.2 História e organização social	48
3.2.3 Características sociodemográficas	49
4 Metodologia	54
4.1 Abordagem metodológica	54

4.2 Colaboradoras, consultoras e coteorizadoras da pesquisa	56
4.3 Geração de dados	58
4.4 Análise dos dados	62
4.5 Questões éticas	64
5 Resultados e discussão	66
6 Conclusão	109
7 Referências	116

1 Introdução

1.1 Contextualização e apresentação do tema

O título desta pesquisa, escrito em língua quíchua, "Qhichwa chinkapuchkan mana wawasman yachachisqanchikrayku - As políticas linguísticas familiares no povo indígena Leco de Apolo, Bolívia", pode causar estranhamento aos leitores brasileiros, visto que se trata de uma língua pouco conhecida no contexto nacional. Minha escolha de incluir uma língua indígena nesta dissertação é intencional e deve, portanto, ser entendida como uma chamada de atenção sobre a importância de preservar as línguas indígenas, assim como de garantir o acesso dessas comunidades à educação.

Essa escolha linguística é uma manifestação de resistência e de afirmação identitária que procura provocar a reflexão sobre a invisibilidade das línguas indígenas em nossas sociedades. Muitas vezes, as línguas indígenas são ignoradas ou consideradas como "deficientes" e "inferiores" em relação às línguas dominantes, como o espanhol e o português. Além disso, é importante destacar que, dentro das próprias comunidades indígenas, existe uma hierarquia linguística que pode contribuir para essa desvalorização. Ao incorporar o quíchua e outras línguas indígenas neste estudo, desafio não apenas a perspectiva monolíngue e monocultural enraizada no imaginário coletivo, mas também a hierarquia linguística que muitas vezes persiste, estimulando um diálogo sobre a relevância da diversidade linguística e cultural e destacando a importância de todas as línguas indígenas, independentemente de sua posição na hierarquia.

Essa escolha linguística também reflete um princípio essencial da minha investigação: a interconexão entre a perda das línguas indígenas e a ausência de transmissão intergeracional, como expresso no título em português da pesquisa: "O quíchua está se perdendo porque as crianças não falam mais". Esse título é extraído de uma conversa registrada em um livro dedicado à revitalização linguística e sintetiza a essência do meu estudo. O foco está na relação crítica entre a sobrevivência das línguas indígenas e a transmissão intergeracional, um tópico que será explorado em detalhes ao longo desta dissertação.

A inclusão das línguas indígenas no mundo acadêmico é um dos muitos alicerces que podem contribuir para a sua revitalização. Quando uma língua é valorizada e utilizada em diferentes contextos, seja na pesquisa acadêmica, na literatura, na mídia ou na educação, ela pode se tornar mais visível para as comunidades que a falam e acessível para a sociedade como um todo. Isso pode estimular o interesse pela língua e sua transmissão para as gerações futuras. Além disso, é crucial estabelecer uma conexão mais direta entre o mundo acadêmico e as comunidades indígenas, garantindo que o conhecimento produzido seja compartilhado e aplicado de forma relevante nas próprias comunidades. Essa colaboração bidirecional pode ajudar a alcançar a revitalização linguística de maneira mais eficaz.

Neste contexto, é fundamental compreender as causas da perda de línguas indígenas. O adormecimento dessas línguas não é resultado do acaso, mas sim de uma violação sistemática dos direitos linguísticos e humanos dos povos indígenas. A imposição e a onipresença das línguas dominantes impedem que os falantes de línguas indígenas exerçam plenamente sua cidadania, participem de processos políticos e tenham acesso à informação, educação e saúde. Como resultado, os falantes de línguas indígenas são marginalizados em suas próprias comunidades e na sociedade em geral.

Essa marginalização dos povos indígenas não é um fenômeno novo, mas tem raízes profundas no período colonial. A exploração dos recursos naturais tem sido uma das principais causas do genocídio indígena na América Latina¹. O extrativismo, que beneficia um setor reduzido da população e afeta a maioria, prioriza a geração de lucros às custas do sofrimento das comunidades e da destruição dos ecossistemas. Para justificar essa exploração predatória, o discurso hegemônico utiliza adjetivos desumanizantes como "bárbaros", "servos" e "feras", procurando dessa forma a assimilação forçada ou o extermínio desses povos.

Infelizmente, essas práticas violentas ainda persistem na atualidade. A poluição dos rios que sustentam a alimentação dos povos indígenas da Amazônia

¹ Neste trabalho, nossa região é nomeada como América Latina em homenagem à intelectual negra Lélia Gonzalez (1935 - 1994) e sua luta por visibilizar a presença das comunidades ameríndias e de origem africana, reconhecendo a contribuição das culturas minorizadas, oprimidas, para a formação histórico-cultural do nosso continente.

boliviana com mercúrio, decorrente da mineração aurífera, é um exemplo alarmante. Além disso, o extermínio dos Yanomami por garimpeiros amparados pelo governo de Bolsonaro é outro caso chocante de exploração desenfreada dos recursos naturais, em detrimento da vida e da dignidade dos povos indígenas.

Diante deste cenário, é imprescindível reconhecer a importância da preservação das culturas indígenas e de suas formas de relação com a natureza. Devemos nos envolver com as lutas por terra, território e autonomia, para que possamos construir uma sociedade mais justa e sustentável. É fundamental entender que a revitalização linguística é um aspecto crucial, mas não pode ser alcançada sem priorizar a melhora das condições de vida dos povos indígenas como um todo.

O foco deste estudo recai sobre a Bolívia, um cenário carregado de significados e relevância. Minha escolha está embasada não apenas na necessidade acadêmica, mas também na essência pessoal. Sendo de origem boliviana e diretamente influenciada pelo compromisso dedicado de meu pai, Oscar Loayza Cossio (WCS), com a conservação dos povos indígenas na região amazônica, evidencio uma conexão íntima e familiar que amplifica a relevância de minha decisão. Essa ligação pessoal juntamente com o pano de fundo histórico e cultural da Bolívia, um país que abriga uma rica diversidade linguística e comunidades indígenas, acentua a relevância intrínseca dessa escolha. Ao optar por esse caminho, não somente expressei um desejo genuíno de contribuir para as comunidades indígenas, mas também atesto meu empenho concreto em compreender a intricada dinâmica por trás da perda de falantes das línguas indígenas. Essa perspectiva pessoal enriquece a pesquisa, incorporando vivências e entendimentos únicos, que agregam uma dimensão emocional e empática à abordagem acadêmica.

Dentro do contexto boliviano, minha escolha direciona-se para a região da Amazônia boliviana, que se destaca pela notável diversidade linguística. Essa área geográfica é parte da região linguística Mamoré-Guaporé, abrangendo extensas terras baixas bolivianas e se estendendo até o estado de Rondônia, no Brasil. Nesse cenário, mais de 50 línguas indígenas distintas, representando diversas famílias linguísticas e possivelmente línguas independentes, coexistem, tornando

essa região um dos centros de maior diversidade linguística na América do Sul e possivelmente no contexto global (FUNPROEIB, 2009, p. 281). Esse cenário linguístico complexo desempenha um papel fundamental neste estudo, como será detalhado posteriormente.

Apesar dessa riqueza linguística, na Bolívia, observou-se uma redução de mais de 20% no número de falantes de línguas indígenas em um intervalo de pouco mais de uma década. Segundo o Instituto Nacional de Estatística da Bolívia, em 2001, 62,2% da população boliviana falava alguma língua indígena, enquanto em 2012 essa proporção havia diminuído para 41,0% (INE, 2013). Uma série de fatores contribuíram para esse declínio, incluindo: 1) Políticas linguísticas discriminatórias, que favorecem o espanhol em detrimento das línguas indígenas; 2) Urbanização e migração para áreas urbanas; 3) Integração no mercado de trabalho; e 4) Discriminação étnica e linguística. Explorarei mais a fundo alguns desses fatores nas seções subsequentes desta dissertação.

A preservação das línguas indígenas é uma questão de grande importância na Bolívia e o governo tem adotado várias medidas para valorizar e proteger essas línguas. Exemplos dessas ações incluem a oficialização de 36 línguas indígenas na Constituição Política do Estado de 2009 e sua inclusão em programas educacionais por meio da Lei de Educação Avelíño Siñani - Elizardo Pérez de 2010. No entanto, apesar dessas medidas estatais, o número de falantes de línguas indígenas continua diminuindo, o que demonstra que outra maneira de abordar a revitalização linguística deve ser pensada.

Nesta investigação, defendo a perspectiva de que a família deve ser considerada um eixo central na preservação das línguas indígenas, uma vez que é neste ambiente que ocorre a transmissão intergeracional dessas línguas. A participação dos progenitores em conjunto com a comunidade e o Estado, em espaços de diálogo e cooperação, pode contribuir significativamente para fortalecer as políticas de preservação das línguas indígenas na Bolívia.

Para incentivar a transmissão intergeracional de línguas indígenas nas comunidades e evitar o seu adormecimento, é fundamental compreender as políticas linguísticas familiares e as ideologias linguísticas que as configuram. São essas políticas que influenciam quais línguas serão utilizadas pelos membros da

família (MOZZILLO; PUPP SPINASSÉ, 2020) e são configuradas pelas crenças, valores e atitudes dos progenitores em relação à linguagem e ao seu uso (DE OLIVEIRA; FABRICIO, 2022). Diversos autores, como Albó (2015), Amorós-Negre, Zimmerman, e López (2017), Hirsch, Gonzáles e Ciccone (2006), Mozzillo e Pupp Spinassé (2020), Sichra (2016) e Spolsky (2021), destacam a importância desse entendimento para compreender a vitalidade das línguas e estimular sua transmissão.

Minha pesquisa está inspirada na proposta de Rita Segato (2016) denominada "antropologia por demanda". Essa abordagem visa romper com a tradição colonizadora da pesquisa científica, onde o pesquisador assume uma posição de poder em relação às comunidades estudadas. Ao ser demandada pelas comunidades, sou colocada em uma posição de serviço e colaboração, o que permite uma construção mais horizontal do conhecimento. Além disso, a "antropologia por demanda" busca produzir conhecimento útil e relevante para as comunidades, em contraposição a um fazer científico puramente teórico e desvinculado da realidade social.

Este estudo atende a uma demanda específica do CIPLA (Central Indígena do Povo Leco de Apolo), que vem buscando reafirmar sua identidade e cultura desde a década de 90, como parte de suas lutas por terra, território e autonomia. Os Lecos estão localizados na região sudeste da Amazônia, no departamento de La Paz, província de Franz Tamayo, na Bolívia (ver figura 1).

Para fins da pesquisa, selecionei a comunidade de Torewa, uma das dezenove comunidades lecas. Essa escolha foi feita levando em consideração o tempo disponível para realizar o trabalho de campo e as especificidades da investigação. Torewa é uma comunidade indígena que exemplifica a riqueza linguística dos povos indígenas do sudeste da Amazônia boliviana. Sua localização é particularmente notável, pois se encontra em um polígono titulado, ou seja, uma área reconhecida e titulada pelo Estado. No entanto, vale ressaltar que Torewa está situada consideravelmente distante de Apolo, a região onde se concentram a maioria das comunidades lecas, em polígonos não titulados.

Essa distância geográfica é um fator que contribui para a diversidade linguística da comunidade. A separação de Torewa em relação às comunidades

lecas mais próximas resultou na presença de uma variedade de línguas, incluindo o rik'a, o aimará, o quáchua, o tsimane, o moseten e o espanhol. Essa diversidade linguística pode ser vista como um reflexo da complexa história sociocultural da região. No entanto, a distância geográfica também pode gerar preocupações e receios por parte de outros membros das comunidades lecas. A localização remota de Torewa, somada à presença de outros povos, como os tsimanes e os mosetenes, pode levantar questões sobre a identidade e a pertença de Torewa como parte do povo leco.

Neste contexto, a pesquisa sobre políticas linguísticas familiares torna-se crucial para o entendimento da dinâmica de transmissão intergeracional de línguas indígenas. Ao compreender as ideologias e práticas adotadas pelos pais em relação às línguas indígenas e ao espanhol, podemos desenvolver estratégias que fortaleçam o uso das primeiras e promovam sua continuidade entre as gerações mais jovens. A pesquisa visa, portanto, contribuir para a preservação das línguas indígenas em comunidades como Torewa, um passo significativo em direção à revitalização linguística e à afirmação das identidades culturais indígenas.

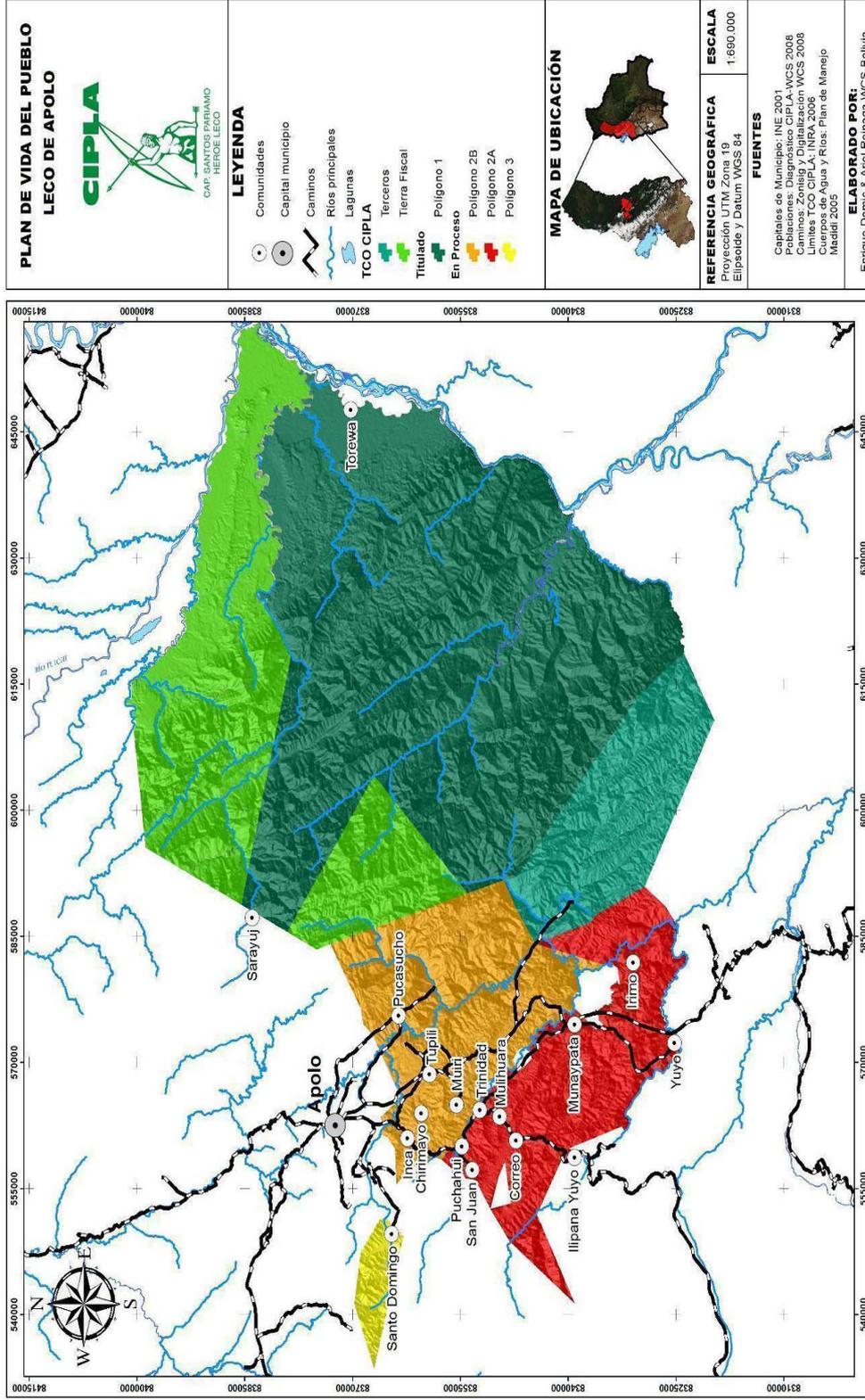


Figura 1 — Mapa do território dos Lecos.

Fonte: CIPLA e WCS, 2010, p.

1.2 Tema

Este é um estudo realizado na comunidade de Torewa, pertencente ao povo indígena Leco de Apolo, localizado na Amazônia boliviana, que procura compreender a configuração das políticas linguísticas familiares, as quais influenciam que línguas serão transmitidas intergeracionalmente.

1.3 Justificativa da pesquisa

As investigações linguísticas são fundamentais para compreender a relação entre língua, cultura e identidade dos povos indígenas. Esse entendimento é especialmente vital no caso do povo Leco de Apolo, uma comunidade que se vê confrontada com questionamentos relacionados à sua identidade e autoidentificação como indígenas por algumas organizações campesinas.

Os Lecos enfrentam desafios significativos, principalmente em relação à preservação de sua língua, o rik'a, devido a processos de colonização e à exploração de recursos naturais. Esses fatores exercem pressão sobre a vitalidade da cultura leca e a sua identidade como povo indígena. Portanto, esta pesquisa desempenha um papel crucial ao buscar compreender a influência das políticas linguísticas familiares na formação da identidade leca. Tal entendimento é essencial para decifrar os mecanismos subjacentes à manutenção ou ao adormecimento da língua e cultura de um povo.

A comunidade de Torewa foi escolhida como cenário ideal para a realização da pesquisa devido à sua formação multiétnica, que inclui falantes de seis línguas diferentes, como o rik'a, aimará, tsimane, moseten, quíchua e espanhol. Essa diversidade linguística oferece a oportunidade de investigar como as questões linguísticas são influenciadas pela convivência e contato entre diferentes culturas. Além disso, este estudo busca estabelecer uma comparação entre as políticas linguísticas adotadas pelas famílias de acordo com a língua falada, suas ideologias linguísticas e outros fatores que afetam as línguas e as culturas. A análise também inclui como essas questões afetam a identidade e coesão da comunidade, bem como as estratégias utilizadas pelas pessoas para lidar com esses assuntos.

Este estudo visa construir novas perspectivas no campo da revitalização linguística na Bolívia, com um foco direcionado para a importância dos membros da família nesse processo. A revitalização linguística representa um esforço dedicado a recuperar e fortalecer línguas que estão em declínio, preservando, assim, aspectos vitais da cultura e identidade dos povos que as falam. No entanto, a ênfase nas políticas linguísticas familiares como uma peça-chave nesse quebra-cabeça responde à necessidade identificada por Inge Sichra (2003) para os linguistas se aproximarem das interações reais entre falantes de línguas minoritárias/minorizadas, onde o uso da língua está diminuindo, apesar das ações governamentais.

Os impactos desta pesquisa se manifestam tanto na prática quanto na academia. Primeiramente, ela pode proporcionar uma compreensão mais profunda e específica dos desafios e oportunidades enfrentados pelas famílias indígenas na Bolívia em relação à preservação de suas línguas. Essas informações podem servir como base para o desenvolvimento de políticas mais eficazes de revitalização linguística voltadas para o contexto familiar. Em segundo lugar, o estudo pode inspirar novas abordagens e estratégias para lidar com a revitalização linguística em um contexto multilíngue, potencialmente tendo impactos significativos na realidade social e acadêmica do país. Portanto, a pesquisa se destina a contribuir diretamente para a valorização e preservação das línguas indígenas na Bolívia, alinhando-se com o espírito do Decênio Internacional das Línguas Indígenas, que visa manter a vitalidade das línguas ameaçadas até 2032.

Quanto à abordagem do quíchua nesta pesquisa, é relevante ressaltar que a língua é amplamente falada na comunidade de Torewa. Entretanto, ao revisar a literatura existente, ficou evidente que a maioria das pesquisas sobre o quíchua e suas dinâmicas linguísticas, incluindo questões relacionadas ao deslocamento para o espanhol, concentra-se principalmente no departamento de Cochabamba, onde o quíchua tem maior presença.

Para esta investigação, foi consultado o acervo do Centro Interdisciplinar PROEIB Andes, referência internacional em questões de EIB (Educação Intercultural Bilíngue) e aspectos ligados às línguas indígenas, principalmente as dissertações do mestrado em sociolinguística. Dos trinta e nove trabalhos

disponíveis, dez se focaram na língua quíchua, sendo sete no departamento de Cochabamba (ALEJO, 2016; AVILÉS, 2017; AYAVIRI, 2015; BALDERRAMA, 2015; CHOQUE, 2019; MAMANI, 2018; NUÑEZ, 2016) e os outros três nas regiões de Oruro (SOTO, 2018), Beni (RODRIGUEZ, 2015) e Chuquisaca (VARGAS, 2019). Esses trabalhos tratam do uso da língua quíchua por migrantes, nas escolas, nas comunidades e do deslocamento linguístico pelo espanhol. No entanto, nenhum deles tem como foco as políticas linguísticas familiares. Por isso, este trabalho se concentra em preencher essa lacuna e investigar as políticas linguísticas familiares em relação ao quíchua e outras línguas faladas na comunidade, já que essa é uma área pouco explorada na literatura acadêmica e pode ter um impacto significativo na preservação dessas línguas.

Além de preencher a lacuna sobre as políticas linguísticas familiares relacionadas ao quíchua e outras línguas da comunidade, esta investigação também busca abordar questões vinculadas aos mitos sobre o bilinguismo infantil. A literatura acadêmica geralmente destaca a importância de desenvolver a habilidade bilíngue nas crianças desde cedo, no entanto, existem mitos difundidos na sociedade que podem impedir a valorização e a prática do bilinguismo, como, por exemplo, a crença de que aprender duas línguas desde a infância pode ser prejudicial para o desenvolvimento cognitivo ou que as crianças podem confundir as línguas (MOZZILLO, 2015; OQUENDO, 2018).

Nesse sentido, é relevante verificar a existência desses mitos na comunidade e avaliar como eles afetam a promoção e o uso das línguas indígenas. É importante ressaltar que, durante a revisão bibliográfica, não foram encontradas referências na literatura de autores bolivianos sobre o tema dos mitos em relação ao bilinguismo infantil, o que torna este estudo ainda mais relevante. Dessa forma, busca-se contribuir para a desmistificação dessas ideias na ciência e entre os participantes, promovendo o bilinguismo infantil como um recurso valioso para a preservação e a valorização das línguas indígenas na Bolívia.

Espera-se, assim, que esta dissertação possa contribuir para o entendimento dos processos de revitalização linguística e cultural entre os povos indígenas da Bolívia, especialmente os Lecos, e que seus resultados possam ser utilizados em políticas públicas e práticas educacionais mais eficazes para a preservação dessas

línguas e culturas, em consonância com o Decênio Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032). O Decênio busca difundir os perigos que afrontam as línguas indígenas e promover ações para manter sua vitalidade. Além disso, espera-se que este estudo possa estimular mais investigações e reflexões sobre as questões abordadas, contribuindo para o desenvolvimento da academia boliviana e para a valorização da diversidade linguística e cultural do país.

1.4 Objetivos

Objetivo geral

O objetivo geral desta pesquisa é descrever e analisar as políticas linguísticas familiares e seus impactos na transmissão intergeracional de línguas minoritárias/minorizadas na comunidade de Torewa, pertencente ao povo indígena Leco de Apolo, na Amazônia boliviana.

Objetivos específicos

Com esta investigação qualitativa, de caráter descritivo e sociolinguístico, pretendo de forma específica:

- Identificar as ideologias linguísticas que influenciam a natureza das políticas linguísticas familiares dos Lecos da comunidade de Torewa, as quais interferem na transmissão intergeracional das línguas minoritárias/minorizadas.
- Verificar a existência de mitos sobre o bilinguismo infantil que podem afetar a transmissão intergeracional de uma língua minoritária/minorizada.
- Apontar as possíveis influências da escola na formação de ideologias e nas práticas linguísticas dos progenitores.
- Desenvolver, em conjunto com as famílias da comunidade, possíveis ações que possam levar a uma revitalização linguística com enfoque no âmbito familiar.

1.5 Perguntas de pesquisa

- Nas famílias Lecas da comunidade de Torewa, quais são as ideologias linguísticas que configuram as políticas linguísticas familiares e como elas influenciam a transmissão intergeracional das línguas minoritárias/minorizadas?
- Existem mitos sobre o bilinguismo infantil no imaginário dos progenitores que impedem a transmissão intergeracional das línguas minoritárias/minorizadas? Se sim, quais são eles?
- Quais são as possíveis influências da escola na formação de ideologias e nas práticas linguísticas dos progenitores?
- Quais são as estratégias que podem ser traçadas com as famílias da comunidade para iniciar um processo de revitalização linguística com foco no âmbito familiar?

1.6 Estrutura do trabalho

A estrutura desta dissertação é composta por seis partes principais: 1) Introdução, 2) Revisão de Literatura, 3) Contexto sociocultural da pesquisa, 4) Metodologia, 5) Resultados e Discussão, 6) Conclusão e 7) Referências.

Na primeira parte, faço a apresentação do tema da investigação, contextualizando-o e justificando sua relevância. Além disso, apresento as hipóteses e os objetivos (geral e específicos), bem como as perguntas de pesquisa que serão respondidas ao longo do estudo.

Já o segundo capítulo, a revisão da literatura, contém a pesquisa bibliográfica sobre o assunto estudado, apresentando o que já foi pesquisado e discutido por outros autores. Neste caso, os conceitos abordados são: ideologias linguísticas (WOOLARD, 1998; KROSKRITY, 2022; IRVINE; GAL, 2000), políticas linguísticas (ALTENHOFEN, 2013; ANTONUCCI; GUTHS, 2015; CALVET, 2007, HORNBERGER, 1996; SICHRA, 2003; SPOLSKY, 2021), políticas linguísticas familiares (LUYKX, 2014; MORONI, 2018; MOZZILLO; PUPP SPINASSÉ, 2020; SICHRA, 2003, 2016, 2019), bilinguismo e transmissão intergeracional de línguas minoritárias/minorizadas (ALBÓ, 2015; COTACACHI, 1996; EDWARDS;

PRITCHARD, 2006; GARCÍA; WEI, 2014; MOZZILLO, 2015; RIVERA, 2010; SPOLSKY, 2003), revitalização cultural e linguística no âmbito familiar (FUNPROEIB, 2019, 2022; GIL, 2020).

No terceiro capítulo, a metodologia, descrevo a abordagem metodológica, a caracterização da pesquisa, o cenário e os colaboradores, a geração e a análise dos dados, bem como as questões éticas envolvidas (ANACONA, 2020; ANDER-EGG, 2011; BARRAGÁN, 2007; KATZER; SAMPRÓN, 2012; RAPPAPORT, 2022; RESTREPO, 2018; SPEDDING, 2013; ULCHUR, 2020).

O quarto capítulo é dedicado ao contexto sociocultural da pesquisa, no qual forneço uma descrição detalhada do povo indígena Leco de Apolo e da comunidade de Torewa, incluindo localização geográfica, história, cultura, dados demográficos e organização social (CIPLA; WCS, 2009, 2010a, 2010b, 2022; DÍEZ, 2016; FONTANA, 2010; UNICEF; FUNPROEIB, 2009, MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO, S/A).

No quinto capítulo apresento os resultados e a discussão, onde são abordadas as ideologias e políticas linguísticas familiares na comunidade de Torewa, os mitos sobre bilinguismo infantil e sua relação com a transmissão intergeracional de línguas minoritárias/minorizadas, as influências da escola na formação de ideologias e práticas linguísticas familiares e as possibilidades de revitalização linguística com enfoque no âmbito familiar.

Por fim, na conclusão trago uma síntese dos resultados obtidos, as contribuições do estudo, as limitações e sugestões para futuros pesquisadores. Ademais, o trabalho é finalizado com as referências bibliográficas.

2 Revisão de literatura

Nesta seção da dissertação, dedicada à revisão da literatura, apresentarei definições fundamentais que estabelecerão uma base conceitual sólida para compreender as ferramentas e conceitos utilizados ao longo da pesquisa. As seguintes definições serão abordadas de forma detalhada: Ideologias linguísticas, Políticas linguísticas, Políticas linguísticas familiares, Bilinguismo e transmissão intergeracional, bem como a Revitalização cultural e linguística (RCyL) no âmbito familiar. Essas definições fornecerão os fundamentos teóricos necessários para uma análise aprofundada das relações entre língua, identidade, poder e cultura, aspectos essenciais para uma compreensão abrangente das práticas linguísticas em contextos socioculturais específicos.

2.1 Ideologias linguísticas

As ideologias linguísticas desempenham um papel fundamental na pesquisa, uma vez que constituem uma ferramenta transversal ao processo de análise dos dados e exposição dos resultados. Ao definir claramente o que são as ideologias linguísticas, é possível compreender como as crenças, valores e percepções relacionadas à linguagem influenciam as dinâmicas sociais, e vice-versa.

As ideologias linguísticas abrangem uma variedade de convicções que atravessam a forma como as pessoas de diferentes origens sociais e culturais percebem e utilizam as línguas. Essas convicções podem estar presentes de maneira explícita ou implícita, atuando como moldes que dão forma às avaliações linguísticas e orientam as maneiras de se comunicar (KROSKRITY, 2022, p. 2). Em outras palavras, as ideologias linguísticas guiam a forma como os falantes avaliam e interpretam as línguas, exercendo um papel fundamental na construção das atitudes e comportamentos linguísticos. Por exemplo, essas crenças podem estar relacionadas à percepção da superioridade ou inferioridade de línguas específicas.

Uma das cinco definições essenciais das ideologias linguísticas é o papel que desempenham na promoção, proteção e legitimação de interesses particulares. Esses interesses podem estar relacionados à manutenção do poder, à preservação de privilégios de classe ou à defesa de uma determinada cultura ou identidade linguística. Uma evidência disso é a imposição de um padrão hegemônico que

beneficia certos grupos sociais em detrimento de outros, levando à estratificação e desigualdade social (KROSKRITY, 2022, p. 7). Complementando, Bloch defende a ideia de que as ideologias funcionam como estruturas de representação que encobrem os processos sociais e conferem legitimidade a uma determinada ordem social (apud WOOLARD, 1998, p. 8).

Uma segunda definição das ideologias linguísticas é sua multiplicidade, que decorre da diversidade de divisões sociais significativas. Cada uma dessas divisões produz sua própria perspectiva sobre a língua com base em experiências sociais específicas, como classe, gênero, raça, nacionalidade, sexualidade, entre outras. Constatar a multiplicidade das ideologias linguísticas também implica reconhecer que existem conflitos entre elas devido à presença de ideologias dominantes que encontram oposição. Essa diversidade de perspectivas pode, por sua vez, promover mudanças linguísticas à medida que diferentes ideologias interagem e se influenciam mutuamente. A interação entre as diversas ideologias pode moldar a maneira como as línguas são usadas e percebidas, contribuindo para a evolução linguística ao longo do tempo (KROSKRITY, 2022, p. 8).

Neste estudo, o reconhecimento da diversidade de ideologias linguísticas conduz à exploração da justaposição de perspectivas ideológicas, considerando o contexto de pesquisa sobre línguas indígenas. É inegável que haverá conflitos entre as ideologias dominantes da sociedade majoritária, que explícita ou implicitamente propagam a superioridade do espanhol, e as ideologias que podem existir em nível comunitário e individual, as quais atribuem valor identitário e simbólico às línguas minoritárias/minorizadas.

Também, considerando que Torewa é uma comunidade multilíngue, a diversidade das ideologias linguísticas se manifesta na maneira como cada indivíduo percebe sua(s) língua(s) e a(s) língua(s) dos outros. Desse modo, é possível identificar as divergências que surgem dentro da comunidade, as quais não se restringem apenas à valoração das línguas, mas também à valoração de seus falantes. Nessa investigação, a análise cuidadosa desses conflitos permitirá compreender como as percepções linguísticas são moldadas pelas forças sociais e culturais, bem como o papel das línguas indígenas na construção de identidades e significados na comunidade.

Uma terceira definição é a disparidade de conhecimento e compreensão que os membros de uma comunidade podem ter em relação às ideologias linguísticas presentes em seu idioma local (KROSKRITY, 2022, p. 10). A diversidade de compreensão pode surgir devido à complexidade e sutileza das ideologias linguísticas que moldam a maneira como as pessoas percebem, avaliam e usam a língua. Alguns membros da comunidade podem ter uma consciência clara e articulada de suas crenças linguísticas, sendo capazes de expressá-las abertamente em discussões e interações sociais. Por outro lado, os indivíduos podem ter uma compreensão mais implícita dessas ideologias, que pode ser inferida através de suas práticas linguísticas cotidianas (ibidem).

Essa diversidade de compreensão também pode ser configurada pelos contextos sociais e culturais em que os indivíduos estão inseridos. Aqueles que pertencem a grupos minoritários/minorizados ou marginalizados podem ser mais sensíveis e conscientes das ideologias dominantes que promovem a língua de uma comunidade majoritária em detrimento de suas línguas ou variedades. Em contraste, aqueles que se identificam mais com as ideologias dominantes podem estar menos conscientes das desigualdades linguísticas e das formas sutis em que as ideologias linguísticas podem operar.

Uma quarta definição reside no papel mediador das ideologias linguísticas entre as estruturas sociais e as práticas linguísticas (KROSKRITY, 2022, p. 12). Em outras palavras, as ideologias linguísticas funcionam como uma ponte que conecta as normas sociais, crenças e valores de uma determinada comunidade com a maneira como as pessoas usam a linguagem em suas interações diárias. Esse vínculo entre as ideologias e as formas de falar influencia como as pessoas se expressam linguisticamente, refletindo suas identidades culturais e sociais, bem como suas visões de mundo. Portanto, as ideologias linguísticas têm um papel significativo na seleção das práticas comunicativas e na dinâmica das relações sociais dentro de uma comunidade.

No contexto desta pesquisa, esse aspecto está intimamente relacionado ao caráter ideológico que permeia o processo de substituição de uma língua por outra. Nesse caso, o estudo visa também identificar e analisar as ideologias que configuram as práticas comunicativas em que uma língua é favorecida em

detrimento de outra. Ao compreender as ideologias subjacentes a essa preferência linguística, é possível obter uma compreensão mais aprofundada dos fatores socioculturais e políticos que influenciam a dinâmica de mudança linguística, bem como influenciam a vitalidade e permitem o deslocamento das línguas indígenas em favor do espanhol.

No texto de Irvine e Gal (2000), as autoras identificam e descrevem três processos semióticos que as pessoas utilizam para construir representações ideológicas das diferenças linguísticas. Esses processos, conhecidos como recursividade fractal, apagamento e iconização, são essencialmente meios pelos quais as pessoas criam e comunicam suas crenças e atitudes em relação à linguagem e suas variações. Através da identificação e descrição desses procedimentos, as autoras lançam luz sobre a forma como as ideologias linguísticas são construídas e mantidas, assim como sobre como podem ser desafiadas ou modificadas. Essa compreensão também contribui para a pesquisa realizada, pois ao identificar a ação da recursividade fractal, do apagamento e da iconização, é possível compreender como as ideologias têm influenciado a perda da diversidade linguística e o desaparecimento ou fortalecimento de línguas minoritárias/minorizadas.

A recursividade fractal refere-se à repetição de padrões ideológicos em diferentes níveis da sociedade, o que pode levar à homogeneização das práticas linguísticas, favorecendo o uso de línguas majoritárias em detrimento das minoritárias/minorizadas. O apagamento, por sua vez, envolve a supressão ou marginalização de certas variedades linguísticas, frequentemente associadas a grupos étnicos ou culturais minoritários, o que pode contribuir para o declínio dessas línguas ou variedades.

Além disso, a iconização, como o processo de atribuir valores simbólicos a determinadas formas de falar, pode reforçar estereótipos e preconceitos linguísticos, desvalorizando, por exemplo, línguas indígenas e levando à sua substituição pelas línguas dominantes. Esses processos têm papéis cruciais na construção das representações ideológicas das diferenças linguísticas, e conseqüentemente, podem impactar diretamente a vitalidade ou desaparecimento de línguas minoritárias/minorizadas.

A quinta e última definição das ideologias linguísticas é que elas desempenham um papel ativo na construção e representação de diversas identidades sociais e culturais (KROSKRITY, 2022, p. 13). Em outras palavras, as ideologias linguísticas são poderosas ferramentas para criar narrativas identitárias que refletem os valores, crenças e pertencimentos de diferentes grupos sociais e culturais. Elas influenciam como as pessoas se enxergam e são percebidas pelos outros com base na sua língua e forma de falar.

As ideologias linguísticas têm sido utilizadas, por exemplo, para gerar coesão e construir uma ideia de nação, refletindo os interesses dos grupos dominantes na sociedade, enquanto subjagam os grupos minoritários/minorizados, que não dominam a língua oficial. Essas ideologias podem ser empregadas para consolidar a identidade nacional e criar um senso de unidade entre os falantes da língua dominante, fortalecendo o sentimento de pertencimento e coesão social, mas também podem gerar sentimentos opostos entre os falantes de outras línguas.

É de extrema importância reconhecer que as ideologias linguísticas podem ser utilizadas como mecanismos de controle e opressão pelas instituições detentoras do poder (KROSKRITY, 2022, p. 7). Neste estudo, a escola se apresenta como uma dessas instituições, onde se fomenta o deslocamento linguístico das línguas indígenas em favor do espanhol. Assim, a escola e outras instituições disseminam ideologias linguísticas que privilegiam a língua oficial em detrimento das línguas minoritárias/minorizadas, reforçando as hierarquias sociais existentes e perpetuando a marginalização dos grupos subordinados.

Os grupos minoritários/minorizados são frequentemente pressionados a internalizar narrativas que os descrevem de forma negativa, o que pode resultar na perda de suas próprias identidades linguísticas e culturais. Essa aculturação pode ser motivada pelo desejo de evitar violências, escapar do sentimento de vergonha, evitar exclusão dos espaços sociais e políticos e não serem privados de oportunidades e recursos.

No texto de Woolard (1998), encontramos uma análise profunda do conceito de ideologias linguísticas. O texto sugere que existem duas abordagens para compreender a ideologia na pesquisa linguística. Uma forma é enxergar a ideologia

como um conjunto sistemático e coerente de crenças e valores que são internamente consistentes e logicamente conectados. Essa abordagem assume que a ideologia é um sistema estável e bem definido que pode ser analisado e compreendido por meio de observação e análise cuidadosas. A outra forma de ver a ideologia é considerá-la um fenômeno mais fluido e dinâmico, caracterizado por contradições e inconsistências internas. Essa perspectiva pressupõe que a ideologia está em constante evolução e mudança em resposta às pressões sociais e políticas, muitas vezes sendo moldada por interesses conflitantes e valores em disputa.

Essas duas abordagens oferecem diferentes maneiras de analisar e interpretar as ideologias linguísticas. A primeira enfatiza a estrutura e a estabilidade das ideologias, buscando identificar padrões e relações lógicas entre crenças e valores. Por outro lado, a segunda abordagem reconhece a fluidez e a complexidade das ideologias, destacando como elas podem ser moldadas por diferentes forças e interesses sociais.

Ambas as perspectivas têm seu mérito na compreensão das ideologias linguísticas. A abordagem mais estável e sistêmica permite uma análise mais aprofundada das estruturas subjacentes das ideologias, revelando suas implicações e efeitos mais amplos na sociedade. Enquanto isso, a perspectiva mais fluida e dinâmica pode captar melhor a natureza mutável das ideologias e sua relação com as mudanças políticas e sociais.

Neste estudo, o foco na perspectiva sociolinguística em relação às ideologias linguísticas desempenha um papel central na análise. A sociolinguística, como campo de estudo, investiga a interseção entre linguagem e sociedade, e dentro dessa abordagem, as ideologias linguísticas desempenham um papel crucial.

Com base na visão sociolinguística e retomando ideias previamente apresentadas, as ideologias linguísticas são um conjunto complexo de crenças, valores e atitudes que moldam o uso e a percepção das línguas em diversos contextos sociais e culturais. Ademais, essas crenças podem variar amplamente entre os membros de uma mesma comunidade, refletindo as experiências e perspectivas individuais.

As análises abordadas nesta seção da dissertação, derivadas de várias pesquisas, destacam a complexidade e a importância das ideologias linguísticas na configuração da sociedade. É indiscutível que o estudo das ideologias linguísticas não apenas viabiliza a compreensão da interação entre linguagem e sociedade, mas também oferece percepções valiosas para a formulação de políticas linguísticas mais inclusivas e equitativas. A análise minuciosa dessas ideologias pode oferecer estratégias eficazes para a preservação e o fortalecimento das línguas indígenas, bem como para a promoção do respeito pela diversidade linguística e cultural em ambientes educacionais e sociais.

2.2 Políticas linguísticas

Com o propósito de estabelecer uma base sólida para compreender a amplitude e os matizes das políticas linguísticas, é essencial reconhecer a evolução da definição desse conceito ao longo das décadas. No contexto histórico, as políticas linguísticas eram inicialmente concebidas, na metade do século XX, como os esforços dos Estados para administrar o plurilinguismo em suas nações (CORREA; GÜTHS, 2015, p. 151 - 154). Entretanto, à medida que o campo da linguística avançou e as perspectivas sociais e culturais se ampliaram, essa definição se transformou. Atualmente, a abordagem das políticas linguísticas transcende as fronteiras estatais e se expande para considerar uma gama diversificada de influências e atores. Nesse sentido, o entendimento dessa evolução conceitual é crucial para iluminar a motivação subjacente a esta pesquisa.

Como base para contextualizar e analisar as concepções passadas sobre políticas linguísticas, utilizarei os princípios teóricos apresentados por Louis-Jean Calvet em sua obra *As políticas linguísticas* (2007). A escolha desse livro se justifica pelo seu valor histórico e pela capacidade de ilustrar as concepções tradicionais sobre políticas linguísticas. Um aspecto que ressalta da obra de Calvet é a ênfase que ele concede ao papel do Estado na formulação e implementação dessas políticas. Ele descreve as políticas linguísticas como "repressoras" (p. 75), uma vez que dependem de suporte jurídico, como leis, decretos ou reformas constitucionais, para serem efetivadas na sociedade. Essa ligação intrínseca com a lei confere às políticas linguísticas uma natureza essencialmente estatal (p. 21), o que resulta em imposições que refletem as inclinações ideológicas do governo em vigor. Essa

dinâmica se manifesta nas diversas abordagens governamentais em relação ao multilinguismo, podendo variar entre a promoção ou a restrição da diversidade linguística.

Exemplos de ambas as abordagens podem ser encontrados tanto na história boliviana quanto na brasileira, ao considerarmos a relação das instituições detentoras do poder com os povos indígenas. Antes do reconhecimento dos direitos linguísticos pelo Conselho Mundial dos Povos Indígenas e pela Declaração de Barbados em 1971, prevalecia nessa relação o processo de assimilação por meio da aculturação. Esse cenário possibilitou a formulação de políticas linguísticas que favoreciam a supressão das línguas indígenas em prol do espanhol, como foi o caso da Bolívia. Essas políticas consideravam as línguas indígenas como um obstáculo à integração e ao desenvolvimento nacional, além de subestimarem tanto as línguas quanto os próprios povos indígenas, considerando-os inferiores (LÓPEZ, 2006, p. 239; LÓPEZ, 2008, p. 42 - 43; MONSONYI, 1998, p. 2).

Com as lutas lideradas pelos povos indígenas em busca do reconhecimento de suas culturas, territórios e autonomia em todo o continente, os Estados viram-se compelidos a encarar o plurilinguismo sob uma nova perspectiva. Isso se reflete, por exemplo, no Brasil, com o reconhecimento dos direitos linguísticos e culturais das comunidades indígenas na Constituição Federal de 1988 (OLIVEIRA, 2011, p. 6).

No contexto boliviano, alguns marcos históricos merecem destaque por representarem tentativas de desenvolvimento de uma sociedade bilíngue. A partir de 1980, conforme observa López (2009, p. 163-164), os indígenas passaram a ser reconhecidos e reconhecer-se como atores políticos legítimos, o que culminou em duas demandas cruciais: a reforma da educação com a inclusão das línguas indígenas nas salas de aula e a participação nas decisões relativas ao âmbito educacional. Um acontecimento de relevância igualmente marcante foi a Marcha Indígena pelo Território e Dignidade de 1990, que resultou no reconhecimento da Bolívia como um país multiétnico e multicultural, culminando na reforma constitucional e na implementação de um currículo educativo baseado na Educação Intercultural Bilíngue (EIB)² em 1994 (LÓPEZ, 2006, p. 247).

² A Educação Intercultural Bilíngue (EIB) é um modelo educativo que surgiu como iniciativa dos povos indígenas ladinoamefricanos na década de 1940, com diferentes abordagens para a incorporação do bilinguismo nas salas de aula (LÓPEZ, 2009, p. 131). Isso resultou em uma

Voltando a Calvet, outro ponto essencial da sua teoria é a diferenciação entre a gestão *in vivo* e a gestão *in vitro*. O autor define gestão *in vivo* como a maneira como as pessoas enfrentam os desafios de comunicação cotidianos (2007, p. 69). Já a gestão *in vitro* decorre das análises e propostas dos linguistas, bem como das decisões tomadas por políticos para solucionar questões linguísticas, frequentemente sem a participação direta das comunidades envolvidas. Essa discrepância pode dar origem a conflitos entre essas abordagens, caso as escolhas *in vitro* entrem em choque com a gestão *in vivo* ou os sentimentos linguísticos dos falantes (p. 70). Além disso, vale ressaltar que a gestão *in vivo*, que surge de maneira orgânica nas comunidades de falantes, apresenta uma distinção marcante em relação à gestão *in vitro*, a qual é uma decisão política e, diferentemente da primeira, não ocorre de forma espontânea (p. 75).

No contexto apresentado, é claro que tanto a gestão *in vitro* quanto a *in vivo* são sugeridas, por meio das expressões "enfrentar desafios" e "solucionar questões linguísticas", como ferramentas empregadas para a resolução de problemas relacionados à linguagem, conforme delineado no pensamento de Calvet (2007, p. 69-70). É de suma importância ressaltar que essa abordagem tende a negligenciar o fato de que, por meio das políticas linguísticas, busca-se principalmente influenciar as identidades dos falantes de uma língua e não solucionar problemas (MAHER, 2013, p. 120 - 121 *apud* CORREA; GÜTHS, 2015, p. 147).

A perspectiva de Calvet sobre as políticas linguísticas tem servido como guia para as ações estatais em relação às línguas ao longo do território ladinoameficano. Um exemplo claro disso é o conjunto de medidas implementadas pelo Estado boliviano para a manutenção e revitalização das línguas indígenas, como o reconhecimento constitucional dos direitos linguísticos, a criação de entidades públicas para a preservação e promoção do uso das línguas indígenas, além da sua oficialização (FUNPROEIB, 2019, p. 17). No entanto, embora essas ações possuam um peso simbólico, não têm se mostrado efetivas diante da

reformulação do currículo escolar com o objetivo de incluir as línguas indígenas, de modo que o ensino seja conduzido em e por meio delas, tanto em escolas urbanas quanto rurais. Ao mesmo tempo, a abordagem intercultural da EIB busca garantir que os aspectos culturais e identitários dos povos indígenas sejam reconhecidos como válidos, e que encontrem espaço nas salas de aula para serem disseminados e valorizados.

contínua perda de falantes das línguas indígenas, conforme evidenciado pelo estudo de Xavier Albó (2015), que analisou os censos realizados entre 1950 e 2001.

Estudos de pesquisadores como Monsonyi (1998), Sichra (2003, 2013, 2019), Apaza (2012) e Amorós-Negre, López e Zimmermann (2017) ressaltam que as políticas linguísticas implementadas na Bolívia desde 1994 até os dias atuais, com o objetivo de preservar a vitalidade da diversidade linguística, tiveram seu foco restrito primordialmente ao âmbito formal, sobretudo na esfera educacional. Além disso, deixaram de considerar ativamente a participação das comunidades indígenas no processo decisório, mesmo quando se prometeu sua inclusão, o que muitas vezes gerou a percepção de que tais políticas eram impostas de cima para baixo, sem levar em consideração suas necessidades imediatas ou realidades cotidianas.

Essas políticas foram concebidas e implementadas seguindo o modelo "top-down", no qual as diretrizes são estabelecidas pelo governo e aplicadas à sociedade em geral, como delineado por Spolsky (2009, p. 70). Um exemplo dessa dinâmica é a Reforma Educacional de 1994 (CANCINO, 2008, p. 70), que, embora inicialmente tenha contribuído para o aumento do número de pessoas proficientes tanto em línguas indígenas quanto em espanhol, acabou por resultar, com o tempo, na predominância do monolinguismo em espanhol para a maioria (ALBÓ, 2015, p. 130). Esse desdobramento decorreu, em parte, da falta de reconhecimento e valorização do papel dos falantes de línguas indígenas dentro da estrutura social (SICHRA, 2013, p. 29).

Como resultado das limitações impostas por fatores políticos, econômicos e sociais, muitos desses falantes se veem diante de um dilema complexo, no qual se deparam com a difícil escolha entre a preservação de sua língua e a busca por oportunidades e mobilidade social. Essa realidade desafia não apenas a manutenção linguística, mas também a própria identidade cultural e os horizontes de progresso individual e coletivo. Nesse contexto, é essencial reconhecer a importância de uma abordagem mais colaborativa, inclusiva e sensível às necessidades das comunidades indígenas na formulação e implementação de políticas linguísticas, a fim de garantir resultados mais eficazes e sustentáveis.

Com base em tudo o que foi apresentado até este ponto, torna-se evidente que não se pode contar exclusivamente com o governo ou a escola como os únicos setores capazes de preservar e revitalizar as línguas minoritárias/minorizadas. Reconhecer a esfera familiar desempenha um papel fundamental na garantia da transmissão intergeracional e, conseqüentemente, na vitalidade de uma língua. Portanto, é pertinente explorar agora o tema das políticas linguísticas familiares.

2.3 Políticas linguísticas familiares

Antes de adentrarmos na compreensão das políticas linguísticas familiares e na mudança que ocorreu quanto ao papel do Estado na sua formulação e implementação, é primordial esclarecer o conceito de vitalidade linguística.

A vitalidade de uma língua, segundo os critérios estabelecidos pela UNESCO (2003), refere-se à sua capacidade para prosperar e continuar a ser uma forma de comunicação efetiva no âmbito social, cultural e educacional. Essa vitalidade não é apenas uma questão quantitativa, relacionada ao número de falantes, mas também qualitativa, considerando o uso da língua em diversas esferas da vida cotidiana.

Os critérios da UNESCO avaliam a vitalidade de uma língua com base em diferentes fatores, incluindo o número de falantes, a idade dos falantes, o uso em diferentes contextos, as funções socioculturais que desempenha, a atitude dos falantes em relação à língua e sua transmissão intergeracional (2003, p. 6 - 16). A análise destes fatores conduz, naturalmente, à discussão das políticas linguísticas familiares.

Os teóricos Spolsky (2021) e Cooper (1989) questionam a predominância do Estado no âmbito das políticas linguísticas. Nas suas definições do que seria uma política linguística, Spolsky (p. 9) e Cooper (*apud* SOUSA; DIONÍSIO, 2019, p. 268 - 269) reconhecem a influência dos falantes e suas práticas na trajetória de uma língua, bem como as crenças e ideologias que moldam tais práticas. No caso de Spolsky, identifica três componentes independentes, porém interligados, da política linguística: prática linguística, crenças linguísticas e ideologia, e gerenciamento linguístico.

Esse enfoque destaca a relevância de domínios frequentemente negligenciados pelas políticas governamentais, como o ambiente familiar e a família, que desempenham um papel crucial na transmissão intergeracional da língua. Conforme os critérios de vitalidade linguística da UNESCO, fica claro que uma língua está em perigo quando a transmissão entre gerações é interrompida (2003, p. 7). Por conseguinte, as políticas linguísticas familiares desempenham um papel crucial na preservação de uma língua (SPOLSKY, 2021, p. 11). Essas políticas podem ser compreendidas como as decisões tomadas no ambiente doméstico, de forma consciente ou não, sobre quais línguas serão utilizadas pelos integrantes da família (MOZZILLO; PUPP SPINASSÉ, 2020, p. 1303). Essa dinâmica adquire ainda maior relevância no contexto das línguas indígenas, uma vez que a transmissão intergeracional é crucial para a continuidade da existência de novos falantes, tornando, assim, sua preservação essencial.

Cooper (1989), por sua vez, expande a abordagem tradicional de planejamento linguístico, que se concentra na planificação do corpus (por exemplo, seleção e codificação de vocabulário, gramática e ortografia) e do status (fatores sociais e políticos que moldam a posição de uma língua na sociedade multilíngue). Ele introduz um terceiro aspecto crucial: a planificação da aquisição, que se refere aos esforços deliberados para promover o aprendizado e uso de uma língua por indivíduos ou grupos que não a têm como língua materna (COOPER, 1989 *apud* SOUSA; DIONÍSIO, 2019, p. 268 - 269). Essa ampliação da perspectiva de planejamento linguístico reconhece que a vitalidade e sustentabilidade de uma língua também dependem da promoção ativa de sua aprendizagem e uso.

Essa perspectiva ampliada está intimamente relacionada ao tema da transmissão intergeracional da língua e à sua vitalidade, destacando a necessidade de esforços deliberados para garantir que a língua seja aprendida e usada em contextos diversos. Ambos os estudos permitem reconhecer que o ambiente familiar e a família desempenham um papel crucial na transmissão da língua, o que, por sua vez, contribui significativamente para a vitalidade e preservação da língua.

Sobre os atores envolvidos na formulação e implementação das políticas linguísticas familiares, é importante destacar que, embora sejam frequentemente considerados os progenitores os protagonistas na determinação das escolhas

linguísticas dentro do lar, essa concepção é questionada pelo estudo "Los niños como agentes de socialización: políticas lingüísticas familiares en situaciones de desplazamiento lingüístico" de Aurolyn Lukyx (2014). O trabalho de Lukyx lança luz sobre uma perspectiva inovadora ao considerar as crianças como agentes ativos de socialização no contexto linguístico. A autora explora como as crianças podem ser portadoras de ideologias e práticas linguísticas adquiridas na escola, o que, por sua vez, pode influenciar e moldar as políticas linguísticas familiares. Nesse sentido, a dinâmica entre os pais, as crianças e o ambiente escolar desempenha um papel complexo e interconectado na configuração das políticas linguísticas familiares em situações de deslocamento linguístico.

Em síntese, a análise das políticas linguísticas familiares desempenha um papel fundamental na pesquisa, pois oferece perspectivas valiosas sobre como as decisões tomadas no âmbito doméstico impactam diretamente a transmissão intergeracional das línguas indígenas. Compreender as escolhas linguísticas feitas dentro das famílias não apenas ilumina os mecanismos que influenciam a vitalidade das línguas, mas também revela o papel crucial da dinâmica familiar na preservação ou declínio dessas línguas. Ao examinar as práticas linguísticas, crenças e ideologias presentes nos lares, é possível identificar fatores-chave que afetam a continuidade das línguas em contextos multilíngues, como a comunidade de Torewa.

2.4 Bilinguismo e transmissão intergeracional de línguas indígenas

O conceito de bilinguismo merece uma análise de sua definição ao longo das décadas, uma vez que a evolução de sua compreensão permite um entendimento mais profundo da formação de ideologias que podem influenciar as políticas linguísticas familiares.

No trabalho de Garcia e Wei (2014), são apresentadas várias abordagens do bilinguismo, algumas das quais continuam pertinentes, pois não implicam na troca de uma pela outra, mas sim em uma perspectiva distinta de um único fenômeno. No caso da visão tradicional do bilinguismo, este é visto como a capacidade de um indivíduo de se comunicar em mais de uma língua, implicando noções como proficiência e competência. Isso significa que uma pessoa é considerada bilíngue

quando sua produção linguística não apresenta interferências nem *code-switching*, já que ambos os processos são estigmatizados como indícios de falta de competência ou proficiência adequadas (p. 11 - 12).

Cummins (1979) contrapõe-se à perspectiva convencional do bilinguismo ao afirmar que, apesar das aparentes diferenças nos elementos estruturais de dois idiomas, há uma interdependência cognitiva subjacente. Essa interdependência viabiliza a transferência de práticas linguísticas entre os idiomas, ou seja, o conhecimento e as habilidades adquiridas em um idioma podem ser aplicados ao outro (*apud* GARCÍA; WEI, 2014, p. 13). Nesse contexto, fazendo uma dedução, um indivíduo bilíngue é aquele que não apenas domina duas línguas, mas também é capaz de articular eficazmente as competências adquiridas em uma língua para enriquecer sua expressão na outra.

Por sua vez, o bilinguismo dinâmico (GARCÍA; WEI, 2014, p. 14) é um conceito que transcende as visões convencionais do bilinguismo e a apresentada por Cummins. Essa abordagem reconhece que a linguagem vai além do mero uso de palavras e gramática, englobando também gestos, entonação, expressões faciais e outros recursos multimodais que transmitem significado e emoção. Além disso, compreende-se que a linguagem é um processo dinâmico e criativo, envolvendo a negociação e a coconstrução de significados entre interlocutores que trazem consigo suas próprias bagagens linguísticas e culturais para a interação. Essa perspectiva revela que as práticas linguísticas podem variar significativamente de acordo com o contexto, as influências sociais e culturais, e a contribuição individual dos participantes. (p. 14 - 16).

A compreensão limitada do bilinguismo na sociedade frequentemente resulta na criação e disseminação de mitos. Por 'mitos', neste trabalho, faço referência a ideias que, embora amplamente mantidas, carecem de base sólida em evidências científicas. Essas concepções errôneas surgem devido à falta de conhecimento adequado sobre o bilinguismo e o multilinguismo.

Esses mitos são problemáticos porque, muitas vezes, influenciam as percepções e decisões das famílias em relação à transmissão de suas línguas às gerações mais jovens. Eles podem abranger crenças infundadas sobre como o bilinguismo afeta o desenvolvimento das crianças, sobre o status de uma língua em

relação a outras, ou sobre a viabilidade de manter línguas minorizadas/minoritárias. Quando essas concepções equivocadas são adotadas e perpetuadas, podem prejudicar as línguas indígenas e suas comunidades, afetando negativamente as políticas de revitalização. Portanto, desmistificar e corrigir esses mitos é crucial para promover a preservação linguística e o sucesso das políticas de revitalização, garantindo que as percepções sejam fundamentadas em informações precisas e não em equívocos.

A pesquisadora Mozzillo (2015) compilou diversos mitos relacionados ao bilinguismo em seu artigo "Algumas considerações sobre o bilinguismo infantil". Essas noções equivocadas, amplamente difundidas na sociedade, abrangem desde visões negativas que desencorajam o bilinguismo (como a falsa crença de que aprender duas línguas simultaneamente prejudicará o desenvolvimento infantil ou que ser bilíngue afetará negativamente o desempenho escolar) até percepções excessivamente positivas que idealizam o bilinguismo (como a ideia errônea de que apenas indivíduos inteligentes dominam mais de uma língua ou que o aprendizado de múltiplas línguas automaticamente impulsiona o desenvolvimento cognitivo).

Esses mitos desempenham um papel crucial na tomada de decisão dos pais em relação à educação linguística de seus filhos, influenciando as práticas linguísticas familiares. Identificar e desmistificar essas noções equivocadas é um passo essencial no estabelecimento de políticas linguísticas familiares eficazes, que promovam o bilinguismo e a preservação das línguas minoritárias. Portanto, o reconhecimento desses mitos emerge como um componente fundamental no estudo sobre políticas linguísticas familiares, pois permite compreender melhor os fatores que moldam as escolhas linguísticas dentro do ambiente doméstico.

Um exemplo do esforço para promover o bilinguismo é evidenciado em um projeto de revitalização da língua galesa, que visa transmitir os benefícios do bilinguismo aos pais por meio do envolvimento do pessoal de saúde durante a gravidez. O estudo descrito no artigo de Edwards e Pritchard (2006) ilustra essa abordagem, que tem como objetivo conscientizar os pais sobre a importância de transmitir sua língua e cultura aos filhos, fornecendo-lhes as ferramentas necessárias para efetivar essa transmissão. A pesquisa de Edwards e Pritchard oferece uma estratégia tangível para enfrentar desafios relacionados à

desmistificação do bilinguismo, concentrando-se na conscientização dos pais durante a gravidez.

Ao considerar tanto as barreiras mitológicas quanto as abordagens práticas para promover o bilinguismo, é possível desenvolver métodos mais eficazes e abrangentes para enfrentar os desafios da revitalização linguística.

2.5 Revitalização cultural e linguística no âmbito familiar

A revitalização linguística envolve ações que visam resgatar ou reaprender línguas minoritárias/minorizadas em comunidades onde essas línguas já foram amplamente utilizadas e preferidas, mas que agora estão em risco de extinção (López, 2015, p. 206 citado em FUNPROEIB, 2022, p. 22).

A abordagem específica de revitalização linguística estudada nesta pesquisa é conhecida como "revitalização idiomática impulsionada a partir da família" (FUNPROEIB, 2022, p. 14). Essa abordagem tem como principal objetivo restabelecer a transmissão da língua de uma geração para outra, com ênfase no papel dos progenitores e do ambiente familiar nesse processo. A transmissão intergeracional desempenha um papel fundamental para garantir a continuidade de uma língua minoritária/minorizada, pois é através dela que novos falantes são formados e, conseqüentemente, a língua é preservada e utilizada (p. 26).

Portanto, a ideia de Gil sobre a importância de promover o uso das línguas indígenas como uma possibilidade de viver e desfrutar na própria língua (2020, p. 123) é fundamental para a revitalização linguística. Ela se alinha com a necessidade de que a presença da língua seja reconhecida em diversos ambientes e situações, a fim de evitar o silenciamento e a vergonha em relação à língua e cultura indígenas. A inclusão dessa ideia reforça a importância de valorizar e promover a língua em todas as esferas da vida cotidiana porque a revitalização linguística no âmbito familiar não deve se limitar apenas ao uso da língua dentro de casa.

Além disso, é importante reconhecer que a conscientização linguística não necessariamente leva a uma mudança nos hábitos linguísticos. Aqueles que deixaram de transmitir e utilizar sua língua podem estar cientes da importância de preservá-la, porém enfrentam obstáculos ao tentar modificar suas práticas

linguísticas diárias, como optar por falar espanhol com seus filhos pequenos (GIL, 2020, p. 123). Tal resistência se deve a uma série de fatores, muitos dos quais transcendem o domínio linguístico. O contato com a sociedade dominante, o enfrentamento de discriminação e racismo pelas comunidades indígenas, a vergonha ligada à própria identidade e a desvalorização da língua e cultura nativas são apenas alguns exemplos. Também, casamentos interétnicos, a influência da religião e da igreja no uso da língua, disparidades econômicas e um sistema educacional direcionado ao espanhol têm contribuído para essa interrupção (FUNPROEIB, 2022, p. 28).

Assim, a revitalização linguística transcende questões puramente linguísticas, abraçando uma dimensão política e de luta, englobando a defesa da terra, do território e da autonomia. A defesa da diversidade linguística está intrinsecamente conectada à defesa da diversidade biológica, cultural e epistêmica, pelo qual ao preservarmos as línguas, também protegemos as identidades e as formas únicas de ser e se relacionar com o mundo.

Os exemplos de projetos de revitalização linguística são diversos e adaptados a diferentes contextos. Nesse sentido, a proposta para a comunidade de Torewa será definida em conjunto com os membros da comunidade, levando em consideração seus interesses e as especificidades locais. Para isso, serão utilizados exemplos de propostas desenvolvidas em contextos semelhantes como referência (FUNPROEIB, 2019a, 2019b, 2019c, 2022).

A particularidade de Torewa é que ela é uma comunidade formada por falantes de cinco línguas indígenas distintas, que utilizam o espanhol como uma língua franca para se comunicar entre si. Essa diversidade linguística apresenta tanto desafios quanto oportunidades para a revitalização linguística no âmbito familiar.

Nesse processo de revitalização linguística em Torewa, é essencial destacar o papel das mulheres. Elas desempenham um papel fundamental na transmissão intergeracional da língua e na construção da identidade cultural da comunidade. A participação ativa das mulheres será incentivada, valorizando seus conhecimentos linguísticos e culturais, bem como seu papel como mães e educadoras.

As mulheres de Torewa foram ouvidas e envolvidas na definição das estratégias para a revitalização das línguas indígenas na comunidade. Seus conhecimentos e experiências serão valorizados, permitindo que elas sejam protagonistas nesse processo. A inclusão de perspectivas de gênero e o empoderamento das mulheres serão aspectos centrais no planejamento e implementação do projeto. Com uma abordagem inclusiva, sensível às particularidades locais e enfatizando o papel das mulheres, a proposta de revitalização linguística em Torewa estará mais bem preparada para enfrentar os desafios e alcançar o objetivo de preservar e fortalecer as línguas indígenas na comunidade.

Portanto, ao abordar a revitalização idiomática impulsionada a partir da família, são consideradas medidas que promovam o uso e a transmissão da língua nas interações cotidianas dentro das famílias. Isso inclui incentivar a comunicação entre pais e filhos na língua minoritária/minorizada, criar recursos educacionais adequados para as famílias e promover atividades culturais que fortaleçam o vínculo entre a língua e a identidade cultural dos falantes. Assim, fica claro que a vitalidade de uma língua não depende apenas do contexto escolar ou governamental, mas também do ambiente familiar e das interações diárias que ocorrem em casa e na comunidade.

3 Contexto sociocultural da pesquisa

Neste capítulo da dissertação, descreve-se o contexto sociocultural, apresentando uma visão geral sobre o povo Leco (incluindo informações sobre sua localização, história, organização sociopolítica e dados demográficos) e, em seguida, são oferecidas informações relevantes sobre a comunidade de Torewa, que foi selecionada para este estudo.

3.1 Descrição do povo indígena Leco de Apolo

3.1.1 Localização geográfica

O povo indígena Leco de Apolo encontra-se no sudoeste da Amazônia, na província de Franz Tamayo, departamento de La Paz, na Bolívia. Nessa região de transição entre o ecossistema altiplânico e o amazônico, a paisagem é marcada por florestas tropicais e subtropicais úmidas, que abrigam espécies endêmicas e uma rica biodiversidade (DÍEZ, 2016, p. 495). O mapa a seguir ilustra a localização dos Lecos e seu território, incluindo aqueles que foram titulados pelo Estado (polígono 1) ou que estão em processo de titulação (polígonos 2 e 3).

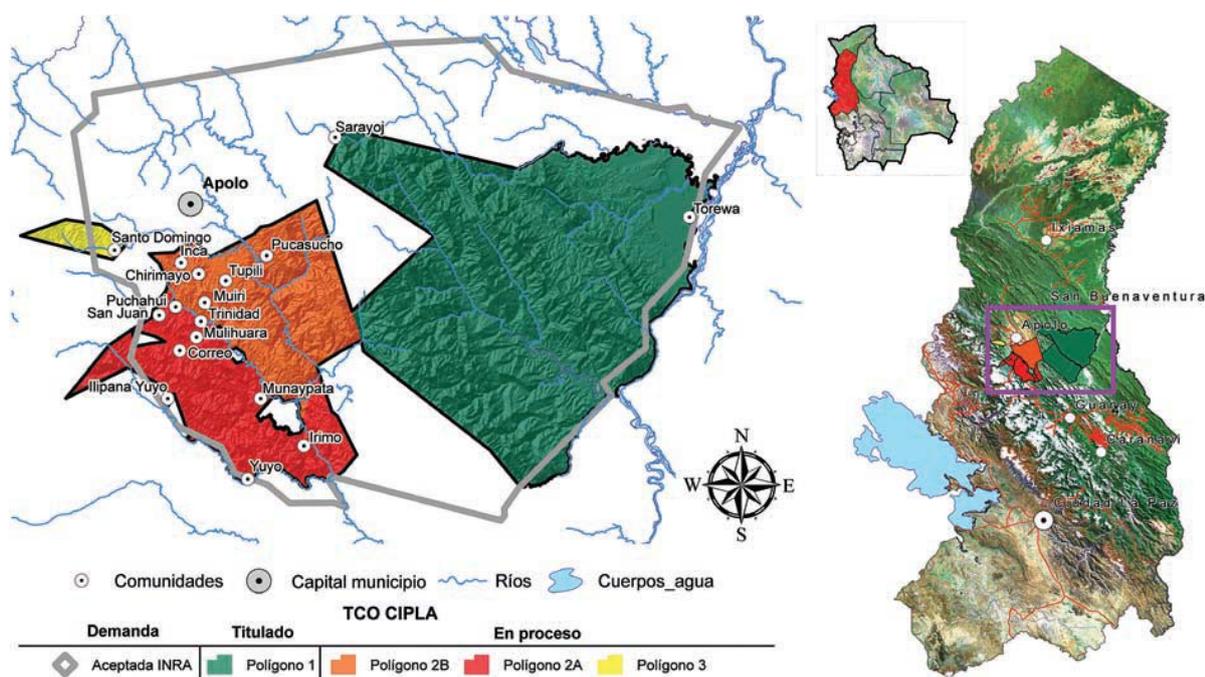


Figura 2 — Mapa da localização dos Lecos e seu território.

Fonte: CIPLA (2010)

Apesar da rica biodiversidade, a região tem sofrido com a degradação ecológica, em especial nas áreas próximas ao centro urbano de Apolo, onde o desmatamento é uma constante desde a época colonial e tem afetado a configuração dos ecossistemas (DÍEZ, 2016, p. 498). Além disso, a mineração ilegal de ouro representa uma das maiores ameaças atuais (CIPLA; WCS, 2022, p. 48), trazendo consigo a desterritorialização indígena, a contaminação de rios e afluentes com mercúrio, conflitos armados e corrupção.

A poluição dos cursos de água com mercúrio tem afetado a saúde dos povos indígenas que dependem do consumo de pescado, como os Lecos. Estudos realizados na região pela Rede Internacional de Eliminação de Contaminantes (IPEN) indicam que as mulheres do povo indígena Esse Ejjas apresentaram níveis de mercúrio no corpo 7,6 vezes acima do permitido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (GIT-OR, 2022).

Essas ameaças não afetam apenas o meio ambiente, mas também têm implicações culturais e territoriais. Na cosmovisão indígena, a relação entre cultura e território é intrínseca (SICHRA, 2019, p. 70), e isso se manifesta na tradição oral e ideográfica dos Lecos, assim como em suas principais atividades econômicas e de subsistência, fundamentais para a transmissão cultural. Por isso, a preservação dos territórios indígenas é fundamental para a manutenção das suas línguas e culturas.

Este trabalho tem como objetivo implícito denunciar as violações dos direitos humanos sofridas pelos Lecos, em particular pela comunidade de Torewa. Não se pode falar de revitalização linguística sem abordar e se envolver com a luta pela autonomia dos povos indígenas (GIL, 2020, p. 124). A comunidade de Torewa enfrenta sérias ameaças à sua autonomia devido a invasões constantes em seu território. Essas invasões são perpetradas por diferentes grupos e interesses, incluindo a mineração aurífera ilegal, envolvendo grupos colombianos e chineses, bem como a presença de produtores de coca que provocam incêndios que se espalham por todo o território dos Lecos. Além disso, a exploração de recursos naturais, como a poluição dos rios, ameaça a subsistência e a vida das

comunidades indígenas. Esta pesquisa visa destacar essas violações e contribuir para a conscientização e ações em defesa dos direitos dos Lecos.

3.1.2 História e cultura

A origem do povo Leco é indeterminada, já que não há certeza sobre sua história prévia ao domínio espanhol. Os primeiros documentos que mencionam os Lecos, as crônicas escritas na época da colônia, os definem como fugitivos do Peru ou como uma etnia autóctone da região (DÍEZ, 2016, p. 514). O nome Leco deriva da palavra *lecoa*, em sua língua rik'a, que era usada para nomear sua principal fonte de alimento, o *Amaranthus caudatus* (CIPLA; WCS, 2010b, p. 17).

Os aimarás e os Incas tiveram contato com os Lecos antes da chegada dos espanhóis, mas a relação estabelecida entre as nações tinha um cunho de dominação, com os incas e os aimarás considerando os povos amazônicos inferiores e se referindo a eles pejorativamente como "chunchos", o que quer dizer selvagens, incivilizados. A resistência leca ao controle incaico do território foi comprovada por vestígios arqueológicos encontrados na região (CIPLA; WCS, 2010a, p. 30). A miscigenação resultante do contato entre as culturas e suas línguas deu origem à atual configuração linguística da região.

As expedições militares e missões evangélicas espanholas chegaram à região motivadas pela busca do *Gran Paititi*, um suposto reino incaico cheio de riquezas localizado na Amazônia. Elas começaram a dizimar as populações que resistiam à submissão e à escravidão, e nos locais onde estabeleceram as missões, surgiram povos, o que provocou uma mistura cultural (Ibidem, p. 31). Alguns pesquisadores não consideram os Lecos uma etnia porque, nos seus pressupostos, não há possibilidade de diferenciá-los dos quíchuas (DÍEZ, 2016, p. 515).

Durante a Guerra da Independência (1809-1825), o povo leco continuou com sua tradição de resistência ao domínio espanhol, destacando-se a figura do cacique Santos Pariamo (? - 1815), cuja liderança eficiente de um batalhão numeroso de arqueiros que lutavam contra os realistas, partidários da monarquia, lhe conferiu importância histórica na memória do povo Leco até os dias de hoje (CIPLA; WCS, 2010a, p. 31; CIPLA; WCS, 2010b, p. 17; DÍEZ, 2016, p. 515).

A demarcação do território e a fundação de diferentes províncias, entre elas a de Larecaja em 1826, após a criação da república boliviana, promoveram a divisão do povo Leco em Lecos de Apolo e Lecos de Larecaja (CIPLA; WCS, 2010a, p. 31). Na atualidade, existe tensão entre os grupos e um distanciamento marcado pelos processos políticos e sociais que viveram de forma separada.

Na época republicana, a exploração de recursos naturais na região foi intensificada pelo Estado, gerando um sistema análogo à escravidão que utilizava os Lecos e outros povos indígenas como mão de obra barata e incitava um processo de desterritorialização mediante a criação de fazendas (DÍEZ, 2016, p. 516). O auge da quina, a casca de uma árvore com propriedades medicinais, e tudo o que envolveu sua exploração é uma amostra que exemplifica essa ensanguentada transformação política, social e cultural.

A reforma agrária de 1952 trouxe mudanças significativas ao cenário, permitindo a formação de comunidades. No entanto, mesmo com essa transformação, a relação com o território continuou a ser baseada no extrativismo e no estímulo do governo à colonização por pessoas do altiplano. Esse contato forçado entre culturas gerou conflitos violentos e teve impactos significativos na identidade dos povos da região (CIPLA e WCS, 2010a, p. 32).

Em 1995, a criação do *Parque Nacional y Área de Manejo Integrado Madidi* representou um dos principais limites à exploração de recursos na área. Essa medida visava proteger a região e seus recursos naturais, preservando a diversidade biológica e cultural presente no local. A criação do parque tornou-se uma importante ação para garantir a conservação da natureza e a salvaguarda dos modos de vida das comunidades locais.

Inspirados pela Revolução Nacional de 1952, os Lecos adotaram uma estrutura sindical até os anos 90, quando Eduardo Poroso criou a Central Indígena de Pueblos Originarios de Apolobamba (CIDEPOA), com o objetivo de recuperar a cultura e a história dos Lecos. A constituição da CIDEPOA gerou uma reação negativa dos camponeses, que resultou em confrontos armados entre eles e as comunidades indígenas. Em 1997, a *Central Indígena del Pueblo Leco de Apolo* (CIPLA) foi estabelecida e se tornou um espaço de diálogo entre as comunidades e

de desenvolvimento de projetos para melhorar a qualidade de vida dos Lecos por meio de convênios institucionais (CIPLA; WCS, 2010a, p. 32).

Os registros históricos indicam que o rik'a era a língua falada pelos Lecos. Durante o período das missões, o quíchua se tornou predominante nas comunidades lecas devido aos contatos linguísticos e ao maior número de falantes. Com a instauração da República, o espanhol foi gradativamente deslocando o quíchua, tornando-se cada vez mais presente nas comunidades. Hoje em dia, as línguas mais utilizadas pelos Lecos são o quíchua e o espanhol, conforme indicado por CIPLA e WCS (2010b, p. 19).

A organização sociopolítica dos Lecos é dividida em dois níveis que trabalham em conjunto: o nível comunal, que é específico de cada comunidade, e o nível de Terra Comunitária de Origem (TCO), que engloba todas as comunidades e é liderado pela CIPLA.

O organograma do nível comunal é o seguinte:

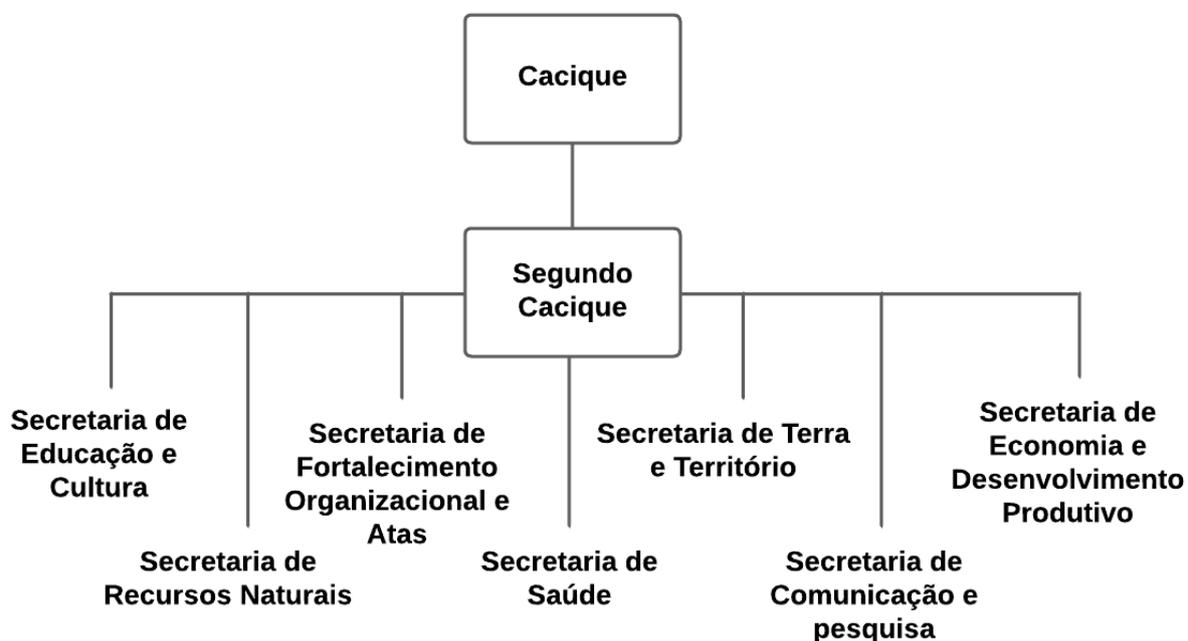


Figura 3 — Organograma da organização comunal.

Fonte: Elaboração própria com dados de CIPLA e WCS, 2010b, p. 20.

A organização comunal dos Lecos é liderada pelo cacique, que é considerado a máxima autoridade e tem a responsabilidade de tomar decisões

importantes em nome da comunidade. O segundo cacique também desempenha um papel importante na liderança comunitária, trabalhando em conjunto com o cacique para orientar a comunidade e tomar decisões em seu nome. Além disso, há várias secretarias que compõem a organização comunitária, incluindo a secretaria de educação, responsável por garantir o acesso à educação formal e tradicional nas comunidades; a secretaria de fortalecimento organizacional e atas, que cuida da documentação e do registro das atividades da comunidade; a secretaria de terra e território, responsável pela proteção e gestão das terras e recursos naturais da comunidade; a secretaria de economia e desenvolvimento produtivo, encarregada de promover o desenvolvimento econômico e produtivo das comunidades; a secretaria de recursos naturais, responsável pela gestão sustentável dos recursos naturais da comunidade; a secretaria de saúde, que atua para garantir o acesso aos serviços de saúde e bem-estar da comunidade; e a secretaria de pesquisa e comunicação, que promove a investigação e disseminação de informações relevantes para a comunidade. Juntas, essas secretarias trabalham em colaboração para garantir o bem-estar e desenvolvimento sustentável das comunidades lecas.

Em sequência, o organograma no nível de TCO:

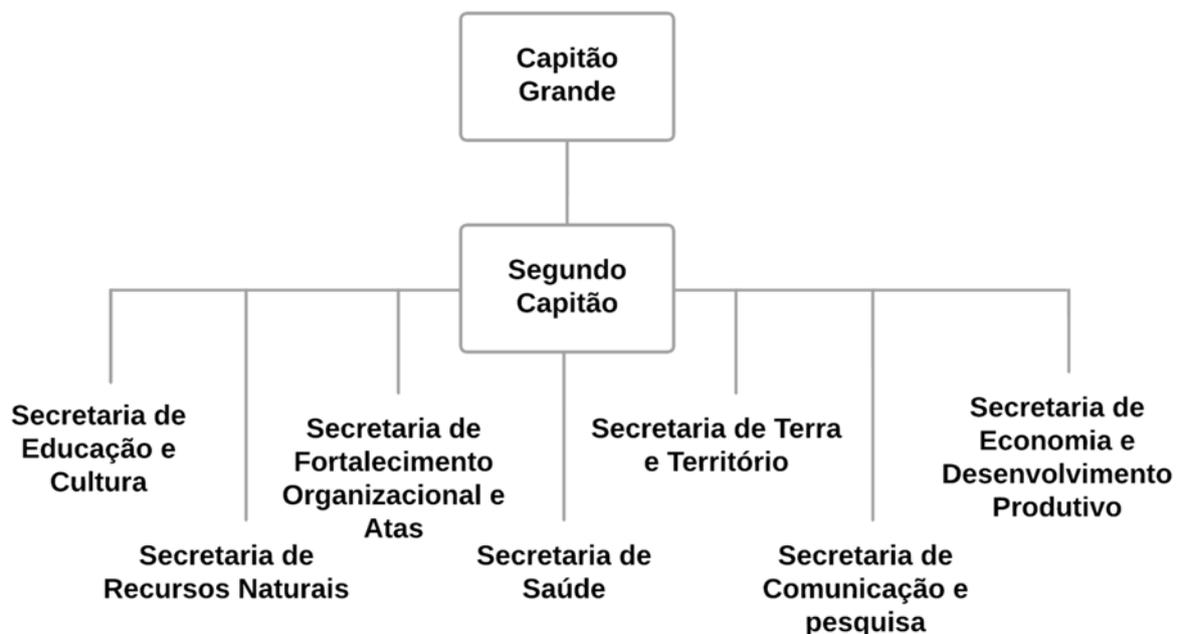


Figura 4 — Organograma da organização do CIPLA.

Fonte: Elaboração própria com dados de CIPLA e WCS, 2010b, p. 20.

Além da organização comunal, os Lecos possuem uma estrutura de nível superior, que abrange todas as comunidades, chamada Terra Comunitária de Origem (TCO). Nesse contexto, a máxima autoridade é o Capitão Grande, seguido pelo Segundo Capitão, e abaixo deles estão as secretarias de Educação, Fortalecimento Organizacional e Atas, Terra e Território, Economia e Desenvolvimento Produtivo, Recursos Naturais, Saúde, Pesquisa e Comunicação. Essa estrutura tem como objetivo coordenar as ações entre as diferentes comunidades e garantir uma gestão participativa e democrática da TCO, que é responsável pela preservação e pelo uso sustentável dos recursos naturais da região. A organização a nível de TCO é fundamental para os Lecos, pois permite uma gestão integrada e sustentável do território, além de promover a participação ativa das diferentes comunidades no processo de tomada de decisões.

3.1.3 Dados demográficos

Os dados demográficos dos Lecos foram obtidos através de dois censos realizados pela ONG WCS em 2010 e 2022. Essas pesquisas foram escolhidas porque o censo realizado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2012 não diferenciou entre os Lecos de Apolo e os de Larecaja, impossibilitando a obtenção de dados específicos para este trabalho. Segundo o INE em 2015, o número de pessoas que se declararam pertencentes ao povo leco em 2012 foi de 13.527. No entanto, ao comparar esses dados com os da WCS, é possível inferir que a maioria dos Lecos reside na província de Larecaja.

Em 2010, o povo leco de Apolo consistia em dezessete comunidades (Correo, Chirimayo, Ilipana Yuyo, Inca, Irimo, Muiri, Mulihuara, Munaypata, Pucasucho, Puchahui, San Juan, Santo Domingo, Sarayoj, Torewa, Trinidad, Tupili e Yuyo Franz Tamayo) com uma população total de 3.159 habitantes agrupados em 594 famílias. A maioria, 55%, correspondia a jovens entre 0 e 19 anos e 40% estavam em idade escolar (de 5 a 19 anos). Em 2022, duas novas comunidades foram incorporadas ao CIPLA, Cuba e Atén, totalizando dezenove. A população cresceu para um total de 3.898 indivíduos, divididos em 810 famílias. A predominância de jovens entre 0 e 19 anos caiu para 47% e 37% estavam em idade escolar.

O mapa demográfico de 2010 ilustra a densidade demográfica de cada comunidade, representada pela quantidade de famílias que moravam nelas. Atualmente, ainda não há disponível um mapa demográfico para 2023.

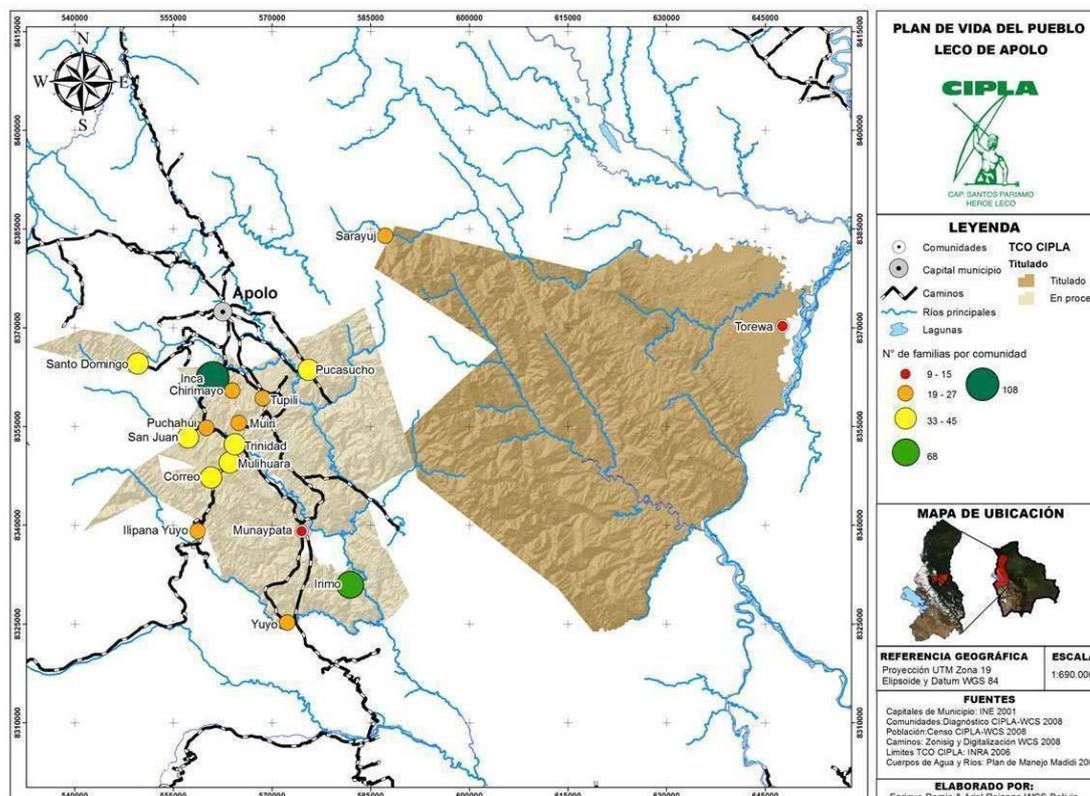


Figura 5 — Mapa demográfico das comunidades lecas de 2010.

Fonte: CIPLA e WCS, 2010a, p. 38.

3.2 Descrição da comunidade de Torewa

A escolha de focar exclusivamente na comunidade de Torewa foi feita devido aos prazos estipulados para a realização da pesquisa, buscando uma abordagem mais aprofundada e detalhada. É importante destacar que Torewa é uma comunidade multilíngue, o que acrescenta relevância ao estudo. Ao concentrar os esforços nessa comunidade específica, foi possível apresentar uma descrição completa de sua localização geográfica, as vias de acesso à região, sua história única e peculiaridades, bem como analisar em profundidade as características da população que a compõem.

Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda e precisa da relação da comunidade com seu território, levando em conta não apenas as

particularidades culturais e sociais, mas também a riqueza e a diversidade linguística presente em Torewa. Ao considerar o aspecto multilíngue dessa comunidade leco, investiguei como as diferentes línguas coexistem e se entrelaçam em seu cotidiano, contribuindo para a identidade e a coesão social do grupo.

Dessa forma, ao delimitar o escopo da investigação para uma comunidade multilíngue específica como Torewa, tornou-se viável explorar de maneira mais abrangente e significativa os aspectos relevantes para o estudo em questão, oferecendo uma contribuição mais substancial para o entendimento dessa realidade única no contexto dos povos lecos.

3.2.1 Localização geográfica

Torewa é uma comunidade localizada na província Franz Tamayo, departamento de La Paz, situada ao nordeste do centro urbano de Apolo. Limita-se ao norte com o rio Tuichi, ao sul com o rio Quendeque, ao leste com o rio Beni e ao oeste com a comunidade leca de Sarayoj (CIPLA e WCS, 2022, p. 6). A paisagem da região é caracterizada por uma planície com suaves serranias, que adquirem maior dimensão nos extremos do polígono 1, onde Torewa está situada (ver Figura 6). Na área da comunidade, encontram-se os rios Rupia e Sabacal, além de vários arroios que deságuam no rio Beni (Ibidem, p. 10). Para uma melhor visualização da localização geográfica de Torewa, o mapa a seguir ilustra a descrição feita.

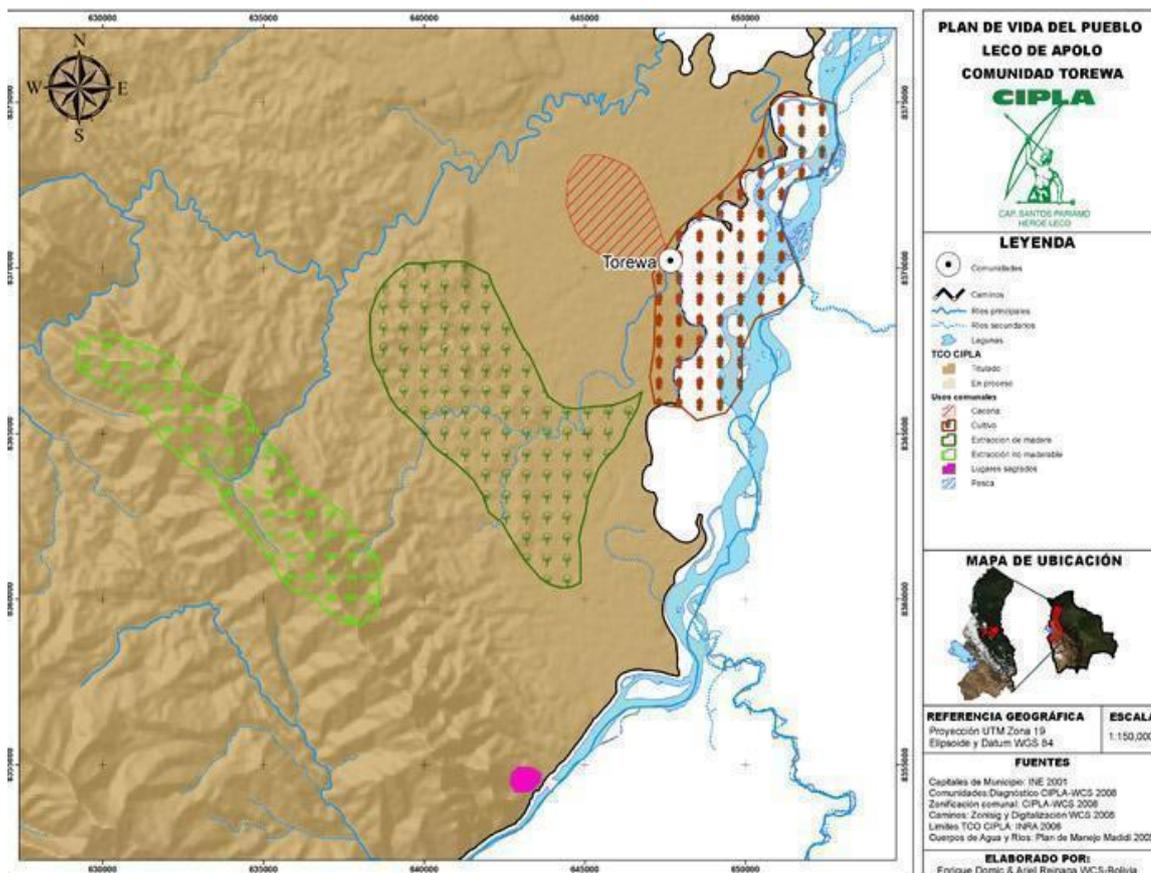


Figura 6 — Mapa da localização da comunidade de Torewa.

Fonte: CIPLA e WCS, 2009, p. 15.

3.2.2 História e organização social

A pesquisa sobre a comunidade de Torewa se deparou com o desafio de encontrar fontes bibliográficas, no entanto, as informações obtidas por meio do CIPLA e WCS (2009; 2022) foram suficientes para obter um panorama inicial que poderá ser ampliado com o trabalho de campo.

A história da comunidade de Torewa é relativamente recente quando comparada com outras comunidades. Os primeiros assentamentos foram estabelecidos durante a Revolução Nacional de 1952, mas, devido ao pequeno número de famílias, a comunidade só foi fundada em 1993 e obteve sua personalidade jurídica em 1996. No início, a comunidade contava com cerca de 60 habitantes, que se uniram em uma cooperativa para a extração de madeira. Em 1997, foram forçados a abandonar Torewa devido ao projeto hidrelétrico *El Bala*, que inundaria uma área de 661,9 km², causando graves impactos ambientais e sociais. O projeto não foi concluído e os habitantes de Torewa voltaram ao seu

território no mesmo ano. Em 2003, devido à importância da titulação de suas terras, associaram-se ao CIPLA. No entanto, brigas internas levaram à divisão da comunidade em 2009, com a criação de Torewa indígena e Torewa campesina.

Devido à localização da comunidade de Torewa em uma área cercada por afluentes, como mostrado no mapa, ela é vulnerável a desastres naturais, como o transbordamento do rio Beni, que ocorre quase anualmente, especialmente durante a época das chuvas. Esse fenômeno tem se agravado nos últimos anos por causa do desequilíbrio ambiental e do aquecimento global.

A primeira escola da comunidade foi construída em 2006 e, em 2009, o Estado forneceu os recursos básicos para contratar um professor. Em 2016, o ensino médio foi implementado e, quatro anos depois, três estudantes se formaram.

Em 2020, a comunidade de Torewa também foi afetada pela pandemia de COVID-19, tendo ficado sem receber nenhum apoio estatal devido à dificuldade de acesso. Os tratamentos foram realizados com medicamentos tradicionais, como o Mático (*Piper aduncum*), um anti-inflamatório natural. As famílias foram afetadas pela falta de comércio e, no campo da educação, as crianças e jovens não receberam nenhum tipo de instrução, uma vez que a comunidade não dispõe de eletricidade ou sinal de internet, e essa situação provavelmente não mudará no futuro próximo.

3.2.3 Características sociodemográficas

Em 2009, a comunidade de Torewa contava com 47 habitantes, distribuídos em nove famílias. A população era composta por 53% de homens e 47% de mulheres, com uma predominância de pessoas menores de 19 anos, que representavam 55% do total (CIPLA; WCS, 2009, p. 4). Em contraste, em 2022, o número de habitantes aumentou para 147, divididos em 38 famílias, com 59% de homens e 41% de mulheres. O número de crianças e jovens diminuiu para 43% (CIPLA; WCS, 2022, p. 11-12).

Saúde

A comunidade enfrenta desafios de saúde, com a leishmaniose, infecções gastrointestinais e infecções cutâneas provocadas por picadas de insetos como as

doenças mais comuns. Devido à falta de um centro médico estatal ou privado na comunidade, essas enfermidades são tratadas com medicina tradicional (CIPLA e WCS, 2009, p. 5).

Educação

Em relação à educação, os níveis variam conforme o gênero. Entre a população masculina, fora da idade escolar, 8% não tiveram acesso a nenhum tipo de formação acadêmica. Já entre as mulheres, esse número aumenta para 21%. Além disso, 52% dos homens e 34% das mulheres completaram o ensino fundamental, enquanto 40% da população masculina e 45% da população feminina concluíram o ensino médio. O analfabetismo afeta 13% da população com mais de 15 anos, com as mulheres sendo mais afetadas (CIPLA e WCS, 2009, p. 14). Infelizmente, de acordo com o informe do CIPLA e WCS, a presença da escola em Torewa está contribuindo para o deslocamento linguístico em detrimento das línguas minoritárias/minorizadas, já que as crianças frequentemente são expostas apenas ao espanhol como meio de instrução, sem o devido apoio às outras línguas tradicionais (2009, p. 5).

Línguas

O espanhol e o quíchua são as línguas mais faladas nas comunidades lecas. De acordo com o primeiro censo realizado em 2010, o número de falantes bilíngues correspondia a 72% nas dezessete comunidades (CIPLA e WCS, 2010b, p. 19). No entanto, em 2022, a predominância dos bilíngues se reduziu para 64,5%, com um aumento paralelo no número de monolíngues em espanhol (CIPLA e WCS, 2022).

Em Torewa, o censo de 2009 revelou que trinta e uma pessoas falavam tanto espanhol quanto quíchua, enquanto cinco só falavam quíchua e onze eram crianças em fase de aquisição de uma língua. Entretanto, em 2022, o número de monolíngues em espanhol aumentou para um total de oitenta e dois, enquanto o número de bilíngues em quíchua e espanhol caiu para vinte e dois. Adicionalmente, novas línguas foram incorporadas na comunidade, como o aimará com três falantes, o tsimane e o moseten com seis falantes.

Apesar de algumas pessoas considerarem o Tsimane e o Moseten como variedades de uma mesma língua, é crucial reconhecer que os falantes as

consideram línguas pertencentes a povos distintos. Tanto o Mosesten quanto o Tsimane pertencem à família linguística Mosesten, mas mesmo que exista inteligibilidade mútua, as diferenças lexicais e gramaticais são notórias (UNICEF; FUNPROEIB ANDES, 2009, p. 296). Isso ficou evidente na geração de dados quando a irmã de Silvia disse que falava mosesten, mas não falava nem entendia o tsimane. O mesmo acontecia com Silvia, que aprendeu o tsimane porque as mulheres tsimanes não falavam nem entendiam o mosesten, a língua materna dela. Além das questões linguísticas, é importante ressaltar as diferenças na cosmovisão entre mosestenes e tsimanes. Os tsimanes têm como figura central o xamã e vivem de acordo a um sistema religioso complexo, com uma visão do cosmos única e diferente da ocidental (p. 297).

Como descrito na introdução, existe uma hierarquia entre as línguas indígenas, o que fica evidente no panorama multilíngue de Torewa. A valorização diferenciada de línguas como o quíchua e o aimará muitas vezes está enraizada em questões históricas e culturais. O quíchua e o aimará, por exemplo, desempenharam papéis proeminentes em sociedades indígenas antigas, frequentemente associadas a impérios e civilizações avançadas. Como resultado, essas línguas podem ser percebidas como mais "prestigiadas" em comparação com as línguas indígenas menos difundidas, como o tsimane e o mosesten.

A valorização diferencial das línguas também pode criar divisões dentro da própria comunidade, o qual fica evidente nos dados gerados e na sua análise. Aqueles que falam ou se reconhecem como quíchuas ou o aimarás podem ser percebidos como detentores de um status mais elevado, enquanto os falantes de outras línguas podem enfrentar discriminação ou estigmatização. Isso pode afetar as interações sociais e contribuir para a manutenção de hierarquias linguísticas e sociais, o que, por sua vez, influencia as políticas linguísticas familiares.

Cultura leca

Apesar da pouca presença da língua rik'a na região, o que prevalece como característico da cultura leca são os rituais, danças, músicas e outros costumes, além das práticas agrícolas, de pesca e caça, bem como o uso de plantas e animais, tudo proveniente dos saberes ancestrais e transmitido

intergeracionalmente, geralmente na língua quíchua (CIPLA e WCS, 2022, p. 31-33).

Meios de Subsistência

As pessoas de Torewa encontram no setor agrícola sua principal fonte de subsistência, tanto para consumo próprio quanto para venda. Entre os produtos cultivados, destacam-se o arroz, o aipim, o milho e a banana (CIPLA e WCS, 2009, p. 16). Além da agricultura, a pesca e a caça também fornecem outras fontes de renda para a comunidade. No entanto, a mineração vem ganhando espaço na região e se tornando a quarta principal fonte de sustento (CIPLA e WCS, 2022, p. 36). Infelizmente, a mineração também representa a maior ameaça à sobrevivência da comunidade, já que todo o território de Beni, onde as atividades de pesca ocorrem e que abriga um dos principais rios da região, está programado para ser entregue à indústria de mineração de ouro, sem consulta prévia aos povos indígenas e sem informações sobre os impactos que essa atividade pode causar (p. 47).

Organização sociopolítica

Anteriormente, apresentei a organização sociopolítica predominante nas comunidades lecas. Agora, mostrarei um organograma específico para Torewa, mostrando as autoridades atuais.

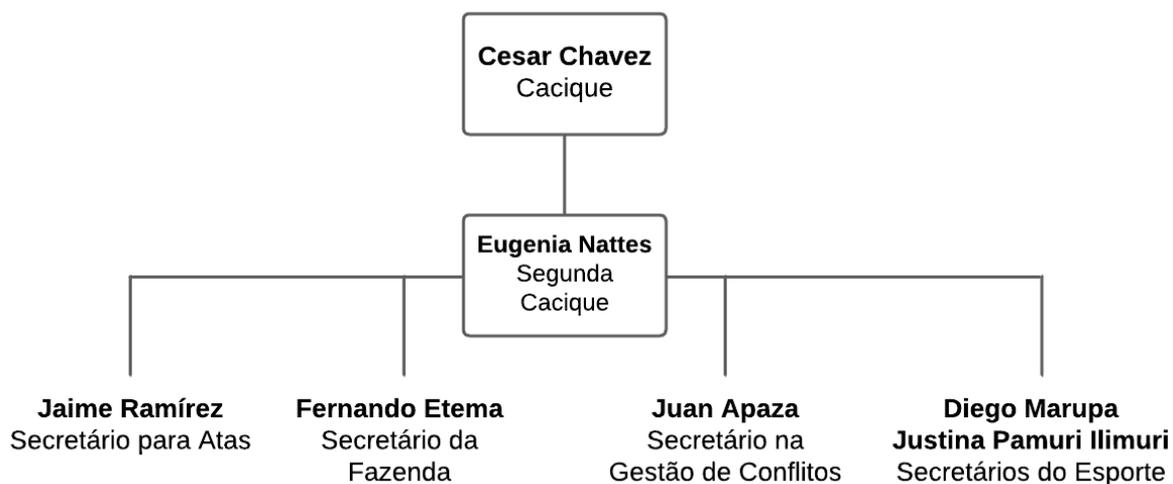


Figura 7 — Organograma da organização sociopolítica de Torewa.

Fonte: Elaboração própria com dados de CIPLA e WCS, 2022, p. 23.

As autoridades são escolhidas por meio de eleições anuais realizadas em assembleias gerais nos meses de dezembro e janeiro. Atuam de forma voluntária e em conjunto com outras instituições pela melhora das condições de vida dos torewenos (CIPLA e WCS, 2022, p. 23).

4 Metodologia

4.1 Abordagem metodológica

A pesquisa é caracterizada por quatro abordagens metodológicas: qualitativa, descritiva, colaborativa e etnográfica. A escolha dessas características baseou-se em fundamentos teóricos e conceituais que sustentam a investigação e orientam as decisões metodológicas.

Abordagem qualitativa

A metodologia adotada para este estudo é de natureza qualitativa, embasada na abordagem proposta por Spedding (2013). Essa escolha se justifica pelo objetivo da pesquisa, que é descrever e analisar as políticas linguísticas familiares e as ideologias linguísticas, conceitos que não podem ser quantificados (p. 120).

A análise das atitudes em relação às línguas, dos significados atribuídos a elas (incluindo valores, crenças e ideologias) e das práticas nos contextos comunicativos tem como propósito contribuir para a compreensão da transmissão intergeracional de línguas indígenas. Essa análise também responde ao caráter subjetivo das pesquisas qualitativas, pois se baseia nas percepções dos colaboradores envolvidos, dando voz e ouvindo as perspectivas e experiências desses participantes (p. 128).

É importante ressaltar que a opção pela pesquisa qualitativa também se justifica pela realidade da sociedade boliviana, marcada pela diversidade cultural e pela ausência de uma cultura nacional única, o que exige uma sensibilidade em relação ao particular (Ibidem). Nesse contexto, a abordagem qualitativa se mostra especialmente adequada, permitindo uma análise mais aprofundada e contextualizada dos fenômenos presentes na sociedade boliviana.

Abordagem descritiva

A pesquisa é classificada como descritiva, pois, embora exista um limitado acervo bibliográfico sobre os Lecos, não há um texto específico que aborde as políticas linguísticas familiares e as ideologias linguísticas que as configuram. Os textos acessados (DÍEZ, 2010; MACHICAO, 2000; CIPLA; WCS, 2010a, 2010b, 2022) focam mais em estabelecer uma cronologia histórica ou fornecer dados

gerais. Portanto, é essencial descrever as práticas atuais e as de gerações anteriores para compreender como o panorama linguístico atual, com uma possível tendência ao monolinguismo em espanhol, foi configurado e a transmissão das línguas.

Abordagem colaborativa

A investigação é colaborativa porque valoriza e reconhece a construção coletiva do conhecimento (RAPPAPORT, 2020). Essa colaboração envolve relações intra/interculturais e políticas, centradas no diálogo livre de etnocentrismo (que estabelece uma hierarquia entre culturas) e do sociocentrismo (que considera uma determinada classe social como modelo ideal de comportamento) (RESTREPO, 2018, p. 37).

Além disso, essa abordagem leva em conta as demandas e necessidades dos interlocutores envolvidos. O objetivo principal não é apenas realizar um trabalho acadêmico, mas sim integrar as demandas sociais, políticas e acadêmicas, articulando-as de forma conjunta. Nesse sentido, é essencial discutir os objetivos e resultados da pesquisa para que estejam em consonância com as necessidades da comunidade (KATZAR; SAMPRÓN, 2012, p. 64).

Adicionalmente, este estudo busca contribuir para os processos políticos dos Lecos de Apolo, fortalecendo sua organização política por meio da promoção da conscientização sobre seus direitos linguísticos, estimulando a participação ativa dos membros da comunidade nas decisões políticas e incentivando o respeito pela cultura e identidade Leca. Desta forma, se promove a articulação entre identidade, organização política e território (ULCHUR, 2020, p. 41). Alinhada com as metas do CIPLA, o reforço à identidade cultural contribui para o processo de obtenção da titularidade da propriedade comunal da terra (KATZER; SAMPRÓN, 2012, p. 63).

Abordagem etnográfica

Destacamos que esta pesquisa não adota uma abordagem estritamente etnográfica, mas sim incorpora princípios da etnografia como parte de sua metodologia inter/transdisciplinar. De acordo com Restrepo (2018, p. 47), a etnografia se distingue por realizar descrições e interpretações contextualizadas,

levando em consideração os significados atribuídos pelos participantes. Nesse contexto, a etnografia é empregada como uma ferramenta para observar, registrar e analisar as práticas, valores, crenças, comportamentos e outras características relacionadas aos padrões linguísticos da comunidade.

Para a produção etnográfica, foram ressignificadas as partes de uma pesquisa convencional, incorporando reflexões de Ulchur e os princípios do CRISSAC (Criação e plantio de sabedorias e conhecimentos), um paradigma indígena de investigação desenvolvido na Universidade Autônoma Indígena Intercultural (UAIIN) na Colômbia. Além disso, aplicamos as três performances etnográficas identificadas por Katzer e Samprón (2012). Esse processo de ressignificação me permitiu abordar a pesquisa de maneira mais sensível à cultura e aos valores da comunidade.

A partir dessas leituras, foram estruturadas as partes e a nomenclatura utilizada neste estudo. Conforme mencionado anteriormente, a investigação surge da necessidade de fortalecer o processo político e cultural do CIPLA, não procurando resolver um problema científico em si, mas buscando transformar a realidade da comunidade. Embora não integralmente, parte do desenho desta dissertação foi elaborada de forma dialógica devido ao seu caráter colaborativo. Além disso, a nomenclatura utilizada para referir-se às pessoas que participaram do estudo foi modificada de objeto de estudo para colaboradores, consultores e coteorizadores (KATZER; SAMPRÓN, 2012, p. 61). A principal técnica de geração de dados é baseada no diálogo recíproco, contrapondo-se ao diálogo unidirecional, em que não apenas o pesquisador faz perguntas, mas também pode ser questionado pelo colaborador, rompendo assim com a verticalidade da relação e estabelecendo uma horizontalidade (RAPPAPORT, 2020, p. 330).

Conforme as três fases da performance etnográfica identificadas por Katzer e Samprón (2012), surgiram as fases utilizadas nesta investigação para a geração de dados: 1) apresentação da pesquisa ao CIPLA e à comunidade de Torewa em assembleia; 2) seleção de colaboradores e a construção do vínculo com os consultores-chave; 3) consolidação das relações colaborativas.

4.2 Colaboradoras, consultoras e coteorizadoras da pesquisa

Em contraposição aos modelos positivistas convencionais, nos quais os colaboradores são considerados apenas como meros objetos de estudo e o cientista é visto como o detentor do conhecimento (RESTREPO, 2018, p. 124), este trabalho adota uma abordagem diferenciada. Nessa reformulada abordagem, valorizo a contribuição das consultoras, que desempenham papéis ativos como participantes, coautoras e produtoras do seu próprio conhecimento, com pleno reconhecimento da sua propriedade intelectual sobre esse saber (ULCHUR, 2020, p. 40). Para superar a hierarquização e a classificação dos sujeitos envolvidos no fazer científico, é fundamental adotar uma nomenclatura que denote a valorização da contribuição das coteorizadoras e rompa com a hierarquia tradicional de poder na ciência (KATZER; SAMPRÓN, 2012, p. 61). Assim, em vez de serem consideradas apenas como um objeto de estudo, coisificando-as, as consultoras são reconhecidas como participantes ativas, consultoras e coteorizadoras na construção do conhecimento.

Nesta pesquisa, optei por trabalhar principalmente com mulheres da comunidade, devido à desvalorização delas como fontes de informação relevante em investigações qualitativas, nas quais muitas vezes não se reconhece a importância de suas vivências, ações e pensamentos (SPEDDING, 2013, p. 149). As colaboradoras são mulheres, avós e mães, que possuem uma relação de convivência com crianças entre 0 e 14 anos. A razão para focar nesses dois grupos sociais é que eles fornecem informações cruciais sobre as dinâmicas familiares que influenciam as políticas linguísticas e sobre quais línguas são utilizadas em diferentes contextos comunicativos.

A seleção das mulheres-mães-avós como coteorizadoras também se baseou na facilidade com que posso me aproximar delas, devido a meu gênero. Conforme mencionado por Spedding, estabelecer diálogos entre pessoas do mesmo sexo é bem mais aceito e facilita a troca de experiências e perspectivas (2013, p. 149). Além disso, como a participação nas atividades da comunidade é restrita de acordo com o gênero das pessoas, foi possível realizar atividades conjuntas, compartilhar espaços e fortalecer laços. Essa proximidade estabeleceu uma relação de intimidade entre as coteorizadoras e minha pessoa, permitindo uma abordagem mais franca e aberta de temas sensíveis, como a maternidade e a experiência das mulheres-mães-avós em uma sociedade marcada pelo machismo, o colonialismo e o patriarcado.

4.3 Geração de dados

Para além da explicitação das técnicas utilizadas na geração de dados, é fundamental reconhecer o papel central do etnógrafo nesse processo. A subjetividade do investigador desempenha um papel crucial na geração de dados, uma vez que ele é um sujeito localizado (RESTREPO, 2018, p. 53). Isso significa que a posição do etnógrafo na sociedade e sua identidade são elementos que moldam sua abordagem e interpretação dos dados gerados, além de influenciar a forma como ele é percebido pela comunidade.

Ao mesmo tempo, é importante considerar que o etnógrafo representa uma instituição que muitas vezes possui uma relação marcada pelo poder e pela colonização em relação à comunidade. Essa dinâmica de poder pode influenciar a geração de dados, mesmo que não seja intencional. Portanto, é essencial que o pesquisador esteja ciente dessa relação e busque horizontalizar a interação com a comunidade por meio do diálogo recíproco (KATZER; SAMPRÓN, 2012, p. 63). Ele deve atuar como mediador, utilizando seus saberes para criar espaços de diálogo onde sejam abordadas questões que afetam a comunidade (p. 62).

No trabalho de campo, devem ser aplicadas diferentes técnicas de pesquisa e metodologias (RESTREPO, 2018, p. 56). É por meio dessa combinação de métodos que podemos obter uma visão mais completa e aprofundada da comunidade estudada, contribuindo para uma investigação mais enriquecedora e significativa. Neste estudo, consideramos as técnicas adequadas para a geração de dados: observação participante, diário de campo e entrevistas ou diálogos recíprocos.

Spedding enfatiza que a observação participante é o ponto de partida antes de empregar outras técnicas mais específicas, uma vez que ela possibilita identificar os temas a serem abordados nas entrevistas e determinar a forma e com quem devemos realizá-las (2013, p. 153). A observação participante consiste na observação e participação do etnógrafo nas atividades que ocorrem ao seu redor, o que implica diferentes graus de envolvimento (RESTREPO, 2018, p. 57).

Os estudos antropológicos geralmente requerem uma permanência prolongada na comunidade para garantir uma verdadeira imersão do pesquisador

na realidade estudada. No entanto, como este trabalho não é especificamente da área de antropologia e adapta suas técnicas e metodologias para o trabalho de campo, a permanência na comunidade foi limitada ao tempo fornecido pelo CIPLA, que foi de apenas cinco dias, reconhecendo, portanto, que o uso da técnica da observação participante possui limitações neste estudo em particular. Não obstante, devido à natureza colaborativa da pesquisa, o retorno à comunidade está garantido para dar início a um trabalho em conjunto em prol da transformação da realidade de Torewa, pois a melhora das suas condições de vida é um princípio ético deste estudo.

O diário de campo, também conhecido como notas de campo, desempenha um papel fundamental na sistematização das observações realizadas durante o trabalho de campo. É por meio desse instrumento que todas as informações geradas em cada dia são registradas, com o objetivo de posteriormente escrever uma narrativa das experiências vivenciadas. É importante ressaltar que as informações não devem ser omitidas ou classificadas com base em sua importância para o estudo, mas sim registradas de forma completa e precisa, incluindo detalhes do ambiente e dos interlocutores envolvidos (SPEDDING, 2013, p. 174). Embora essa abordagem não seja compartilhada por Restrepo (2018, p. 65), acredito que a postura de Spedding pode ser benéfica para a investigação, pois permite que dados que aparentemente não têm relação ou relevância direta possam influenciar nas análises posteriores.

Apesar de o diário de campo ter sido tradicionalmente utilizado como um instrumento no qual o etnógrafo não registra suas próprias reflexões, dúvidas, dilemas e sentimentos, atualmente se reconhece a importância de incluir esses aspectos juntamente com as observações (ULCHUR, 2020, p. 43). Isso ocorre porque, como mencionado anteriormente, a subjetividade do pesquisador desempenha um papel significativo na interpretação dos dados e na compreensão do contexto estudado. Portanto, a inclusão de reflexões pessoais durante o trabalho de campo promove uma abordagem mais transparente e reflexiva, enriquecendo assim o desenvolvimento do estudo.

A última técnica detalhada é a entrevista ou, como preferimos nomeá-la nesta dissertação, o diálogo recíproco. Decidimos adotar esta nomenclatura porque

descreve melhor o tipo de interações dialógicas que procuro no trabalho de campo, apesar de que a formulação das interações foi feita com base na proposta da entrevista etnográfica de Restrepo (2018, p. 76 - 86), na definição de entrevistas de Ander-Egg (2011, p. 123 - 126), no estudo de Barragán (2007, p. 140 - 157) e na proposta de Spedding (2013, p, 154 - 165)

A entrevista etnográfica é definida como um método de pesquisa guiado por um problema de investigação que requer um planejamento dos termos, conteúdos e formas de registro do diálogo (RESTREPO, 2018, p. 77). Ela possibilita a compreensão das percepções e avaliações dos entrevistados em relação a situações, eventos, pessoas, assim como seus desejos, medos e aspirações (p. 79). Com as entrevistas, buscamos compreender a percepção das línguas faladas e a valorização atribuída a elas, assim como os desejos em relação às línguas que seus filhos devem aprender e por quê. Também visamos identificar os receios ou benefícios relacionados ao bilinguismo e suas aspirações em relação à educação. Além disso, por meio do diálogo, buscamos obter informações sobre eventos passados ou presentes relacionados à configuração familiar e às decisões linguísticas.

Vale lembrar o escrito sobre o conhecimento e como ele é construído por meio da interação entre subjetividades, em uma dinâmica horizontal e igualitária (ULCHUR, 2020, p. 32). É importante levar em consideração o contexto histórico-social, a posição na estrutura social, expectativas, experiências, relações, recursos materiais e simbólicos durante essa interação (KATZER; SAMPRÓN, 2012, p. 61).

Na formulação das perguntas, devem ser considerados alguns aspectos cruciais assinalados por Restrepo, Spedding, Barragán e Ander-Egg, os quais detalharemos a seguir.

De acordo com Restrepo (2018, p. 78), ao formular uma entrevista, é essencial elaborar perguntas abertas que estimulem o diálogo entre os interlocutores. No entanto, é preciso ter cuidado ao selecionar as temáticas que serão abordadas pelos entrevistados, buscando evitar qualquer desconforto ou constrangimento (p. 82). Ademais, outro aspecto relevante para o desenho da entrevista é a escolha de um local e momento adequados para realizá-la, levando

em consideração a disponibilidade e o conforto do entrevistado, bem como os fatores externos que podem afetar a qualidade da entrevista (p. 83).

Para Spedding, é fundamental que, quando as entrevistas não são estruturadas, o colaborador tenha a liberdade de falar até sobre temas que não estejam diretamente relacionados com a investigação (2013, p. 154). Acreditamos que essa liberdade é crucial para que se estabeleça um diálogo horizontal entre as partes. Além disso, é importante que as perguntas sejam concretas e fáceis de serem respondidas, evitando qualquer tipo de confusão para o coteorizador (p. 159).

Outro aspecto relevante é a reflexão sobre o uso da linguagem na formulação das perguntas. Segundo Spedding, o registro linguístico deve ser compreensível e familiar para o consultor (p. 160). No entanto, em um contexto de trabalho com povos indígenas, é fundamental que o pesquisador se comunique em diferentes línguas, a fim de se aproximar e estabelecer relações de confiança e respeito mútuo. Essa abordagem pode contribuir para a obtenção de informações mais precisas e completas, uma vez que os colaboradores se sentirão mais à vontade para se expressar na sua língua. Por isso, é importante que o cientista tenha habilidades linguísticas e esteja disposto a investir tempo e esforço na comunicação intercultural (p. 150).

Neste contexto, a autora critica veementemente a abordagem de pesquisadores que se limitam ao uso exclusivo do espanhol em seus trabalhos de campo, uma postura que compartilhamos integralmente. Em nossa perspectiva, o uso das línguas indígenas vai além do mero estudo delas como objeto; trata-se de valorizá-las como instrumentos que possibilitam a compreensão de maneiras de ser e de pensar historicamente negligenciadas e subestimadas.

No decorrer do trabalho de campo, minha escolha primordial foi a utilização do quíchua, na variedade cochabambina, nas entrevistas com as mulheres quíchuas, embora nossas variedades linguísticas fossem diferentes. Contudo, é importante ressaltar que nas entrevistas realizadas com as mulheres quíchuas e aimarás, a língua predominante foi o espanhol. Essa preferência pelo espanhol decorre do fato de que muitas dessas mulheres, embora se identificassem como aimarás ou quíchuas, não eram falantes fluentes de suas línguas indígenas, o que influenciou suas preferências linguísticas. Quanto às entrevistas com as mulheres

tsimanes e mosetenes, o espanhol foi a língua utilizada somente com aquelas que eram bilíngues. Para as entrevistadas monolíngues nas línguas indígenas, recorri à assistência de tradutoras.

As recomendações de Barragan sobre o momento da realização da entrevista são de grande relevância, tanto para garantir o desenvolvimento apropriado da pesquisa quanto para assegurar a ética envolvida no processo. O primeiro ponto é sempre explicar para a outra pessoa o que está sendo feito, sem entrar em detalhes que possam influenciar suas respostas. Isso é importante para garantir que o consultor esteja ciente do objetivo da entrevista e se sinta confortável para compartilhar suas opiniões e experiências. Também, é aconselhável utilizar a guia de entrevistas com sutileza, evitando que a entrevista se torne um interrogatório. Nesse sentido, é importante não se prender rigidamente ao roteiro, mas sim adaptar as perguntas de acordo com as respostas do entrevistado. Para tanto, é essencial reformulá-las de maneiras diferentes e fazer sínteses do que foi dito pelo colaborador, a fim de assegurar uma compreensão adequada das informações (2007, p. 156).

A eficácia de uma entrevista não depende somente das perguntas que são feitas, mas também das habilidades do entrevistador. Ander-Egg (2011, p. 124) destaca quatro habilidades fundamentais que todo entrevistador deve desenvolver para desempenhar seu trabalho de forma adequada, o que está em consonância com os outros autores. A primeira é a capacidade para as relações interpessoais, que envolve a habilidade de se relacionar com diferentes tipos de pessoas. A segunda é a capacidade de comunicação, que inclui a habilidade de se expressar de forma clara e objetiva. Além disso, o entrevistador deve ser capaz de formular perguntas adequadas e precisas. Essa habilidade está diretamente relacionada à última capacidade, que é a capacidade de escuta ativa e empática.

4.4 Análise dos dados

A análise temática é o método mais adequado para analisar os dados gerados no trabalho de campo. A escolha pela análise temática se deve à sua relevância e aplicabilidade para investigar as relações familiares e as questões linguísticas, focos deste estudo. Nesta pesquisa, a análise temática será adaptada para atender aos objetivos e particularidades da área de linguística, seguindo as

seis fases descritas por Luciana K. de Sousa (2019), bem como considerando excertos do livro "Successful Qualitative Research: A Practical Guide for Beginners" de Virginia Braun e Victoria Clarke (2013).

O primeiro passo da análise temática foi a familiarização com os dados. Por meio das anotações, onde ficaram registradas as respostas das colaboradoras, foram identificados aspectos linguísticos relevantes, tais como escolhas lexicais, estruturas gramaticais e uso de línguas específicas. Essa etapa permitiu obter uma compreensão abrangente dos dados e auxiliou na delimitação das categorias temáticas.

Posteriormente, os dados foram codificados de acordo com suas características linguísticas e conceituais. A codificação possibilitou agrupar as informações em códigos que expressaram diferentes aspectos linguísticos e discursivos presentes nas falas das colaboradoras. A sensibilidade na identificação de padrões linguísticos e conceituais foi fundamental para uma análise precisa.

Em seguida, os códigos foram classificados em temas, buscando agrupar informações com afinidades conceituais e linguísticas. Os temas identificados refletiram o conteúdo central das falas das coteorizadoras, relacionando-se diretamente com as perguntas de pesquisa que abordaram as políticas linguísticas familiares.

A revisão dos temas ocorreu para garantir a coerência e consistência da análise. Nesta etapa, foi feita uma avaliação minuciosa dos temas identificados, possibilitando ajustes caso necessário, com base nas informações contidas nas anotações e na triangulação com conceitos teóricos da área de linguística.

Com os temas consolidados, a definição dos temas se deu por meio de uma análise aprofundada e reflexiva. Os temas emergentes foram relacionados com teorias linguísticas pertinentes, possibilitando a interpretação dos dados sob a luz do conhecimento existente sobre políticas linguísticas familiares e ideologias linguísticas.

Por fim, foi produzido o capítulo desta dissertação onde se apresentaram os resultados da análise temática de forma clara e coerente. Os temas identificados e

suas implicações foram descritos em relação às perguntas de pesquisa propostas, proporcionando uma compreensão abrangente das políticas linguísticas familiares e das ideologias linguísticas na comunidade de Torewa.

Em suma, a análise temática foi utilizada como método para analisar as anotações detalhadas das respostas das participantes, permitindo uma abordagem minuciosa e contextualizada dos dados linguísticos gerados. Essa abordagem qualitativa se alinhou perfeitamente aos objetivos da pesquisa, contribuindo para uma compreensão aprofundada dos fenômenos linguísticos e culturais presentes na comunidade estudada.

4.5 Questões éticas

Embora esta pesquisa esteja inserida no campo da sociolinguística e não da antropologia, optamos por adotar o código ético do antropólogo como guia para conduzir o estudo. Isso se deve ao fato de que a principal ferramenta de geração de dados utilizada é a etnografia, e reconhecemos que essa abordagem exige um compromisso ético e moral sólido. Os princípios éticos orientadores permeiam todas as fases do estudo, pois o objetivo primordial não é realizar ciência a qualquer custo, mas sim promover o bem-estar das pessoas envolvidas por meio do rigor científico (RESTREPO, 2018, p. 121). Por isso, há pontos fundamentais que devem ser considerados nesse sentido.

Em primeiro lugar, é importante estabelecer, desde o início, as necessidades e os objetivos da comunidade, garantindo que os propósitos da pesquisa estejam alinhados em benefício de todos e que as temáticas abordadas estejam contextualizadas e conectadas à realidade vivida pelas colaboradoras. Além disso, é imprescindível obter sempre o consentimento da coteorizadora em relação à realização de perguntas, ao uso de gravadores e à captura de fotografias. A privacidade e a confidencialidade das colaboradoras deve ser preservada rigorosamente. Por fim, é de suma importância apresentar os resultados à comunidade, permitindo que eles sejam utilizados em seu benefício (KATZER; SAMPRÓN, 2012, p. 62).

Para a condução de uma pesquisa científica ética, é essencial adotar uma postura que compreenda as diferenças em vez de exotizá-las ou ridicularizá-las.

Devemos abandonar o etnocentrismo e o sociocentrismo (RESTREPO, 2018, p. 37). Nesse contexto, Restrepo propõe a figura do etnógrafo comprometido, que demonstra responsabilidade, transparência, respeito e consideração pelas pessoas envolvidas no estudo, além de se identificar politicamente com as lutas, neste caso, do povo Leco de Apolo (RESTREPO, 2018, p. 130-131).

Apesar de ter adotado uma postura ética no desenvolvimento do projeto, sempre solicitando permissão para realizar e gravar os diálogos e para tirar fotografias, não possuímos um registro escrito ou em áudio dessas autorizações. No entanto, enfrentamos desafios devido à susceptibilidade das pessoas em relação a agentes externos, considerando-os representantes de uma instituição colonial que não age em seu favor. Essa percepção tornou a obtenção de assinaturas um motivo de desconfiança, como se estivéssemos tentando tirar vantagem de sua situação. Além disso, as entrevistas realizadas não foram gravadas, pois o questionamento sobre o uso do gravador gerava suspeitas e medo, levando-nos a optar por não utilizá-lo.

5 Resultados e discussão

Apresentação dos dados

Ao conduzir uma pesquisa dedicada a investigar as políticas linguísticas familiares e a transmissão de línguas entre diferentes gerações em uma comunidade multilíngue, surge o desafio de apresentar os dados gerados de forma clara e acessível. Nesse contexto, foram selecionadas duas ferramentas que permitem uma familiarização do leitor com os dados de forma visual e de fácil compreensão.

A primeira ferramenta escolhida são os genogramas, que oferecem uma representação gráfica abrangente e detalhada das relações entre os membros de uma família (SUAREZ, 2010). Originalmente desenvolvidos na psicologia para representar dinâmicas familiares, os genogramas foram adaptados e tornaram-se fundamentais para retratar os vínculos familiares, identificar possíveis políticas linguísticas familiares e analisar a transmissão de línguas entre diferentes gerações. Dessa forma, os genogramas permitem a visualização de elementos relevantes para este estudo linguístico.

Através da aplicação de cores distintas nos genogramas, foi possível identificar rapidamente as línguas utilizadas por cada membro da comunidade. O verde representou o aimará, o azul o espanhol, o vermelho o quíchua, o cinza o rik'a, o amarelo o tsimane, o laranja o moseten e o roxo outras línguas. Essa diferenciação permitiu visualizar de forma clara as competências linguísticas de cada indivíduo, bem como identificar a composição linguística do ambiente familiar.

Outro aspecto importante foi a utilização de uma linha verde pontuada para destacar as pessoas que moram juntas, facilitando a compreensão das relações e interações linguísticas dentro do ambiente familiar. Além disso, respeitou-se a simbologia utilizada na psicologia para indicar o sexo dos colaboradores, representado por um círculo para mulheres e um quadrado para homens. Essa inclusão de informações adicionais enriqueceu a análise da transmissão de línguas entre as diferentes gerações, permitindo uma visão mais completa das dinâmicas linguísticas no contexto familiar.

A relevância do uso dos genogramas não se restringe apenas à representação visual dos dados. Através desses gráficos, podemos observar a complexa dinâmica das línguas no ambiente familiar e como elas interagem entre si, seja por meio de contato e influência, ou pela manutenção de línguas em risco de desaparecimento. Essa abordagem visual facilita a identificação de mudanças ao longo do tempo e destaca como as escolhas linguísticas da família podem impactar a preservação e fortalecimento de línguas indígenas.

Outro aspecto crucial é a clareza na comunicação dos resultados. Através dos genogramas, os dados complexos tornam-se mais acessíveis para diferentes públicos, incluindo outros pesquisadores, membros da comunidade envolvida na pesquisa e formuladores de políticas linguísticas. A visualização gráfica e intuitiva contribui para uma melhor compreensão dos processos linguísticos que ocorrem no contexto familiar, enfatizando a importância das políticas linguísticas adotadas no âmbito privado.

Em suma, a escolha dos genogramas como ferramenta visual para apresentar os dados resulta de sua capacidade única de retratar as relações familiares, identificar as possíveis políticas linguísticas familiares adotadas e visualizar a transmissão de línguas de forma clara e impactante. Sua utilização permite que a pesquisa alcance um nível mais profundo de análise e interpretação, além de proporcionar uma comunicação mais efetiva dos dados gerados. Os genogramas adaptados para a pesquisa em linguística abrem novas perspectivas para a compreensão das dinâmicas linguísticas nas famílias e nas comunidades multilíngues, e sua aplicação pode ser estendida e valiosa para outros estudos na área.

Além dos genogramas, a segunda ferramenta escolhida para auxiliar na apresentação dos dados são os quadros analíticos. Os quadros analíticos desempenham um papel fundamental na identificação das temáticas abordadas em cada uma das entrevistas realizadas, constituindo um primeiro passo para a realização da análise temática. Esses quadros possibilitam um exame detalhado do conteúdo tratado em cada entrevista, conforme descrito por Restrepo (2018, p. 99).

Com os quadros analíticos, podemos sintetizar as principais informações de cada entrevista, agrupando-as em categorias ou temas relevantes. Essa organização facilita a compreensão das diferentes perspectivas e abordagens discutidas pelas colaboradoras e permite uma visão mais ampla das questões relacionadas às políticas linguísticas familiares, às ideologias linguísticas e à transmissão de línguas na comunidade de Torewa.

Ao combinar os genogramas com os quadros analíticos, obtemos uma abordagem mais completa e integrada para, posteriormente, analisar os dados gerados pelas entrevistas.

A seguir, serão apresentados os quadros analíticos para aprofundar a familiarização com os dados.

Quadro analítico da entrevista 1
Graciela (42 anos, Copacabana)
Descrição da configuração familiar: A família de Graciela é composta por quatro membros que vivem juntos. Sua filha Naomi, de 11 anos; seu filho Jhonathan, de 7 anos; seu marido Aurelio, de 54 anos; e Graciela, que tem 42 anos. A família é definida como nuclear.
Papéis familiares e trabalho: Graciela e Aurelio trabalham na produção agrícola em suas terras, principalmente cultivando bananas. Graciela divide seu tempo entre a plantação e o cuidado dos filhos e das tarefas diárias. A falta de professores na comunidade mantém a escola fechada, tornando necessário que Graciela cuide das crianças em casa ou leve-as para a plantação, onde enfrentam riscos devido à presença de aranhas e outros insetos.
Como Graciela é uma mulher migrante de Copacabana (La Paz - Bolívia) e a família de seu marido não é da comunidade, não há outros parentes disponíveis para ajudar no cuidado das crianças. Isso coloca um desafio adicional para Graciela, pois ela precisa equilibrar suas responsabilidades como mãe e

agricultora, sem apoio familiar próximo.

Migração: Graciela compartilha sua jornada migratória desde o altiplano até Torewa, expressando que "los malos vientos me han traído" (os maus ventos me trouxeram).

Relações familiares e políticas linguísticas familiares: Graciela fala sobre a dinâmica entre seu pai, sua avó e ela quando era criança, mencionando as políticas linguísticas familiares estabelecidas por seu pai. Embora seu pai e sua avó sejam bilíngues, ele não permitia que sua avó falasse aimará com ela para que ela "hable bien" (fale bem) o espanhol.

Línguas no cotidiano: Graciela compartilha quais línguas ela fala no seu dia a dia, tanto com sua família como com outras pessoas. Sua língua predominante é o espanhol, que é a língua que utiliza com seus filhos, seu esposo e com outras pessoas da comunidade. Apesar da proibição de seu pai, Graciela sabe algumas palavras em aimará, mas só as utiliza em momentos específicos que não são definidos.

Línguas de seu marido Aurelio: Graciela menciona as línguas que seu parceiro Aurelio fala, que são o espanhol, o quíchua e o rik'a. No entanto, em casa, ele só se comunica em espanhol e com algumas pessoas da comunidade em quíchua. Devido a ser uma das poucas pessoas na comunidade que fala rik'a (além de Aurelio, apenas mais duas pessoas falantes dessa língua foram identificadas durante a geração de dados), seu marido é considerado um "leco leco".

Línguas de seus filhos: Graciela fala sobre as línguas que seus filhos falam, sendo o espanhol a principal língua utilizada por eles. Além disso, ela destaca que seus filhos interagem com outras crianças da comunidade e, nesse convívio, aprendem mutuamente outras línguas, como o tsimane.

Educação dos filhos: Graciela discute a educação que seus filhos recebem na escola da comunidade e faz uma comparação com a educação que eles tinham em La Paz. Ela identifica as diferenças e falhas no sistema educacional local, especialmente devido à ausência de professores na comunidade, o que prejudica

o desenvolvimento educacional de suas crianças.

Identidade étnica: Graciela fala sobre sua afiliação ao povo Leco, mas enfatiza que não se considera leca, mas sim aimará, devido às suas raízes.

Bilinguismo: Graciela destaca a importância do bilinguismo para seus filhos e como aprender mais de uma língua pode ser benéfico para eles, mas não especifica quais línguas ela gostaria que eles aprendessem.

Denúncia de violência doméstica: Graciela expõe a violência que sofre por parte de seu marido e pede informação sobre como pode denunciar o caso à polícia.

Denúncia de discriminação: Graciela denuncia a discriminação que enfrenta dos "parientes" que a chamam de "matawa" e que fazem bruxaria contra ela.

Comportamento de Graciela durante a entrevista: Graciela começou a entrevista com timidez, mostrando certa hesitação em participar, pois estávamos em um espaço público e ela estava preocupada com a possibilidade de outras pessoas ouvirem o que ela tinha a dizer. No entanto, depois de receber uma explicação sobre a pesquisa e a garantia de que nada do que fosse dito seria gravado, Graciela ficou mais relaxada e suas respostas foram dadas com maior confiança.

Durante a entrevista, Graciela compartilhou muitas informações pessoais, o que demonstrou que havia sido estabelecido um vínculo de confiança entre nós. Conforme as perguntas avançavam, ela revelou que havia sofrido discriminação por parte dos "parentes" e também de bruxaria. Essas revelações destacaram as situações de conflito existentes na comunidade entre os migrantes, que são exacerbadas pela falta de entendimento das línguas e das expressões culturais um do outro.

Esse relato ilustra como as barreiras linguísticas e culturais podem contribuir para mal-entendidos, preconceitos e conflitos dentro de uma comunidade. A falta de compreensão mútua pode gerar discriminação e marginalização, afetando negativamente a integração e a convivência entre diferentes grupos.

Durante a entrevista, houve outro momento em que a entrevistada demonstrou

confiança em mim. Ela compartilhou que sofre constantemente de violência psicológica e física por parte de seu parceiro, mostrando grande preocupação com sua falta de conhecimento sobre como lidar com essa situação. Nesse momento, a filha de Graciela aparece e se aconchega nos braços da mãe.

Graciela revelou que tentou deixar seu parceiro várias vezes, mas sempre acaba voltando a conviver com ele devido à falta de recursos próprios. Essa situação gera grande angústia para Graciela, o que torna esse momento da entrevista mais tenso, já que ela busca ajuda e suporte para enfrentar essa realidade difícil.

Neste ponto da entrevista, ofereço apoio emocional e tento orientar a Graciela sobre os serviços especializados que possam ajudá-la a se proteger e a obter o suporte necessário. No entanto, devido à distância da comunidade, essas soluções se tornam inacessíveis.

Quadro analítico da entrevista 2

Gabi (26 anos, Guanay)

Descrição da configuração familiar: A família de Gabi é composta por seis pessoas que vivem juntas. Gabi tem 26 anos e seu marido, Cesar, tem 27 anos. Eles têm quatro filhos: Jesus (10 anos), Ivan (8 anos), Yanci (6 anos) e Emeli (2 anos). Essa configuração familiar se enquadra no modelo de família nuclear.

Papéis familiares e trabalho: Gabi desempenha um papel central nas responsabilidades relacionadas ao cuidado das crianças e nas tarefas domésticas. Além disso, ela auxilia seu marido na produção de bananas, o que implica em responsabilidades tanto dentro quanto fora de casa. A presença da família de Cesar oferece suporte no cuidado das crianças, proporcionando um ambiente familiar mais amplo e colaborativo.

Migração: Gabi discute seu relacionamento com o cacique da comunidade e como

esse relacionamento a levou a migrar para a comunidade.

Bilinguismo dos pais: Gabi fala sobre o bilinguismo de seus pais, que falam quíchua e espanhol. No entanto, ela menciona que entende o quíchua, mas não o fala, tornando-se uma bilíngue passiva.

Línguas de Cesar: Gabi descreve as línguas faladas por seu concubino e quais são utilizadas dentro de casa por ele. Além do espanhol, que é a língua predominante, Cesar também promove o entendimento do quíchua entre seus filhos e Gabi, embora não exija que eles falem essa língua. Seu marido também é considerado um dos “lecos lecos” por falar rik’a.

Intercâmbio linguístico entre as crianças: Gabi confirma o que foi mencionado por Graciela sobre as crianças se ensinarem mutuamente suas línguas.

Bilinguismo: Ela acredita que o fato de seus filhos falarem mais de uma língua não seja prejudicial para eles, mas não menciona quais línguas gostaria que eles aprendessem.

Identidade étnica: Gabi não responde se ela se identifica como leca enquanto olha para o seu concubino.

Violência intrafamiliar: A violência intrafamiliar é discutida de forma geral, mencionando sua presença na comunidade. Gabi menciona que o machismo, que ela identifica como violência física, está presente, mas não especifica se ela é vítima dessa violência.

Comportamento de Gabi durante a entrevista: Observa-se que Gabi demonstra menos disposição para falar em comparação com Graciela. Esse fato pode ser atribuído ao seu relacionamento com uma autoridade e ao local onde a entrevista foi realizada. Embora o local estivesse vazio quando a entrevista começou, as pessoas começaram a lotar o local devido à chuva. A presença do marido fazia com que ela tivesse mais cuidado com as palavras que utilizava.

Quadro analítico da entrevista 3

Roxana (20 anos, El Alto) e Adelaida (58 anos, -)

Descrição da configuração familiar: A família de Roxana é composta por cinco pessoas que vivem juntas. Roxana, de 20 anos, é casada com Omar, de 22 anos, e juntos têm uma filha chamada Melanie, com 10 meses de idade. Além disso, a família inclui os pais de Omar, o senhor Moisés, de 59 anos, e a senhora Adelaida, de 58 anos. Essa configuração familiar pode ser classificada como uma família extensa, devido à presença dos sogros.

Papéis familiares e trabalho: Todos os membros colaboram no cultivo de banana, mas, devido à idade do bebê, Roxana assume a maior parte das tarefas domésticas. Essa atribuição de responsabilidade também ocorre porque eles moram na casa dos sogros, e os serviços de Roxana são uma forma de contribuição pela sua estadia no local. Enquanto todos colaboram no trabalho agrícola, Roxana assume uma carga importante nas tarefas domésticas por ser mãe e esposa. A presença dos sogros influencia as dinâmicas familiares, principalmente as relacionadas à criança de Melanie.

Migração: Roxana fala sobre sua migração, da cidade de El Alto para a comunidade de Torewa, devido ao relacionamento com seu esposo. Ela menciona os riscos e a falta de suprimentos básicos enfrentados durante a migração.

Línguas no lar: São discutidas as línguas presentes no lar de Roxana, na família dela e do seu marido. Como a família do seu esposo fala quíchua e a família dela fala aimará, a língua que utilizam para se comunicar dentro da casa é o espanhol. Com a filha Melanie, diferentes línguas são usadas: seus sogros falam com ela em quíchua, Roxana e seu esposo falam em espanhol, e os pais de Roxana falam em aimará.

Educação bilíngue: Roxana comenta sobre a educação bilíngue que recebeu na escola, onde lhe ensinavam espanhol e aimará, e ela considerava isso uma "buena forma de aprender" (boa forma de aprender).

Discriminação e violência: Roxana diz que nunca experimentou discriminação em nenhuma manifestação e não acredita que exista na comunidade. No entanto, em interações informais posteriores junto com sua sogra, Roxana fala da violência intrafamiliar e sua sogra confirma que ela também sofreu durante todo o seu relacionamento com seu marido distintos tipos de violência.

Bilinguismo: Ao falar sobre a filha, Roxana menciona que gostaria que, além do espanhol, ela falasse inglês porque ela gostou muito de aprender essa língua e também porque considera que seja importante, mas não menciona as línguas indígenas, embora diga que as interações com a bebê são nessas línguas.

A partir deste ponto, o discurso de Roxana é limitado pela presença de seus sogros, cunhado e marido durante a entrevista.

Educação na comunidade: Roxana não fornece muitos detalhes sobre a educação na comunidade, exceto pela ausência dos professores. Nesse ponto, seu cunhado assume a palavra e compartilha sua visão sobre os desafios e problemas enfrentados no sistema educacional, já que ele é pai de crianças que frequentam a escola na comunidade.

O cunhado de Roxana menciona a falta de vocação dos professores, a ausência de diálogo entre as autoridades da escola, os pais e as crianças. Ele também destaca a presença maior de crianças tsimanes e mosetenes nas salas de aula, e aborda o papel do Ministério da Educação na alocação de professores e recursos. Além disso, ele menciona a falta de compreensão dos professores das necessidades específicas das crianças e da comunidade, e como isso poderia ser mitigado.

Quando questionado sobre as línguas que ele fala, surgem avaliações interessantes, como "hablar perfecto el aymara" (falar perfeitamente o aimará) ou "hablar correcto el español" (falar corretamente o espanhol). Ele também menciona que o leco está se perdendo porque "no hay con quién interactuar en leco" (não há com quem falar em leco).

Comportamento de Roxana durante a entrevista: Ao chegarmos para entrevistá-la, encontramos Roxana na cozinha de seus sogros, segurando seu bebê no colo enquanto cozinhava o jantar. Inicialmente, a conversa flui de maneira agradável, compartilhando experiências sobre as diferenças entre viver no altiplano e na Amazônia, considerando que Roxana é natural de El Alto, enquanto eu moro em La Paz, cidades vizinhas.

No entanto, à medida que sua sogra entra na cozinha, percebe-se que Roxana começa a se sentir desconfortável durante a entrevista, adotando uma postura defensiva. Talvez Roxana se sinta diminuída ou subestimada em relação ao seu papel e importância dentro da casa onde vive, distante de sua família de origem.

A presença da sogra parece exercer uma forma de controle sobre o que Roxana diz, fazendo com que seu discurso mude completamente. Ela passa a dar respostas mais curtas e falar apenas o que acredita ser esperado por nós. Quando seu sogro e cunhado também entram na cozinha, a possibilidade de falar parece lhe ser tirada completamente, e Roxana concentra sua atenção na tarefa de cozinhar. Tanto ela quanto sua sogra ficam silenciosas na presença dos homens, como se seus discursos só pudessem existir na ausência dos membros masculinos da família.

Em outros intercâmbios informais, notamos que Roxana e sua sogra se mostram mais confiantes ao compartilhar comigo não apenas questões relacionadas à vida familiar, mas também conhecimentos multidisciplinares que utilizam para viver em um ambiente desafiante. Sobretudo, Adelaida demonstra possuir um amplo conhecimento sobre o uso de plantas medicinais. Durante essas interações, quando ocorrem sem a presença dos homens, o ambiente se torna leve e propício para um diálogo aberto e enriquecedor.

Quadro analítico da entrevista 4

Liz (20, Palos Blancos)

Descrição da configuração familiar: A família de Liz é composta por quatro pessoas que vivem juntas. Liz, de 20 anos, é casada com Luis, de 24 anos, e juntos têm dois filhos, Alexia, com 2 anos, e Luis, com 5 anos. Essa configuração familiar pode ser classificada como uma família nuclear.

Papéis familiares e trabalho: Liz tem assumido a responsabilidade de ficar mais em casa para cuidar das crianças e se dedicar às tarefas domésticas. Não fornece mais informações sobre as atividades que realiza seu marido.

Família de Liz: Liz mencionou que seu pai era bilíngue em moseten e espanhol, enquanto sua mãe era monolíngue em espanhol. Ela mencionou que seu pai nunca falou com ela em moseten, apenas em espanhol. Uma pergunta que chamou a atenção foi quando ela se questionou: "¿Por qué no me haiga enseñado (moseten), no?" (Por que será que ele não me ensinou, né?).

Neste momento da entrevista, a filha de Liz, Alexa, se aproximou da mãe, mas não pronunciou nenhuma palavra. Ofereci mirtilos para ela, um aperitivo que levei para cada uma das entrevistadas, junto com nozes e amêndoas, para compartilhar com as colaboradoras, e ela ficou comendo tranquilamente enquanto continuamos a conversa.

Educação de Liz: Liz menciona que toda a sua escolarização em Palos Blancos, onde ela morava, foi em espanhol.

Línguas de Luis: Liz disse que seu esposo também fala apenas espanhol, mas entende quíchua porque seus pais são bilíngues em quíchua e espanhol, e seus avós falam exclusivamente quíchua, usando a expressão "ellos hablan quíchua cerrado" (eles falam quíchua cerrado).

Transmissão linguística na família de Liz: Liz mencionou que seus avós são bilíngues. Sua avó fala espanhol e moseten, enquanto seu avô fala espanhol e tsimane. É interessante notar que, sendo comum que o homem defina as políticas linguísticas, chama a atenção o fato de que o pai de Liz falava moseten, a língua

da mãe, mas não tsimane, a língua do pai.

Discriminação na comunidade: Ao abordar a discriminação na comunidade, Liz confirmou que ela existe e se manifesta nas palavras usadas para se referirem uns aos outros, como "Ese moseten, ese pariente" e "Collas, matawas, chamitas".

Comportamento de Liz durante a entrevista: Como não conhecíamos bem a comunidade, Graciela se ofereceu para nos guiar até a casa de Liz. Ao chegarmos, encontramos Liz no pátio alimentando os porcos que estavam lá. Embora tenhamos sido bem recebidas, a presença de Graciela pareceu incomodar Liz. Decidimos realizar a entrevista no pátio da casa dela. Quando a entrevista começou, a filha de Liz, Alexia, desceu as escadas e se juntou a sua mãe, permanecendo em seu colo durante todo o tempo.

Durante a entrevista, notei que Liz evitava dar nomes ou fornecer muitas informações específicas sobre sua família. Esse comportamento pareceu estar relacionado à presença de Graciela durante a entrevista. Apesar disso, as informações fornecidas em relação às línguas faladas na família dela e de seu marido foram importantes para compreender um processo de deslocamento linguístico geracional.

Quadro analítico da entrevista 5

Mercedes (45, Torewa)

Descrição da configuração familiar: A família de Mercedes é composta por nove pessoas, das quais cinco vivem juntas. Mercedes tem 45 anos e seu marido, Carlos, tem 44 anos. Eles têm sete filhos, mas apenas três deles moram com eles. Os nomes dos filhos que não moram com ela são: Mario, Manuel, Roxana e Alejandro. Os três filhos que vivem com ela se chamam Evalina, de sete anos, Nestor, de treze anos, e Basilio, de quinze anos. Essa configuração familiar se enquadra no modelo de família nuclear.

Papéis familiares e trabalho: Assim como todas as mulheres entrevistadas, Mercedes é responsável por todas as tarefas relacionadas ao lar. No entanto, ela não realiza nenhuma dessas atividades de forma individual, pois existe colaboração e as mulheres tsimanes geralmente se reúnem para cuidar das crianças, cozinhar e comer juntas. Essa prática difere de outras famílias em que as reuniões costumavam ocorrer apenas entre membros da família estendida. É interessante notar que a colaboração se dá exclusivamente na língua tsimane, o que reforça o senso de solidariedade e colaboração entre as famílias tsimanes da comunidade.

As principais atividades econômicas realizadas pelo seu parceiro são a caça e a pesca. Ele comercializa produtos como o Sábalo, o Pacú e o Surubí, que são peixes de rio, e também roedores grandes como o Jochi Pintao. Sua produção agrícola é principalmente para consumo próprio ou para intercâmbio com outras famílias por produtos. Notavelmente, a maior parte dos homens são bilíngues, já que são responsáveis pelos intercâmbios econômicos, enquanto esse fenômeno não ocorre com as mulheres, as quais são monolíngues em tsimane com exceção de Mercedes e outra colaboradora.

Identidade linguística: No início da entrevista, Mercedes se apresenta como uma mulher bilíngue, falando tsimane e espanhol, embora ela mesma não utilize o termo "bilíngue" para se definir.

Ao contrário das mulheres entrevistadas anteriormente, Mercedes demonstra um genuíno interesse na pesquisa. Ela faz perguntas sobre as informações compartilhadas com ela, sobre a pesquisa em si, sobre minha família e examina com atenção as fotografias apresentadas.

Quando pergunto sobre as pessoas que moram com ela, Mercedes traz as identidades de cada um. O qual me permite saber que ninguém além de seu marido, sabe assinar, isto quer dizer que só ele sabe escrever. Confirmando essa informação com Mercedes. O fato de eles terem uma identidade é muito importante porque assim podem exigir direitos à educação, à saúde, à justiça,

assim como ter acesso aos programas sociais do governo. As pessoas que moram com Mercedes são quatro, seu cônjuge e três de seus sete filhos.

Durante a entrevista, a filha de Mercedes, Evalina, de sete anos, acompanha a mãe. Ela é muito tímida e não se aproxima, exceto para pegar os mirtilos que levei como uma forma de agradecimento pelo seu tempo. Enquanto conversamos, Mercedes explica que está preparando chicha de aipim, uma bebida tradicional, para comemorar o aniversário de Evalina.

Uso da língua tsimane em casa: Mercedes revela que a interação entre ela e Evalina ocorre apenas em tsimane. Ao perguntar se Evalina entende espanhol, Mercedes responde que não, e que seus filhos, aqueles que moram com ela, só falam tsimane. Ela também menciona que seu esposo foi quem lhe ensinou espanhol, já que ela não teve acesso à educação.

Educação: Ao indagar se Evalina e seus irmãos, Nestor e Basílio, frequentam a escola, Mercedes confirma que sim. Ela diz que é na escola que eles estão aprendendo espanhol para se tornarem bilíngues, como seus filhos que não moram mais com ela.

Migração: Ao discutir sobre a migração, Mercedes menciona que sua filha mais velha deixou a comunidade para morar na cidade de El Alto. Quando pergunto se sua filha ainda fala tsimane, Mercedes responde que não, pois ela sente vergonha e só fala espanhol.

Ela menciona que seus irmãos também deixaram a comunidade para morar no Brasil e que ela não tem notícias deles desde a última vez em que os viu.

Relação com outras mulheres da comunidade: Mercedes confirma que não tem muita comunicação com as outras mulheres da comunidade devido à diferença de línguas. Ela se sente envergonhada em falar espanhol na frente delas, mas também questiona que elas não saibam tsimane.

A disposição das casas demonstra a distância e segregação entre os grupos étnicos e linguísticos. Sua casa fica distante da escola e das casas previamente entrevistadas, mas próxima às casas das outras famílias tsimanes.

Violência intrafamiliar: Quando abordamos o tema da violência intrafamiliar, Mercedes comenta que "es lo normal" (é o normal) e que "no hay mucho que se pueda hacer" (não há muito a ser feito).

Mercedes menciona sua vizinha Frida, que mora perto de sua casa, e sugere que ela nos acompanhe para entrevistá-la, pois Frida só fala tsimane, podendo atuar como tradutora. Durante o percurso até a casa de Frida, Mercedes fala sobre as dificuldades que enfrenta para obter medicamentos para seus filhos quando eles ficam doentes e pede que, quando voltarmos à comunidade, levemos roupas de segunda mão.

Comportamento de Mercedes durante a entrevista: Mercedes é uma das colaboradoras que demonstra grande interesse pela pesquisa e por ser entrevistada. Seu domínio do espanhol facilita o diálogo entre nós. Sua atitude não se limita apenas a responder às perguntas feitas, mas também a fazê-las. Esse tipo de comportamento estimula o intercâmbio e possibilita conhecer mais a fundo outras temáticas que estão relacionadas, de forma implícita, com a pesquisa. Durante a entrevista, ela estava acompanhada por sua filha Evalina, que não parava de observar com curiosidade o diálogo entre nós.

Quadro analítico da entrevista 6

Frida (38, Misión Fátima)

Descrição da configuração familiar: A família de Frida é composta por oito pessoas, das quais seis vivem juntas. Frida tem 38 anos e seu marido, Manuel, tem 37 anos. Eles têm seis filhos vivos, dos quais quatro moram com eles: René, Beatriz e Nicolás. O filho mais novo tem apenas 6 meses e ainda não recebeu um nome, devido ao alto índice de mortalidade infantil na comunidade. Três de seus filhos já faleceram devido à falta de acesso à água potável, medicamentos e vacinas. A configuração familiar se enquadra no modelo de família nuclear.

Papéis familiares e trabalho: Frida assume a responsabilidade de realizar todas as tarefas domésticas e cuidar dos filhos, pois seu marido está envolvido em atividades econômicas de caça e pesca. Ela e sua amiga Mercedes compartilham algumas tarefas, como criar os filhos, cozinhar, comer, limpar e cuidar dos animais, fortalecendo a noção de comunidade e promovendo uma rede de apoio mútuo.

Frida e Mercedes são amigas íntimas, o que a faz sentir mais confortável com nossa presença. Ela demonstra receio ao falar em espanhol e Mercedes atua como tradutora para facilitar a entrevista. Frida concorda em realizar a entrevista após a explicação do propósito da pesquisa.

Uso da língua tsimane em casa: Frida explica que as interações com seu marido e seus filhos ocorrem apenas em tsimane. Seu esposo fala espanhol para se comunicar com outras pessoas, com quem ele vende tudo o que pesca e caça. Ao perguntar mais sobre sua família, Frida menciona que seus pais também eram tsimanes e que só falavam tsimane.

Educação: Frida revela que frequentou a escola em sua comunidade, mas não concluiu os estudos, pois a partir do sexto ano, o ensino era ministrado em espanhol e não mais em tsimane, o que a fez optar por deixar a escola. Ao perguntar se ela quer aprender espanhol, Frida responde "ya no es tiempo" (já não é tempo), mas que ela quer que seus filhos aprendam espanhol.

Relação com outras mulheres da comunidade: Frida menciona que se relaciona apenas com as mulheres tsimanes devido à diferença de línguas. Ela destaca a rejeição e o afastamento de outras mulheres, que consideram as mulheres tsimanes como bruxas. No entanto, seus filhos convivem com outras crianças na escola e realizam intercâmbios linguísticos.

Violência doméstica: A violência doméstica não foi abordada devido à presença de Mercedes.

Comportamento de Frida durante a entrevista: Ao chegarmos à casa de Frida,

fomos recebidas no pátio. Ela estava segurando seu bebê no colo o tempo todo e estava sozinha em casa. Seus filhos saíram com o pai para ajudá-lo com suas atividades. Embora Frida compreenda o espanhol, ela não se sente confortável para falar nessa língua, pelo qual Mercedes atuou como tradutora, gerando uma mistura de sentimentos. Por um lado, a presença de Mercedes facilitou a realização da entrevista, pois Frida pôde se comunicar com mais facilidade e se sentia mais à vontade com nossa presença. Por outro lado, as diferenças linguísticas também geraram um certo receio, possivelmente por medo de não ser compreendida adequadamente ou de expressar-se de forma inadequada. O intercâmbio foi unilateral, mas também rico em informações sobre a lealdade linguística ao tsimane e como é o pilar da sua identidade.

Quadro analítico da entrevista 7

Silvia (16, Asunción)

Descrição da configuração familiar: As informações fornecidas por Silvia sobre sua família oferecem um panorama bastante completo dos membros e das diferentes gerações que a compõem.

Silvia vem de uma família originária de Asunción, onde a língua moseten é predominante. Seus pais são Balvina e Luciano, e ela tem três irmãos: Claudia, Ana e Raymundo. Silvia, de 16 anos, vive com seu parceiro Osmar, de 21 anos, e juntos têm um bebê chamado Lenin, com 10 meses. Eles compartilham a casa com os pais de Osmar, o senhor Bartolo, de 48 anos, e a senhora Martina, de 46 anos. A configuração familiar se enquadra no modelo de família extensa. A avó de Osmar, Candelaria, de 74 anos, mora na casa vizinha com Serafín, de 48 anos.

Papéis familiares e trabalho: Segundo Silvia, as mulheres jovens são responsáveis pela maioria das tarefas domésticas, incluindo cuidados com crianças, animais e doentes, além de colaborar no cultivo de alimentos. O marido gera renda através da caça e pesca. A solidariedade entre as mulheres não é tão

evidente, possivelmente devido às diferenças linguísticas, mas Silvia compartilha mais com sua irmã Claudia.

Habilidades linguísticas: Silvia é trilingue, com moseten como língua materna, e fala tsimane e espanhol. Ela aprendeu tsimane com seu esposo para se comunicar com a família dele, que fala "tsimane cerrado".

Migração: Silvia migrou para a comunidade devido ao seu esposo, assim como outras entrevistadas.

Línguas faladas com o bebê: Silvia fala com seu bebê em tsimane e moseten, mas seu marido prefere que ela fale apenas em tsimane, para que ele possa se comunicar com sua família. No entanto, Silvia deseja que Lenin possa se comunicar com ambas as famílias, sem priorizar uma língua, e por isso mantém a comunicação com ele em moseten.

Família e comunidade: Silvia compartilha detalhes sobre seus irmãos, que são bilíngues, e sua irmã Ana, que assim como ela, é trilingue e também vive na comunidade. Ela menciona que na sua comunidade só falam moseten e que começou a falar mais espanhol em Torewa para se comunicar com outras pessoas. Silvia também menciona sua experiência escolar até o primeiro ano do ensino médio e como teve que deixar a escola devido à gravidez e como isso também a obrigou a sair da sua comunidade para morar com o pai de seu bebê. Ela menciona que todos os livros estão em moseten e que, quando um professor chega à comunidade, eles ensinam moseten para que ele possa dar aulas nessa língua.

Vizinhança e violência intrafamiliar: Silvia menciona que seus vizinhos são todos tsimanes e oferece-se para me acompanhar até as outras casas. Durante o percurso, falamos sobre a violência intrafamiliar, e Silvia denuncia que seu parceiro é uma pessoa violenta com ela, mas ela não sabe como fazer a denúncia. Ela menciona que a violência é recorrente e afeta a maioria das mulheres e meninas, menciona também um caso de estupro que ocorreu algum tempo atrás e como não souberam lidar com o assunto.

Comportamento de Silvia durante a entrevista: Assim como Mercedes, Silvia demonstra ser muito participativa e receptiva. Durante a entrevista, ela está acompanhada de sua irmã Claudia e seu bebê de 10 meses, chamado Lenin. Claudia entende e fala espanhol, mas prefere se comunicar com Silvia em moseten. A atitude de Silvia denota um interesse genuíno em compreender a pesquisa e seus objetivos ao fornecer dados valiosos. Ela se mostra disposta a compartilhar seu conhecimento através de respostas bem elaboradas e complexas, demonstrando uma postura crítica em relação às questões abordadas. Isso possibilita uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas familiares por meio de suas narrativas.

Quadro analítico da entrevista 8

Martina (46, Río Colorado)

Descrição da configuração familiar: Além do que foi mencionado no quadro de Silvia, Martina não fornece muitas mais informações sobre sua família. A única informação que ela proporciona sobre seus oito filhos é que todos eles falam tsimane e espanhol, ao contrário dela, que compreende o espanhol, mas só se expressa em tsimane.

Martina fala em tsimane, e Silvia atua como tradutora durante a entrevista. Enquanto falamos, Martina lava roupas no rio, mas mostra-se receptiva à nossa presença.

Migração e origem: Assim como Silvia, Martina também é uma migrante e vem da comunidade de Río Colorado, onde a língua predominante é o tsimane.

Habilidades linguísticas: Martina afirma entender espanhol e moseten, mas só fala em tsimane. O mesmo ocorre com seu marido, Bartolo. Ela menciona a proximidade entre o moseten e o tsimane, que compartilham muitas palavras e características, o que torna a compreensão mútua entre as línguas viável.

Família e filhos: Martina menciona ter oito filhos, mas só mora com ela o marido de Silvia. Ela não menciona os nomes dos oito filhos, mas destaca que todos eles são bilíngues, falando tsimane e espanhol.

Martina menciona também sua mãe, Candelaria, e afirma que ela fala "tsimane cerrado".

Relação com outras mulheres: Quando questionada sobre sua relação com outras mulheres, Martina responde que "es bien nomás" (é relativamente boa). Ela também menciona que, como seus filhos já não estão em idade escolar, não se relaciona muito com as outras mulheres da comunidade.

Escolarização: Martina revela que não frequentou a escola, mas não menciona os motivos. No entanto, ela menciona que seus filhos foram escolarizados e foi na escola que eles aprenderam espanhol.

Violência: A questão da violência não pode ser abordada devido à chegada do marido de Martina ao local da entrevista, o que encerra a entrevista nesse momento.

Comportamento de Martina durante a entrevista: Durante a entrevista, Martina não forneceu muitos detalhes sobre sua família. A comunicação foi conduzida de forma objetiva e focada nas informações relevantes para a pesquisa. A presença de Silvia como tradutora foi fundamental para facilitar a compreensão das respostas de Martina, permitindo que suas perspectivas fossem adequadamente transmitidas.

Martina demonstrou um forte vínculo com sua língua materna, o tsimane, e sua preferência por se comunicar nessa língua pode refletir sua identidade cultural e o orgulho em relação à sua língua e herança ancestral.

Quadro analítico da entrevista 9

Fatima (27, Cuchisama)

Descrição da configuração familiar: Fátima, uma mulher de 27 anos, é casada com Alberto, de 30 anos, e juntos formam uma família com quatro filhos: Rebeca, de 11 anos, Marcelo, de 9 anos, Lila, de 6 anos, e San, de 2 anos. Esta configuração os define como uma família reconstituída.

É importante notar que Alberto não é o pai biológico das crianças. Fátima foi abandonada por seu primeiro parceiro, e ela se uniu a Alberto para garantir a geração de recursos econômicos para sua família.

Silvia nos acompanha até a casa de Candelaria, avó do marido de Silvia. No momento em que chegamos, duas mulheres estão reunidas com seus filhos, compartilhando uma refeição. Pedimos desculpas pela interrupção, e Silvia pergunta em tsimane se preferem que voltemos mais tarde. Elas são muito receptivas e nos permitem ficar com elas na cozinha. Silvia nos apresenta.

Silvia pergunta quem gostaria de responder algumas perguntas primeiro e explica a pesquisa para elas. Fátima se voluntaria, pois Candelaria está terminando de preparar o almoço. Silvia me diz que Fátima não entende nem fala espanhol, mas que ela irá traduzir tudo para ela e para nós.

Migração e comunidade: Fátima também é uma migrante e pertence à comunidade de Cuchisama. Em comparação com Silvia, Fátima é bastante reservada.

Filhos de Fátima: Na entrevista, estão presentes seus quatro filhos. As quatro crianças estão atentas durante toda a interação e não param de brincar com a saia da sua mãe ou com seus cabelos. Pergunto quais são seus nomes, mas eles não respondem. Silvia repete a pergunta em tsimane e Fátima responde. Sua filha mais velha chama-se Rebeca e tem 11 anos, sua outra filha se chama Lila e tem 6 anos, Marcelo tem 4 anos e San tem 2 anos. A língua materna das crianças é o tsimane, pois é a língua que usam em casa e com os vizinhos. Fátima também menciona a escolarização das crianças, que ocorre em espanhol, o que causa dificuldades de compreensão para seus filhos.

Escolarização: Fátima diz que frequentou a escola até o sexto ano e que sua

educação acontecia em tsimane, mas como as aulas passaram a ser em espanhol, ela preferiu abandonar a escola porque não entendia. Seu marido frequentou até o primeiro ano do ensino médio em sua comunidade, Yanumo.

Composição familiar: Pergunto com quem mais ela mora, e ela responde que mora com seu marido Alberto, de 30 anos, que fala espanhol, tsimane e entende moseten. No momento em que ela menciona isso, Candelaria faz um comentário em tsimane, que Silvia traduz: "su marido la ha dejado, por eso se ha juntado con el Alberto".

Esse comentário faz com que Fátima se sinta desconfortável com a entrevista, e decido não fazer mais perguntas. No entanto, podemos inferir que o abandono das mulheres é uma expressão da violência machista na comunidade. A divisão de tarefas por gênero impede que as mulheres fiquem sozinhas, pois precisam de alguém que caça, pesque e cultive para sua sobrevivência e a de seus filhos. Esse também é um fator que leva muitas mulheres a ficarem em situações de violência, como discutimos com Silvia após a entrevista.

Comportamento de Fátima durante a entrevista: Durante o início da entrevista, Fátima demonstrou um comportamento reservado, mas não aparentava se sentir confortável ao compartilhar informações sobre sua família e sua vida. Ela estava disposta a participar ativamente da pesquisa, respondendo às perguntas e compartilhando detalhes sobre seu casamento com Alberto e seus quatro filhos.

A presença de Silvia como tradutora pareceu não causar desconforto para Fátima. Pelo contrário, a atuação de Silvia como intermediária na comunicação ajudou a estabelecer um ambiente mais acolhedor e acessível para que a entrevista prosseguisse de forma fluente.

No entanto, quando o tema do abandono que Fátima sofreu de seu primeiro parceiro foi abordado, houve uma mudança significativa em seu comportamento. O comentário sobre esse assunto delicado pareceu afetá-la emocionalmente, fazendo com que a entrevista terminasse abruptamente.

Quadro analítico da entrevista 10
Candelaria (74, San Borja)
Descrição da configuração familiar: Candelaria é avó do marido de Silvia. Ela compartilha uma configuração familiar peculiar, pois só mora com Serafín (48 anos), que não é o pai de seus filhos.
No momento da entrevista, Candelaria está preparando arroz com aipim e pescado, e também nos oferece cana de açúcar de suas plantações.
Migração: Candelaria é migrante da comunidade de San Borja. Não especifica os motivos que a trouxeram a Torewa, nem faz quanto tempo isso aconteceu.
Escolarização de Candelaria: Pergunto se ela frequentou a escola, e ela responde que não, que não teve acesso à educação. Ela não menciona as razões para isso.
Participação de Serafín: No momento em que estávamos prestes a fazer mais perguntas para Candelaria, seu cônjuge Serafín aparece. Assim como Candelaria, Serafín também é migrante e vem da mesma comunidade, San Borja. Ele traz seu caderno para fazer perguntas e pede para ser entrevistado. Ele assume a palavra enquanto Candelaria continua suas atividades na cozinha.
Multilinguismo de Serafín: Serafín é uma pessoa muito participativa, disposta a interagir e fornecer muitas informações sobre qualquer assunto. Ele começa a nos ensinar palavras em tsimane, pois ele fala tsimane, espanhol, quíchua, aimará e rik'a. Ele acredita que aprender várias línguas é importante e que tem curiosidade de aprendê-las para se comunicar com as pessoas da comunidade.
Relacionamento de Serafín com Candelaria: Serafín não é o pai dos filhos de Candelaria. Ele explica que eles se juntaram depois que o marido de Candelaria foi embora e ela ficou sozinha. Ele menciona que foi criado por seu irmão mais velho, que era bilíngue e foi quem lhe ensinou espanhol, e por sua mãe, que fala "tsimane cerrado".
Escolarização de Serafín: Serafín conta que sua alfabetização ocorreu em tsimane, pois seus professores eram todos tsimanes durante o ensino

fundamental. Depois, eles começaram a ensinar espanhol. Ele relata ter sofrido punições físicas e psicológicas por parte do professor de espanhol, que não permitia que eles falassem em tsimane. Ele se refere ao professor como "maldito colla". Quanto às punições físicas, ele relata que eram espancados com um pedaço de pau nas mãos ou forçados a cortar a grama do pátio da escola se falassem em tsimane. Quando ele fala sobre esse assunto, pergunto às mulheres presentes se elas também vivenciaram situações semelhantes, e elas afirmam que sim, que foram maltratadas pelos professores de espanhol porque "no les gusta el tsimane" (eles não gostam do tsimane).

Educação na comunidade: Em seguida, discutimos sobre a educação na comunidade e a falta de professores bilíngues. Atualmente os professores só falam espanhol e não sabem como se comunicar com as crianças cuja língua materna é o tsimane, a qual é falada pela maioria dos alunos na escola. Serafín defende que a educação deveria ser bilíngue, em tsimane e espanhol, pois as crianças usam o tsimane em seu cotidiano, mas precisam aprender espanhol para se comunicar com os outros.

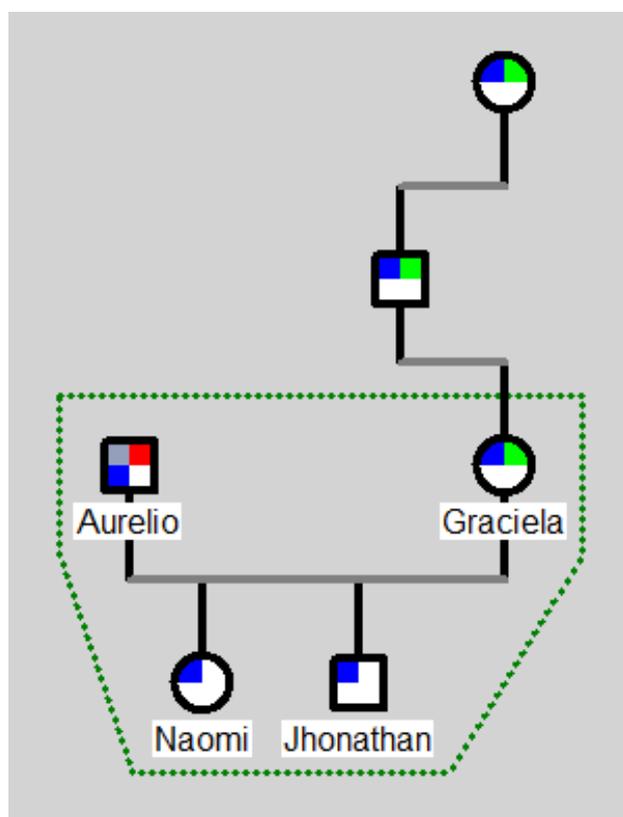
Comportamento de Candelaria durante a entrevista: Durante a entrevista, Candelaria demonstrou um comportamento reservado e reticente na presença de Serafín. Assim como com Roxana, a presença de uma pessoa do sexo masculino, pareceu afetar a dinâmica da interação, fazendo com que Candelaria se tornasse mais reclusa e permitisse que Serafín assumisse o papel de porta-voz.

Em seguida, serão apresentados os genogramas elaborados para cada uma das famílias que colaboraram com a pesquisa. Cada um deles foi elaborado utilizando o software GenoPro2020 de acordo com as seguintes cores.

Língua	Cor	
Aimará	Verde	
Espanhol	Azul	
Quíchua	Vermelho	
Rik'a	Cinza	
Tsimane	Amarelo	
Moseten	Laranja	
Outras línguas	Roxo	

Figura 8 — Tabela 1: Utilização de Cores Genogramas.

Fonte: Elaboração própria.



	Espanhol		Aimará		Quíchua		Rik'a
---	----------	---	--------	---	---------	---	-------

Figura 9 — Genograma 1: Família de Graciela.

Fonte: Elaboração própria.

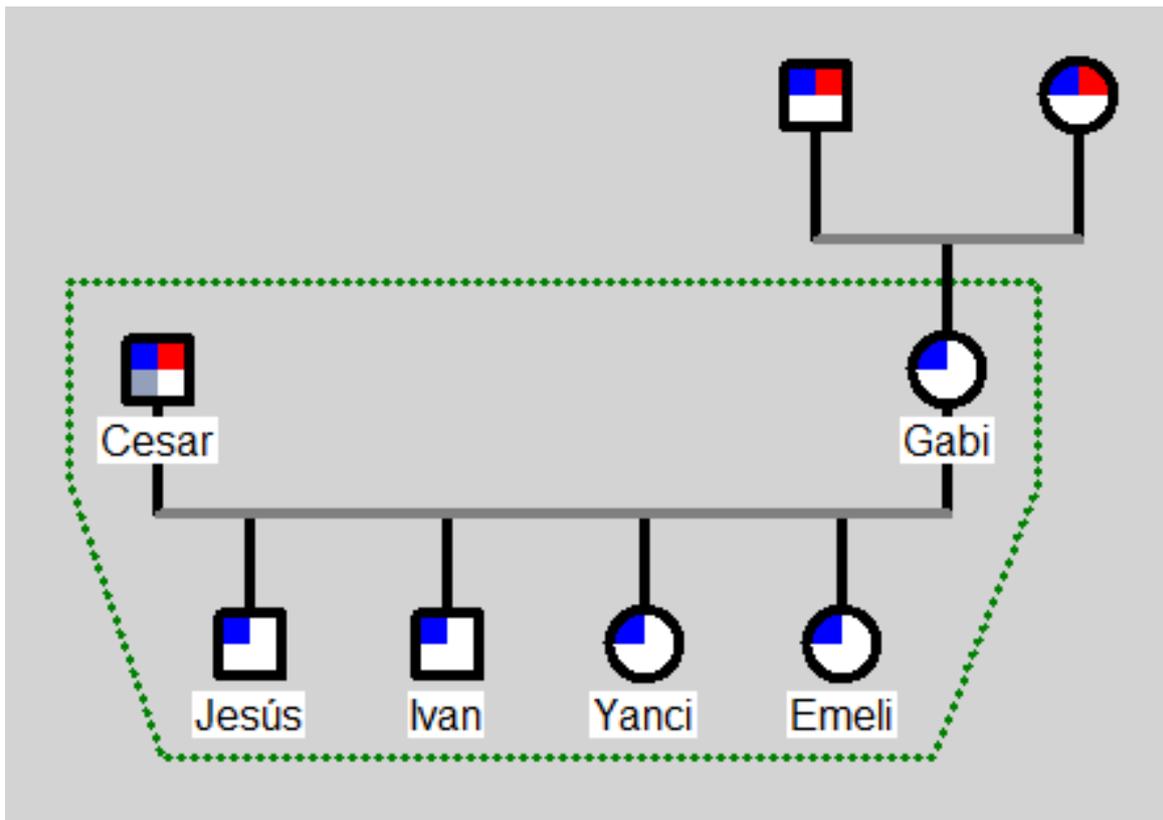
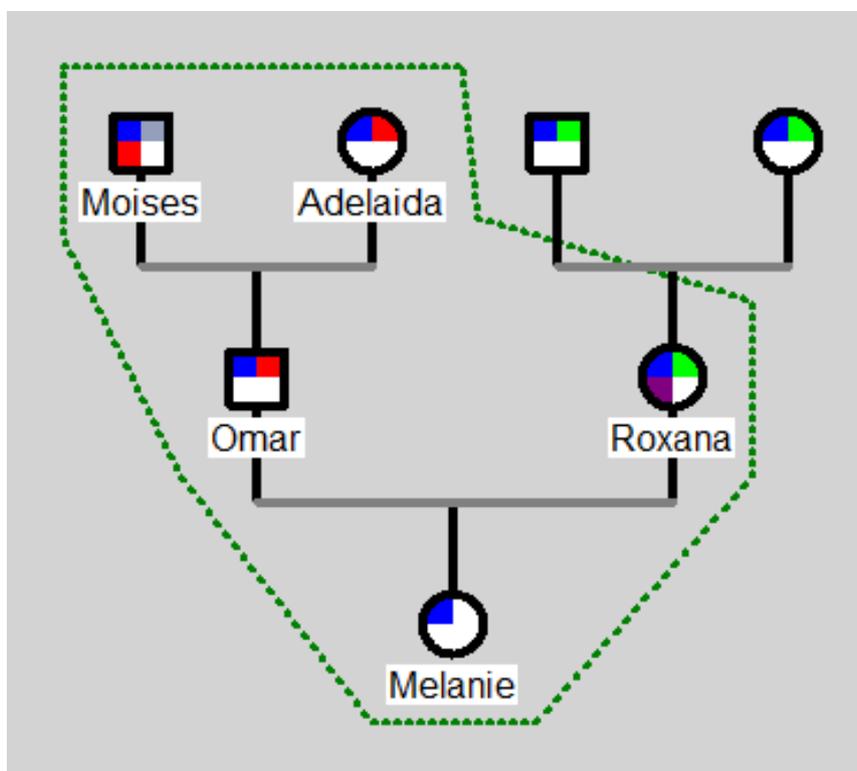


Figura 10 — Genograma 2: Família de Gabi.

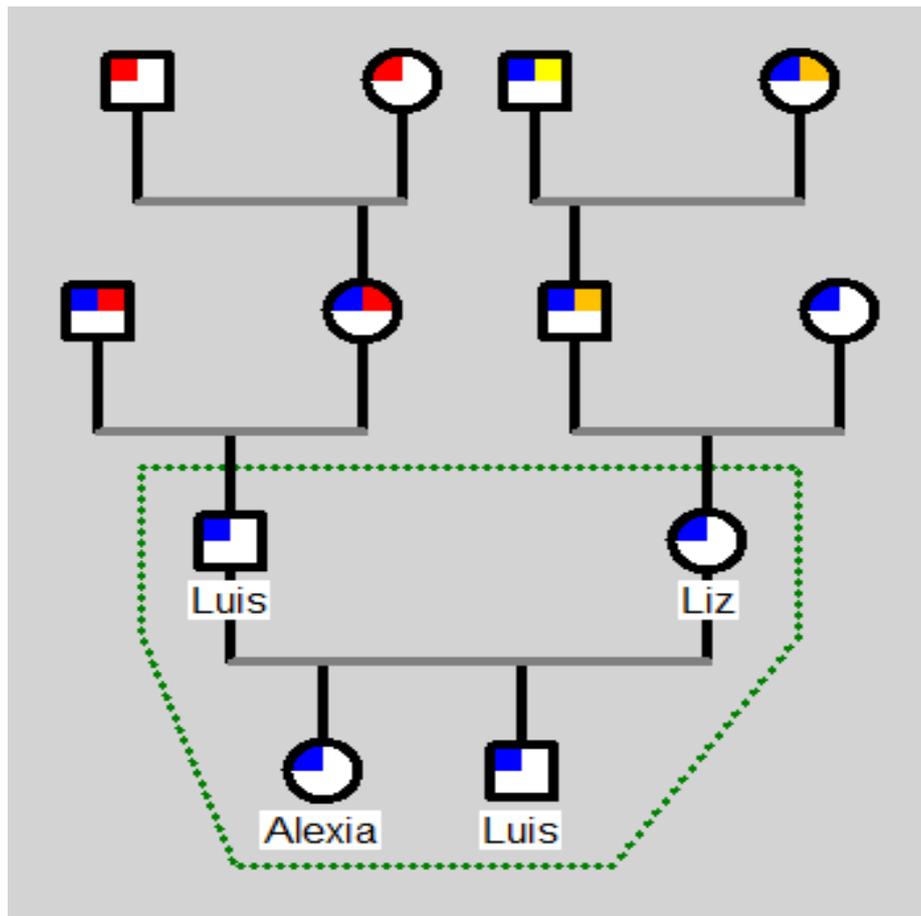
Fonte: Elaboração própria.



	Espanhol		Aimará		Quíchua		Rik'a		Outras línguas
--	----------	--	--------	--	---------	--	-------	--	----------------

Figura 11 — Genograma 3: Família de Roxana e Adelaida.

Fonte: Elaboração própria.



	Espanhol		Tsimane		Quíchua		Moseten
--	----------	--	---------	--	---------	--	---------

Figura 12 — Genograma 4: Família de Liz.

Fonte: Elaboração própria.

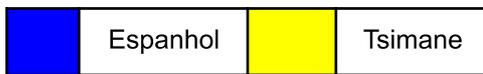
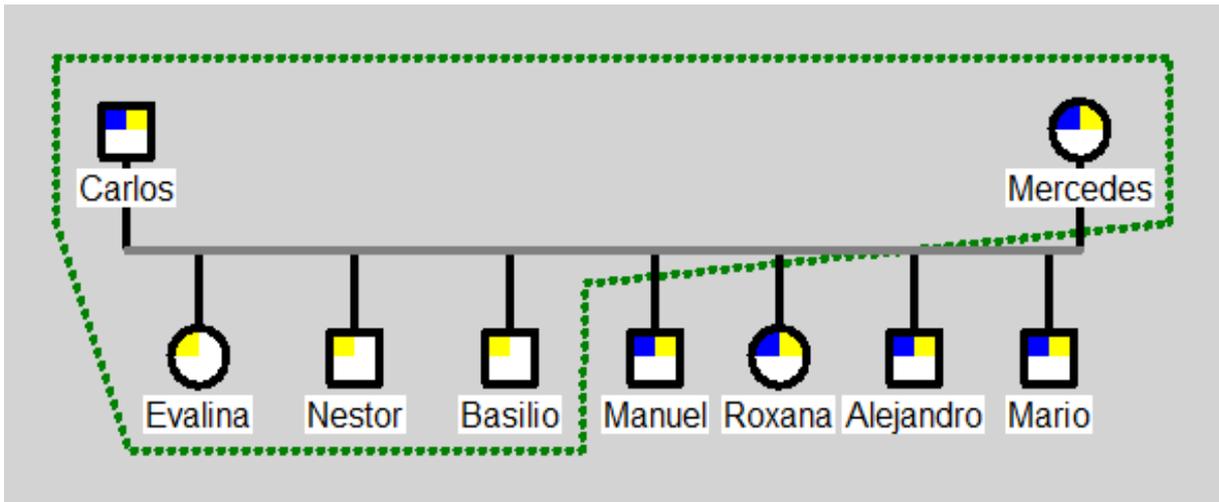


Figura 13 — Genograma 5: Família de Mercedes.

Fonte: Elaboração própria.

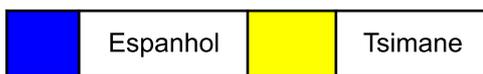
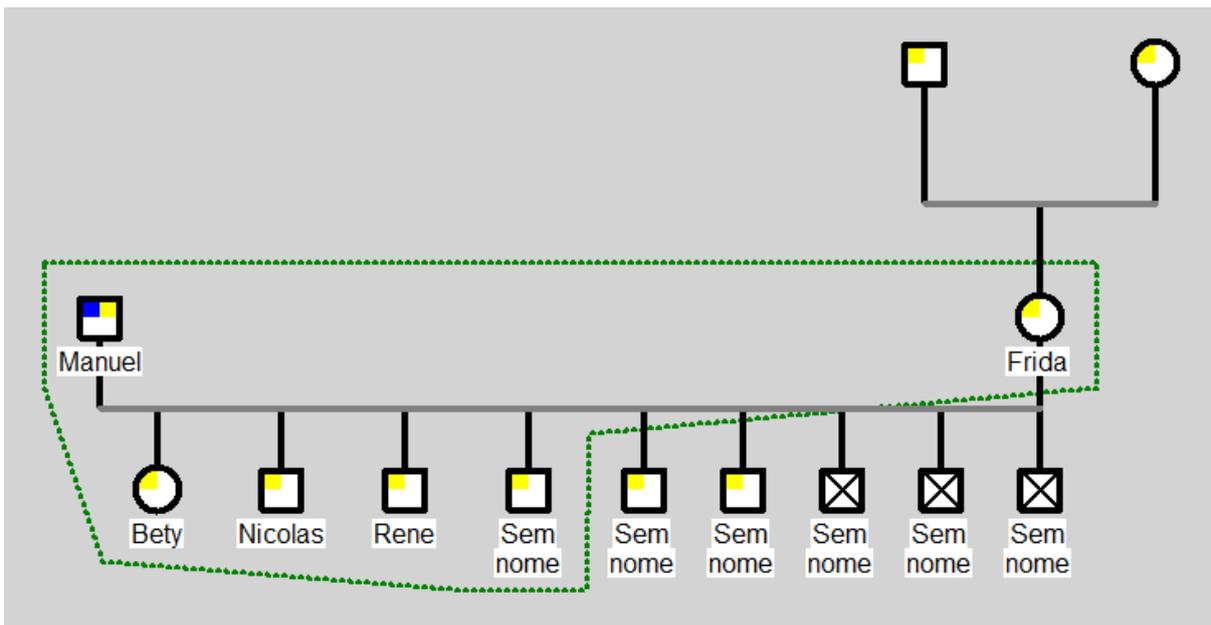


Figura 14 — Genograma 6: Família de Frida.

Fonte: Elaboração própria.

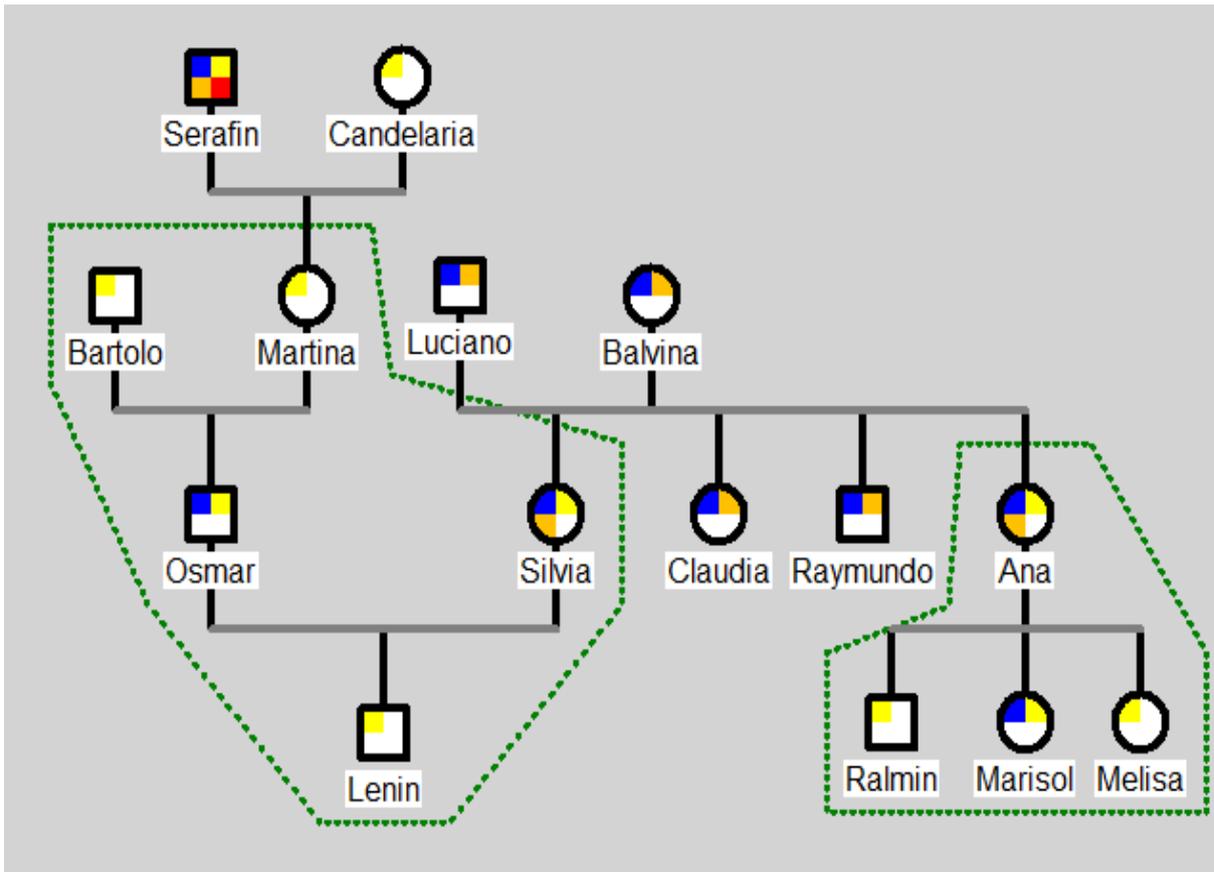


Figura 15 — Genograma 7: Família de Silvia, Martina e Candelaria.

Fonte: Elaboração própria.

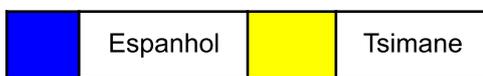
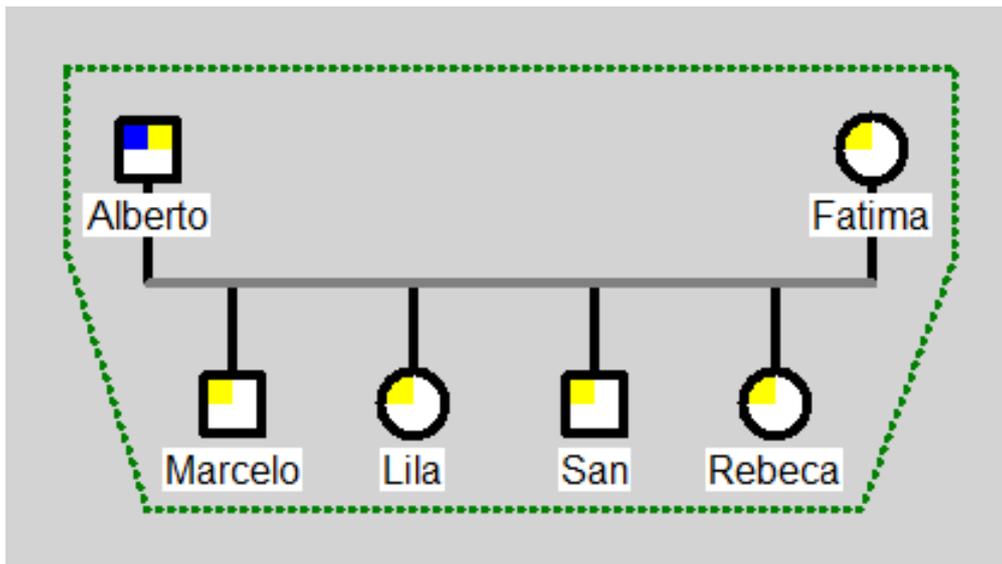


Figura 16 — Genograma 8: Família de Fatima.

Fonte: Elaboração própria.

Análise dos dados

No contexto de uma pesquisa focada nas políticas linguísticas familiares e seu papel central na vitalidade das línguas indígenas, a análise temática desempenha um papel fundamental para compreender e explorar essas políticas. A análise temática, como explicado na metodologia, é uma abordagem metodológica qualitativa que busca identificar, analisar e interpretar os padrões e significados subjacentes aos dados gerados.

Após uma minuciosa análise dos dados, que incluiu a identificação de padrões linguísticos e conceituais, duas temáticas centrais se destacaram: as relações familiares e as questões linguísticas. Estas temáticas não apenas forneceram um arcabouço para o desenvolvimento deste estudo, mas também lançaram luz sobre os elementos fundamentais que moldam a experiência das colaboradoras. As relações familiares exploram as interações e os laços emocionais que influenciam suas jornadas individuais, enquanto as questões linguísticas investigam como diferentes línguas desempenham um papel na construção de identidades culturais e na comunicação cotidiana.

Dentro das relações familiares foram achados os seguintes padrões:

As famílias que foram entrevistadas em sua maioria são compostas por famílias nucleares (Graciela, Gabi, Liz, Mercedes, Frida e Fatima) ou famílias extensas (Roxana e Adelaida, Silvia e Martina). Uma família nuclear é aquela formada por um casal casado e seus filhos, vivendo juntos como uma unidade familiar independente. Por outro lado, as famílias extensas incluem vários membros de diferentes gerações que estão relacionados entre si. Nessas famílias, além do casal e dos filhos, podem viver avós, tios, primos ou outros parentes próximos numa mesma casa. Um exemplo singular de família recomposta é o caso de Fatima, que envolve a união de parceiros anteriores, juntamente com seus respectivos filhos, formando uma nova estrutura familiar (SILVA, 2021).

Existem várias razões que explicam por que algumas famílias têm uma configuração nuclear e outras são extensas. Uma dessas razões é a migração. A migração recente para a comunidade emerge como um padrão comum entre as mulheres que constituíram famílias nucleares. Graciela, Gabi, Liz, Frida e Fatima, todas pertencentes a esse grupo, compartilham a experiência de terem migrado, estabelecendo-se em um novo local e fundando unidades familiares independentes com seus parceiros e filhos.

Além das migrações que culminaram na constituição das famílias nucleares, outras mulheres também trilharam trajetórias migratórias, ainda que essas sejam menos recentes. Essas jornadas migratórias desembocaram na formação de famílias extensas, como ilustrado pelo exemplo de Adelaida e Martina, que abriram seus lares para acolher a Roxana e Silvia, oriundas de outras comunidades.

O tema da migração ganha uma relevância crucial ao se examinar a comunidade de Torewa. Nesse contexto, os Lecos enfrentam desafios complexos relacionados à sua identidade e autoidentificação como indígenas. Essa questão é acentuada pelo fato de muitos não falarem sua língua, o rik'a, e por viverem em comunidades onde diversas culturas coexistem. Esses elementos criam um cenário onde a autoidentificação como Lecos é questionada, principalmente à luz do mito arraigado de que um povo deve compartilhar uma única língua e cultura.

Paradoxalmente, as últimas décadas testemunharam a emergência de comunidades indígenas multiétnicas no continente. A etnogênese, que se refere à formação de novos grupos étnicos por meio da redefinição de suas características

culturais e sociais, tem sido um processo distintivo nesse cenário. Além disso, a reetnificação, que envolve a reafirmação ou revalorização de elementos culturais preexistentes para fortalecer a identidade étnica, tem desempenhado um papel fundamental (FUNPROEIB, 2022, p. 16).

Essa configuração das comunidades reflete uma abordagem inovadora de resistência perante uma série de desafios, que abrangem não apenas a ameaça aos territórios, mas também a violação dos direitos humanos e a exclusão da participação nas decisões políticas e econômicas. Essa mudança representa, ademais, uma nova proposta na esfera política, na qual as comunidades indígenas multiétnicas se empenham em fortalecer suas vozes e influência, visando salvaguardar seus direitos e interesses coletivos.

As comunidades multiétnicas não apenas contestam narrativas de homogeneização, mas também enfatizam a riqueza da diversidade cultural intrínseca às identidades indígenas. Através dos processos de etnogênese e reetnificação, as comunidades locais se fortalecem, redefinem sua presença e consolidam sua relevância em meio às complexas dinâmicas contemporâneas. Isso não representa somente uma manifestação de determinação, mas também um testemunho do poder da revitalização cultural como força motriz da resistência política.

Outro dos padrões está ligado à distribuição de papéis e responsabilidades entre os cônjuges. Nos quadros analíticos, observa-se que o cuidado das crianças, dos doentes, de outros familiares, dos animais e as tarefas domésticas são exclusivamente assumidos pelas mulheres. No entanto, embora se possa inferir que o papel de provedor seja atribuído aos homens, a verdade é que, em todas as entrevistas, as mulheres também afirmaram participar nas atividades de geração de renda, colaborando com seus parceiros. Isso destaca uma dinâmica mais complexa em que as mulheres desempenham múltiplos papéis além das responsabilidades tradicionalmente atribuídas a elas, ao mesmo tempo em que não obtêm um benefício individual significativo ao dependerem economicamente de seus parceiros.

A partir disso, é possível deduzir que as mulheres exercem um papel fundamental na transmissão intergeracional da língua, pois são responsáveis pelo

cuidado das crianças. No entanto, essa dinâmica nem sempre implica automaticamente sua participação na elaboração das políticas linguísticas familiares. Muitas vezes, essas políticas são estabelecidas sem um consenso claro, resultando de ações deliberadas ou não que são influenciadas por outros fatores. Um exemplo desse cenário é o caso de Graciela, cujo pai proibiu sua avó, que a cuidou após a morte de sua mãe, de falar com ela em aimará. Essa medida tinha como objetivo evitar que Graciela desenvolvesse uma “fala incorreta” ao se expressar em espanhol.

Qual é a motivação por trás dessa insistência em "falar corretamente"? Que tipo de dinâmica de poder, para além do âmbito paterno, se desvela nessa atitude? Emergem duas hierarquias distintas: uma que subjuga a avó às decisões do pai de Graciela, determinando qual língua deve prevalecer, e outra que se materializa na escolha do pai de desejar que sua filha fale apenas espanhol. Isso revela uma relação de poder enraizada na sociedade, que força esses indivíduos a renunciarem à sua língua em favor da língua dominante. Esse anseio por "falar bem" pode ser interpretado como uma busca por aceitação, um ceder à homogeneização ou até mesmo uma negação da própria identidade em prol de uma identidade nacional uniforme. Essas indagações destacam como as escolhas linguísticas não só refletem dinâmicas de poder familiares, mas também revelam tensões mais abrangentes entre identidade, pertencimento e as estruturas de poder na sociedade. Portanto, a interconexão entre as dinâmicas de poder, escolhas linguísticas e identidade cultural espelha elementos da recursividade fractal ao repetir padrões semelhantes em diferentes contextos, destacando as complexas relações entre o individual, o familiar e o societal.

Nas estruturas familiares, a presença e o exercício do poder masculino constituem um aspecto fundamental que molda dinâmicas sociais e relacionais, como pode se perceber no relato de Graciela. Ao longo das interações cotidianas, os homens muitas vezes assumem uma posição dominante, influenciando as tomadas de decisão, a expressão de opiniões e até mesmo cerceando a voz das mulheres dentro do ambiente familiar. Essa presença masculina não apenas afeta a dinâmica interna das famílias, mas também desempenha um papel crítico na configuração de normas de gênero, divisão de responsabilidades e até mesmo nas

oportunidades econômicas disponíveis para as mulheres. Nesse contexto, explorar como o poder masculino se manifesta e é perpetuado nas estruturas familiares é essencial para compreender as complexas interações entre gênero, identidade e dinâmicas sociais.

No caso de Roxana, quando seu sogro e cunhado interrompem nossa entrevista, a possibilidade de falar parece lhe ser tirada completamente, e Roxana concentra sua atenção na tarefa de cozinhar. Tanto ela quanto sua sogra ficam silenciosas na presença dos homens, como se seus discursos só pudessem existir na ausência dos membros masculinos da família. Essa dinâmica revela questões importantes sobre as relações de gênero e o poder de voz e expressão dentro do ambiente familiar. A atitude de Roxana e de sua sogra sugere que, naquela dinâmica específica, os homens têm um papel dominante nas conversas e nas tomadas de decisão, enquanto as mulheres são silenciadas ou sentem a necessidade de ajustar sua comunicação para se adequarem às expectativas impostas.

Durante a entrevista, Candelaria demonstrou um comportamento reservado e reticente na presença de Serafín. Assim como com Roxana, a presença de uma pessoa do sexo masculino pareceu afetar a dinâmica da interação, fazendo com que Candelaria se tornasse mais reclusa e permitisse que Serafín assumisse o papel de porta-voz. É possível que a presença de Serafín tenha criado uma dinâmica de poder ou uma hierarquia implícita na relação, onde ele assume a liderança nas interações sociais e na comunicação com estranhos. Isso pode ser influenciado por fatores culturais e de gênero, onde a voz do homem é frequentemente priorizada ou considerada mais importante em certos contextos.

Essas dinâmicas de gênero também estão intrinsecamente ligadas à questão econômica na comunidade. A forma como as relações familiares e a divisão de tarefas por gênero estão estruturadas influencia diretamente a maneira como as mulheres podem gerar renda e sustentar suas famílias. A necessidade de caçar, pescar e cultivar para a sobrevivência cria uma dependência mútua entre homens e mulheres, onde a ausência de um homem pode resultar em dificuldades significativas.

Essa dependência econômica muitas vezes limita a autonomia das mulheres e as coloca em situações vulneráveis. Além disso, essa dinâmica também pode contribuir para a perpetuação da violência intrafamiliar, como relatado por Graciela, Silvia, Roxana, Adelaida, Gabi, Mercedes e Fátima. A falta de opções econômicas para as mulheres as mantém presas em relacionamentos abusivos, onde a necessidade de apoio financeiro as impede de sair dessas situações prejudiciais.

A análise aprofundada das relações familiares revela um cenário marcado pelo papel dominante dos homens dentro da comunidade. Ao explorar as dinâmicas familiares, torna-se evidente como as normas sociais e os papéis de gênero estão profundamente enraizados no tecido social. A distribuição específica de responsabilidades entre os cônjuges, como a divisão de tarefas por gênero, destaca de maneira nítida como as normas culturais e de gênero são internalizadas e reforçadas no cotidiano das famílias. Essa dinâmica também se estende à presença masculina nas interações familiares, onde frequentemente os homens assumem uma posição de liderança nas tomadas de decisão e nas interações sociais, exercendo um controle significativo sobre a vida das mulheres. Essas complexas interações entre relações de gênero, normas culturais, presença masculina e dinâmica econômica trabalham em conjunto para moldar profundamente a vida das mulheres na comunidade, impactando sua voz, seu papel nas decisões familiares e suas possibilidades de busca por autonomia, libertação de situações de violência e superação da opressão.

Além das dinâmicas familiares, outra temática essencial identificada para esta pesquisa foi a questão linguística. Este tópico guarda-chuva concentrou-se na relação das mulheres coteorizadoras com diferentes línguas ao longo de suas vidas, abrangendo uma série de aspectos cruciais, como o uso de línguas específicas, a prática do multilinguismo, as atitudes diante das diferentes línguas e como esses elementos interagem com suas identidades culturais e vivências cotidianas.

Uma área de interesse primordial abordada foi o uso de línguas específicas em diferentes contextos. Foram identificadas duas mulheres trilingües - Roxana e Silvia -, três mulheres bilíngües - Graciela, Adelaida e Mercedes - e seis mulheres monolíngües - Gabi, Liz, Frida, Martina, Fatima e Candelaria.

No contexto das mulheres monolíngues, é crucial destacar a existência de dois grupos distintos: aquelas que se comunicam em tsimane e as que se expressam em espanhol. No caso das mulheres exclusivamente fluentes em espanhol, exemplificado por Gabi e Liz, essa língua é empregada em todas as esferas de suas vidas, eliminando barreiras na comunicação com outras pessoas, visto que o espanhol é a língua predominante. Além disso, é relevante observar que, mesmo pertencendo a famílias com pais bilíngues - como é o caso dos pais de Gabi, que falam quíchua e espanhol, e do pai de Liz, falante de moseten e espanhol - ambas não tiveram a experiência de uma transmissão intergeracional dessas línguas. Suas trajetórias educacionais também se concentraram exclusivamente no ensino em espanhol na escola.

No que diz respeito às mulheres monolíngues de tsimane, como Frida, Martina, Fatima e Candelaria, é evidente que essa língua desempenha um papel central em suas interações familiares e entre elas. No entanto, isso pode dificultar a comunicação com outras mulheres da comunidade que não compartilham o mesmo idioma. Essa diferença linguística cria uma barreira de comunicação entre esses dois grupos de mulheres, sendo que as falantes de espanhol conseguem se conectar de maneira mais aberta e fluente com um espectro mais amplo de indivíduos, ao passo que as falantes de tsimane podem enfrentar desafios ao interagir com mulheres fora de seu círculo mais próximo.

A falta de compreensão mútua devido à barreira linguística pode criar obstáculos na comunicação e na resolução de conflitos, como ilustrado no relato feito por Graciela. No caso mencionado por ela, o uso do termo "matawa" para se referir a ela pelos tsimanes causou que ela se sentisse discriminada. Este termo, muito possivelmente, carrega uma conotação negativa na língua dos tsimane. Contudo, dado que o contexto cultural e linguístico específico não foi fornecido, torna-se desafiador interpretar precisamente o significado dessa expressão. Outra reflexão a ser feita é sobre o termo "parientes", utilizado por Graciela para se referir aos tsimanes. Pode-se questionar se esse termo também não traz consigo uma conotação negativa que potencialmente contribui para a segregação na comunidade.

A narrativa partilhada por Frida introduz um elemento de relevância substancial no cenário abordado previamente. A preocupação de Frida em relação à percepção das mulheres tsimanes como bruxas, uma questão também expressa por Graciela ao mencionar experiências de bruxaria direcionadas a ela, ilustra como esse estigma, intimamente ligado à língua e à identidade das mulheres tsimanes, gera um clima de isolamento e rejeição por parte de outras mulheres na comunidade. Essa dinâmica acentua as barreiras culturais e sociais, aprofundando as divisões existentes.

Certamente, os parágrafos anteriores estão diretamente relacionados à ideia de iconização e ao processo de atribuir valores simbólicos a formas específicas de falar. A iconização, quando aplicada à linguagem, implica a atribuição de significados culturais e sociais a diferentes línguas e formas de comunicação (IRVINE; GAL, 2000, p. 37 - 38). Nos casos mencionados, a palavra "matawa" usada pelos tsimanes para se referir a Graciela e o termo "parientes" podem ser considerados exemplos de iconização linguística. Eles não são apenas símbolos neutros, mas carregam conotações culturais e sociais específicas. A palavra "matawa" parece ter uma conotação negativa que pode estar associada a estigmas e preconceitos, enquanto o termo "parientes" também pode ter implicações culturais e sociais que contribuem para a segregação.

Essas palavras não são simplesmente símbolos, mas ícones que representam de maneira icônica os estereótipos e preconceitos associados aos grupos e às pessoas a quem se referem. Portanto, a iconização da linguagem desempenha um papel significativo na comunicação e nas relações interculturais, influenciando a forma como as pessoas são percebidas e como se percebem.

Além disso, a iconização linguística também pode ser usada para reforçar a exclusão e a marginalização de certos grupos, como no caso das mulheres tsimanes que são estigmatizadas como bruxas. Essa dinâmica demonstra como a iconização da linguagem pode aprofundar as divisões culturais e sociais, destacando a importância de entender e desafiar esses processos na pesquisa e na prática de políticas linguísticas e culturais.

Ambos os exemplos ilustram como a iconização pode ter impactos significativos nas interações interculturais, podendo levar à substituição das línguas indígenas em favor das línguas dominantes. A desvalorização das línguas minoritárias/minorizadas e a preferência pelas línguas majoritárias muitas vezes resultam da atribuição de valores simbólicos que refletem hierarquias culturais e sociais. Essa dinâmica pode levar a uma perda gradual das línguas e culturas minoritárias/minorizadas, uma vez que a iconização contribui para reforçar a ideia de que certas línguas são mais "prestigiadas" ou "adequadas" do que outras, de que certos falantes são mais "humanos" ou "desenvolvidos" do que outros.

Além disso, é importante salientar que as implicações do uso da linguagem não se limitam à mera expressão verbal, mas abrangem os significados e interpretações associados a essa expressão linguística. Essas interpretações são profundamente influenciadas por estruturas ideológicas mais amplas, que envolvem crenças arraigadas sobre linguagem, identidade e poder. Essas crenças exercem um impacto substancial nas relações sociais e nos processos políticos, como destacado por Woolard (1998, p. 19). Essa dinâmica torna-se especialmente evidente na comunidade de Torewa, onde diferentes grupos linguísticos demonstram níveis variados de lealdade linguística.

Alguns membros da comunidade, ao se autodenominarem como aimarás ou quíchuas, conferem a esse ato um significado que transcende o simples domínio da língua. Isso é fortemente influenciado pela história e pela dinâmica subjacente de poder. O aimará e o quíchua têm uma longa história como culturas dominantes na região, frequentemente associadas a grupos colonizadores e estruturas de poder estabelecidas. Nesse contexto, o uso ativo da língua pode não ser considerado essencial, pois a autoidentificação como aimará ou quíchua é vista como uma afirmação dessa herança cultural e da posição histórica de destaque que esses grupos ocuparam na região.

Por outro lado, os tsimanes e mosetenes, sendo uma minoria dentro da comunidade, têm uma ideologia que enfatiza que a sobrevivência e a identidade de seu grupo estão intrinsecamente ligadas à língua. Para eles, a língua é vista não apenas como uma parte vital de sua configuração identitária, mas também como um meio fundamental de resistência cultural e preservação étnica. Nesse contexto, o

ato de falar sua língua materna é, em si, uma forma de resistir às pressões externas e de manter sua herança cultural viva.

Essas perspectivas divergentes refletem as complexas interpretações ideológicas que moldam a relação entre linguagem, identidade e pertencimento dentro da comunidade de Torewa. A influência das estruturas de poder históricas e das relações coloniais sobre essas dinâmicas linguísticas é evidente, destacando a interconexão intrincada entre linguagem e estruturas sociais mais amplas.

Com base no anterior, é possível determinar de que forma as ideologias influenciam as políticas linguísticas familiares. A valorização das próprias línguas e o reconhecimento de sua importância na identidade cultural desempenham um papel fundamental na preservação dessas línguas e nas políticas linguísticas familiares. Portanto, as atitudes em relação às línguas estão intrinsecamente ligadas à forma como as línguas são transmitidas entre gerações.

A presença de mulheres trilíngues (Roxana e Silvia) e bilíngues (Graciela, Adelaida e Mercedes) na pesquisa trouxe à tona um aspecto crucial: o multilinguismo. Explorar como essas mulheres lidam com a fluência em mais de uma língua no cotidiano revelou-se fundamental. Analisar se e como elas alternam entre diferentes línguas em contextos específicos, bem como os desafios e benefícios associados a essa habilidade multilíngue, lançou luz sobre a complexidade de suas interações sociais.

Em particular, destacou-se o uso do espanhol em diferentes esferas. Enquanto algumas mulheres bilíngues, como Graciela e Adelaida, intercalavam o aimará ou o quíchua com o espanhol em casa e em outros âmbitos, outras escolhiam predominantemente o espanhol para interações fora do ambiente familiar. Esse padrão ficou evidente no caso das mulheres falantes de tsimane, como Silvia e Mercedes, que optavam pelo espanhol em situações extrafamiliares.

Essa dinâmica multifacetada revelou a adaptação consciente das mulheres ao uso de diferentes línguas com base nas circunstâncias sociais e culturais. As entrevistadas trilíngues e bilíngues demonstraram uma capacidade notável de navegar entre línguas, exibindo um conhecimento profundo dos contextos em que cada língua era apropriada.

O multilinguismo não apenas abriu portas para a comunicação intercultural, mas também trouxe consigo desafios. A fluência em várias línguas muitas vezes exigia um equilíbrio delicado para garantir a compreensão e a comunicação eficaz. No entanto, essa prática também ofereceu vantagens, permitindo que essas mulheres se envolvessem em uma variedade de interações sociais e ampliassem suas conexões além das fronteiras linguísticas.

No cerne dessa análise está a compreensão de que o multilinguismo é mais do que uma simples habilidade linguística. Ele reflete a adaptabilidade e a capacidade das mulheres de negociar identidades complexas em um mundo linguístico diversificado. O multilinguismo molda a interação dessas mulheres com diferentes grupos sociais, influenciando suas redes de apoio, pertencimento e, por extensão, sua posição na comunidade. Portanto, examinar o papel do multilinguismo foi crucial para uma compreensão holística das vidas e das experiências das mulheres na comunidade de Torewa.

Com respeito à escola, um ponto a destacar é que Frida expressa o desejo de que seus filhos aprendam espanhol na escola, uma perspectiva compartilhada por Mercedes, ambas considerando a escola como um ambiente propício para a aquisição da língua majoritária, o que potencialmente tornaria seus filhos bilíngues. No entanto, chama a atenção o fato de que, ao questionar Frida sobre seu próprio interesse em aprender espanhol, ela responde afirmativamente, embora reconheça que o momento talvez não seja o mais adequado para isso. O anterior nos leva a considerar dois equívocos: o pressuposto de que a escola é um local de aquisição eficaz da língua majoritária, quando, na realidade, muitas vezes, essa língua é imposta sem recursos humanos e materiais suficientes para uma aquisição adequada. E que o processo educativo pode, de fato, levar as crianças a se tornarem bilíngues, mas o tipo de bilinguismo imposto pode ser subtrativo, fazendo com que abandonem sua língua materna em favor do espanhol, tornando-se monolíngues.

Além disso, é crucial considerar a seleção das línguas utilizadas na instrução e analisar quem toma essas decisões, uma vez que esses aspectos determinam a natureza da educação oferecida e suas implicações nas comunidades. Os dados compilados por Spolsky (2021, p. 27) são notáveis: de todas as 6.833 línguas

faladas no mundo, somente 599 são incorporadas no sistema educacional. Essa exclusão de quase 90% das línguas das salas de aula força os alunos e seus pais a adotarem uma língua ou variedade frequentemente estranha a eles. Conforme uma pesquisa citada por Spolsky, o processo de aquisição da língua usada na escola pode levar até sete anos, o que acarreta consequências no desempenho acadêmico e pode até incentivar a evasão escolar (Ibidem).

Outro mito relevante é a concepção de que existe uma idade ideal para aprender uma língua, frequentemente associada à infância ou aos primeiros anos da adolescência. No entanto, essa crença não se sustenta no contexto do bilinguismo, pois reforça a ideia de que um indivíduo bilíngue deve adquirir a língua como um falante nativo, sugerindo que isso só seria viável se a língua fosse aprendida na infância, sem qualquer influência de um sistema linguístico no outro.

Para refutar essa ideia equivocada, é essencial refletir sobre o fato de que algumas influências linguísticas, tanto em relação ao vocabulário, à estrutura das frases quanto à forma das palavras, são uma característica natural do ambiente linguístico em que ocorrem (CORREA; MOZZILLO, 2020, p. 162). É importante reconhecer que as interferências linguísticas podem acontecer naturalmente quando alguém é exposto a múltiplas línguas ou contextos linguísticos. Essas influências não devem ser vistas como indicações de incompetência linguística, mas sim como uma manifestação da complexidade inerente ao bilinguismo ou multilinguismo. Em vez de enfraquecer a proficiência de um falante em uma língua específica, as interferências podem ser interpretadas como um reflexo do processamento cognitivo flexível que ocorre ao alternar entre diferentes línguas.

Faço referência a esse mito porque, embora a proibição do uso de certas línguas não tenha ocorrido de forma explícita, com exceção do caso de Silvia, a quem seu parceiro pediu para que ela falasse somente em tsimane com o bebê, a maioria dos progenitores, consciente ou inconscientemente, tende a preferir que seus filhos utilizem apenas uma língua, nesse caso, o espanhol, conforme evidenciado nos genogramas. Torna-se evidente que os pais bilíngues ou trilíngues geralmente optam por transmitir a língua dominante, especialmente entre os aimarás e quíchuas. Essa preferência reflete mitos arraigados sobre o bilinguismo, que podem influenciar diretamente as políticas linguísticas familiares, levando à

predominância do espanhol e à subvalorização das línguas indígenas na educação e na comunicação familiar.

De igual forma, a segregação entre as residências reflete o papel crucial das escolhas linguísticas dos moradores na configuração da coexistência de distintos grupos linguísticos. A disposição das casas e a proximidade entre falantes de diferentes línguas evidenciam a complexa teia de identidades culturais e linguísticas que permeia o cotidiano da comunidade. Essas práticas linguísticas, observadas na maneira como as línguas são utilizadas e nas interações em contextos linguísticos diversos, destacam a importância fundamental na construção e expressão da identidade. Nesse contexto, a segregação cultural se torna visível, materializando-se de forma palpável na organização espacial das moradias na comunidade.

Por fim, foi de suma importância investigar como esses aspectos linguísticos impactavam a identidade cultural e as vivências diárias das mulheres. A língua desempenha um papel central na formação da identidade e na expressão cultural de um indivíduo. Portanto, foi fundamental compreender como as escolhas linguísticas das mulheres, a utilização de diferentes línguas e as atitudes associadas a elas afetavam sua conexão com sua herança cultural, suas interações sociais e a forma como se enxergavam e eram percebidas pelos demais.

6 Conclusão

Na busca por uma compreensão mais profunda das interações entre língua, identidade e cultura, esta pesquisa empreendeu uma exploração das diferenças e complexidades presentes nas vivências das mulheres na comunidade leca de Torewa. Ao longo deste estudo, foram examinadas minuciosamente as diversas camadas que compõem essa intrincada relação, desde as estruturas familiares até as atitudes em relação às línguas e as implicações culturais das escolhas linguísticas. Ao considerar o impacto da língua na identidade individual e coletiva, bem como o seu papel na expressão cultural, este trabalho proporcionou uma visão ampla da profunda interconexão entre língua, identidade e cultura. A análise não somente enriqueceu a compreensão dessas interações, mas também sublinhou a importância de reconhecer a diversidade linguística e cultural como um ativo valioso em nosso mundo globalizado. A compreensão das complexas relações entre língua, identidade e cultura não apenas nos permite valorizar a riqueza da diversidade humana, mas também nos capacita a promover interações mais inclusivas e respeitadas, onde cada voz encontra espaço e reconhecimento.

No contexto das dinâmicas familiares, torna-se crucial aprofundar a descrição das estruturas e organizações familiares que permeiam a comunidade. Ao examinar detalhadamente as famílias nucleares e extensas, revelam-se os laços que sustentam as relações familiares. Ao mapear essas configurações, emerge uma compreensão mais profunda dos papéis individuais desempenhados pelos membros familiares, elucidando responsabilidades, interações e tomadas de decisões que moldam a vida cotidiana e as normas culturais arraigadas na comunidade.

Adicionalmente, as políticas linguísticas familiares desempenham um papel fundamental nesse contexto, exercendo influência significativa na relação das mulheres com as línguas minoritárias/minorizadas e dominantes. A maneira como as línguas são valorizadas e transmitidas no ambiente familiar pode impactar diretamente a autoestima linguística das mulheres e sua conexão com suas raízes culturais. As decisões sobre qual língua usar em casa, a ênfase dada à aprendizagem de determinadas línguas e as atitudes expressas em relação a diferentes línguas podem moldar as escolhas linguísticas das mulheres ao longo de suas vidas.

Essas políticas linguísticas familiares podem tanto fortalecer quanto enfraquecer a ligação entre a língua, a cultura e a identidade das mulheres. Por um lado, um ambiente familiar que valoriza e promove ativamente o uso da língua indígena pode contribuir para a manutenção e preservação da herança linguística e cultural das mulheres, proporcionando um senso de pertencimento e empoderamento. Por outro lado, políticas linguísticas familiares que privilegiam apenas uma língua em detrimento de outras podem levar a um afastamento das raízes culturais e em uma perda de conexão com aspectos importantes da identidade. Além disso, atitudes negativas em relação a certas línguas podem gerar sentimentos de vergonha ou inadequação linguística, afetando a autoconfiança e a construção da identidade das mulheres.

No âmbito linguístico, a investigação concentrou-se em elucidar as escolhas e práticas linguísticas. A abordagem englobou as línguas empregadas em diversos contextos, compreendendo interações domésticas e sociais. A exploração de variações no uso linguístico conforme o contexto, bem como as motivações subjacentes às escolhas de língua, proporcionou uma análise abrangente das influências socioculturais e individuais que moldam a comunicação das mulheres. A interseção entre as escolhas linguísticas, identidades e percepções culturais traça uma rede intrincada de significados, revelando conexões profundas entre língua, identidade e cultura.

A fluência multilíngue também emergiu como um aspecto de relevância ímpar. A análise da fluência em várias línguas e a navegação cotidiana entre elas revelaram as habilidades adaptativas e os desafios inerentes ao multilinguismo. A identificação de vantagens e obstáculos ofereceu clareza sobre como as mulheres gerenciam e integram suas habilidades linguísticas diversificadas no tecido social. A dinâmica multifacetada do multilinguismo e seu impacto nas interações interpessoais e comunitárias trouxe à tona uma rica compreensão das complexas relações linguísticas.

As atitudes linguísticas, por sua vez, delinearam o cenário sociolinguístico no qual as mulheres estão imersas. Ao examinar as percepções associadas a diferentes línguas, foi possível elucidar padrões de valorização ou estigmatização. Essas atitudes influenciaram diretamente as escolhas linguísticas, refletindo-se nas

interações e no senso de pertencimento das mulheres. A análise das atitudes proporcionou uma lente poderosa para compreender como as relações entre língua, identidade e cultura são forjadas e expressas.

Contudo, é válido mencionar algumas limitações desta pesquisa. A abordagem centrada nas experiências de um grupo específico de mulheres pode restringir a generalização dos resultados para outras comunidades linguísticas e contextos culturais. Além disso, a análise foi baseada nas perspectivas e percepções das participantes, o que pode ter sido influenciado por suas próprias interpretações e contextos individuais. Por conseguinte, embora esta pesquisa tenha fornecido uma compreensão profunda das relações entre língua, identidade e cultura, há espaço para futuros estudos que abordem uma gama mais ampla de perspectivas e contextos, a fim de enriquecer ainda mais nosso entendimento dessas complexas interações.

Uma das limitações intrínsecas à pesquisa está diretamente relacionada a um dos objetivos específicos. Faço referência ao objetivo que visava desenvolver, em parceria com as famílias da comunidade, ações destinadas a fomentar a revitalização linguística, com especial atenção para o contexto familiar. Infelizmente, as restrições temporais impostas pelo período do mestrado prejudicaram a plena realização desse intento durante esta etapa.

No entanto, é fundamental ressaltar que essa limitação não diminui o compromisso com a revitalização linguística e a colaboração com a comunidade. Embora não tenha conseguido concluir plenamente essa etapa durante o período do mestrado, minha intenção é retornar à comunidade para implementar e desenvolver ações em conjunto com as famílias. Acredito na importância de envolver as mulheres e crianças locais nesse processo, pois reconheço o papel crucial do ambiente familiar na preservação da língua.

Para garantir a continuidade desse projeto e compartilhar os resultados e progressos com a comunidade, planejo documentar essa fase posterior em um artigo subsequente. Esse artigo servirá como uma extensão natural desta pesquisa, apresentando as ações realizadas em colaboração com as famílias e detalhando

como o projeto de revitalização linguística está sendo implementado e adaptado de acordo com as necessidades da comunidade.

Assim, embora as limitações temporais tenham impactado o desenvolvimento completo deste objetivo específico durante o mestrado, permaneço empenhada em contribuir para a revitalização linguística e fortalecimento das línguas indígenas na comunidade, por meio de ações efetivas e contínuas, de forma colaborativa e informada.

Outra limitação ou inadequação da pesquisa foi a abordagem do gênero e como ela revela a influência de paradigmas ocidentais na minha análise. No entanto, é relevante salientar que estou ciente da influência da minha própria subjetividade como pesquisadora na concepção da pesquisa, e como conceitos e valores ocidentais podem, inadvertidamente, resultar em uma conotação negativa em relação ao papel dos homens nas famílias dentro da comunidade estudada.

Após um levantamento bibliográfico, é possível dizer que as reflexões apresentadas sobre a situação das mulheres na comunidade se relacionam com as do feminismo comunitário (PAREDES, 2013), que tem colocado em pauta a participação política das mulheres nas comunidades, bem como os papéis tradicionais que desempenham e as violências que sofrem.

O fato de me focar nesta pesquisa na situação das mulheres é uma forma de combater a invisibilidade que historicamente as tem afetado e gerar conhecimento específico sobre os problemas que enfrentam, o que significa também uma forma de estabelecer um diálogo intercultural entre elas e a academia. Manter a ausência de um enfoque de gênero é reforçar a subordinação, a exclusão e a violência que experimentam as mulheres dentro e fora de suas comunidades. Neste sentido, se faz necessário não apenas reconhecer a importância das mulheres nos âmbitos privados, mas também em suas lutas nos contextos mais amplos dos povos indígenas.

Além disso, é importante reconhecer que a necessidade de adotar uma perspectiva de gênero é um apelo de longa data. Em um breve percurso histórico, destacam-se eventos significativos, como a "Primera Cumbre de Mujeres Indígenas de las Américas" realizada em 2002, o "Encuentro de Mujeres Indígenas por la

Construcción de un Estado Plurinacional" em 2007 e a assembléia de 2008 realizada no "Fondo para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas de América Latina y el Caribe". Todos esses eventos resultaram em declarações que delinearão as demandas das mulheres indígenas e documentaram os problemas específicos que enfrentam dentro e fora de suas comunidades (FONDO INDÍGENA; UII, 2012, p. 20, 25).

Embora não tenha sido o foco central da pesquisa, torna-se evidente que as questões exploradas nas entrevistas têm o potencial de se converter em propostas políticas voltadas para a despatriarcalização e a descolonização, elaboradas pelas próprias mulheres que vivenciam essas relações de dominação (FONDO INDÍGENA; UII, 2012, p. 27) . Ao ampliarmos nosso entendimento sobre a condição das mulheres em Torewa, podemos contribuir para o reconhecimento de seus direitos e desencadear um processo de autodescoberta e empoderamento.

No contexto da interação entre as comunidades indígenas e a sociedade ocidental, é evidente que várias organizações indígenas, ao buscarem reconhecimento e legitimidade por parte do Estado, reproduziram preceitos de dominação patriarcal, o que resultou na exclusão sistemática das mulheres de cargos de destaque e influência. Esse fenômeno demonstra que, mesmo nas lutas pela afirmação de identidades e direitos, foram inculcadas estruturas de poder que marginalizam as vozes e as contribuições das mulheres indígenas.

Mesmo que a abordagem de questões de gênero possa parecer mais alinhada com perspectivas ocidentais do que com a cosmovisão dos povos indígenas, numerosos exemplos demonstram como as mulheres têm construído lideranças em suas próprias comunidades (FONDO INDÍGENA; UII, 2012, p. 95 - 114). Elas enfrentam questões complexas que envolvem a interseção de suas identidades étnicas e de gênero, desafiando imposições culturais e superando obstáculos que surgem tanto no âmbito familiar quanto no comunitário. Essas mulheres se tornam agentes ativas de seus próprios processos. Portanto, a academia tem o papel de alinhar-se a esses processos de luta, fortalecendo a organização das mulheres e gerando conhecimento que possa ser útil para suas iniciativas.

Além das limitações, é importante destacar as inúmeras contribuições positivas que esta dissertação oferece. Ela aborda o âmbito familiar, reconhecido como um terreno fundamental para a transmissão linguística, desempenhando um papel essencial na vitalidade de uma língua. Além disso, a abordagem inter/transdisciplinar adotada neste estudo, ao conjugar ferramentas da antropologia, psicologia e sociolinguística, enriquece sua elaboração, proporcionando uma visão mais abrangente e profunda das complexas dinâmicas em jogo. Ademais, a investigação atende a uma inquietação legítima da própria comunidade, direcionando seu foco para as questões que são relevantes e pertinentes para os membros da comunidade estudada. De igual maneira, ela também desempenha um papel significativo no desenvolvimento da academia boliviana, ao trazer à tona conceitos inovadores, como políticas linguísticas familiares e mitos sobre o bilinguismo. Ao abordar temas tão relevantes e ao oferecer uma perspectiva inter/transdisciplinar, essa pesquisa contribui tanto para a compreensão mais profunda das complexidades linguísticas e culturais quanto para o avanço do conhecimento acadêmico no contexto boliviano.

Certamente, como recomendações para futuras pesquisas, é fundamental salientar a necessidade de abordar as dinâmicas familiares em contextos de migração, tanto dentro do país quanto para outras nações. Ao considerar as mudanças que ocorrem quando as famílias deixam suas comunidades de origem para se estabelecer em ambientes urbanos ou mesmo em países estrangeiros, poderemos obter uma visão mais completa e abrangente das transformações que afetam a vitalidade das línguas indígenas. A análise das dinâmicas familiares nesses cenários migratórios proporcionará perspectivas valiosas sobre como as interações linguísticas e culturais são influenciadas por novos contextos, desafios e oportunidades. A migração frequentemente envolve a coexistência de diferentes línguas e culturas, o que pode afetar a transmissão linguística e a identidade cultural das gerações mais jovens. Portanto, explorar as complexidades das dinâmicas familiares em situações de migração ampliará nossa compreensão sobre como as línguas indígenas evoluem e se adaptam em um mundo cada vez mais globalizado e multicultural.

Também deve ser estudada a questão da violência contra a mulher nas comunidades indígenas. Essa questão transcende o âmbito privado, afetando

também as dinâmicas comunitárias. Estudos futuros podem explorar a natureza e a extensão dessa violência, bem como suas causas subjacentes, levando em consideração as especificidades culturais e sociais das comunidades indígenas. Além disso, a questão da língua é de extrema importância. Falantes monolíngues que não recebem do estado serviços de tradução ou acompanhamento terapêutico na sua língua ficam em uma situação de vulnerabilidade. Pesquisas futuras podem examinar como a falta de serviços na língua materna afeta a capacidade das mulheres indígenas de buscar ajuda e apoio em situações de violência doméstica.

A questão econômica também é um fator crítico que influencia a perpetuação da violência doméstica. Muitas mulheres indígenas podem se ver impossibilitadas de gerar uma renda por conta própria ou de administrar o dinheiro da família. Investigações futuras podem investigar as barreiras econômicas que impedem que as mulheres deixem seus agressores e como estratégias de empoderamento econômico podem ser desenvolvidas para apoiá-las.

Em suma, os trabalhos futuros podem se concentrar em questões cruciais que afetam as mulheres indígenas, incluindo a violência doméstica, a preservação da língua e da cultura e o empoderamento econômico, visando fornecer soluções para melhorar a qualidade de vida e fortalecer os direitos das mulheres indígenas em suas comunidades.

7 Referências

ALBÓ, X. Contactos sociolingüísticos de los pueblos indígenas de Bolivia. In: CREVELS, E.; MUYSKEN, P. (eds.) **Lenguas de Bolivia**. Tomo IV. Temas Nacionales. La Paz: Plural editores, 2015. p. 127-163.

ALMEIDA, L.; FLORES, C. Bilinguismo. In: FREITAS, M; SANTOS, A. (eds.). **Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press., 2017, p. 275–304.

ALTENHOFEN, C. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TÍLIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (orgs.). **Política e Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2013, p. 93-116.

ALTENHOFEN, C. Política linguística, mitos e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista internacional de lingüística iberoamericana**, v. 2, n. 1, p. 83-93. 2004.

AMORÓS-NEGRE, C.; LÓPEZ, A.; ZIMMERMANN, K. Las comunidades indígenas en Iberoamérica: desafíos para la política y la planificación lingüísticas. Introducción. **ONOMÁZEIN**, Chile, n. Especial, p. 1-15, 2017.

ANDER-EGG, E. **Aprender a investigar: nociones básicas para la investigación social**. Córdoba: Brujas, 2011.

ANTONUCCI, D.; GUTHS, R. Por um constante repensar de nossas visões sobre língua: revisitando o conceito de política linguística. **Cadernos de linguagem e sociedade**, Brasília, v 16, n 2, 2015, p. 140-159.

APAZA, I. La descolonización cultural, lingüística y educativa en Bolivia. **Revista Estudios Bolivianos**, Bolivia, n. 17, p. 157-186, 2012.

BARRAGÁN, R (coord.). **Guía para la formulación y ejecución de proyectos de investigación**. La Paz: Programa de investigación estratégica en Bolivia, 2007.

BELLO, A. Derechos indígenas y ciudadanías diferenciadas en América Latina y el Caribe: implicancias para la educación. In: LÓPEZ, L. (ed.). **Interculturalidad**,

educación y ciudadanía perspectivas latinoamericanas. Bolivia: Plural editores, 2009. p. 57-76.

CANCINO, R. La Descolonización Lingüística de Bolivia. **Sociedad y discurso**, Dinamarca: n. 12, p. 22-37, 2007.

CANCINO, R. El mosaico de las lenguas de Bolivia. Las lenguas indígenas de Bolivia: ¿Obstáculo o herramienta en la creación de la nación de Bolivia? **Diálogos latinoamericanos**. Dinamarca: n. 13, p. 62-81, 2008.

CALVET, L. **As políticas linguísticas**. Tradução de Isabel de Oliveira Duarte, Jonas Tenfen e Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2007.

CIPLA; WCS. **Plan de vida del pueblo Leco de Apolo**. La Paz, 2010a.

CIPLA; WCS. Plan de vida del pueblo Leco de Apolo: Resumen ejecutivo. La Paz, 2010b.

CIPLA; WCS. **Plan de vida del pueblo Leco de Apolo**. La Paz, 2022.

CLARKE, V.; BRAUN, V. **Successful qualitative research: A practical guide for beginners**. London: Sage, 2013.

CORREA, D.; GÜTHS, T. Por um constante repensar de nossas visões sobre língua: revisitando o conceito de política linguística. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 16, n. 2, p. 140-159, 2015.

CORREA, B.; MOZZILLO, I. Mitos e concepções acerca do bilinguismo infantil: um estudo de caso de mãe peruana e filha brasileira. **Revista do GELNE**, v. 22, n. 2, p. 159-173, 2020.

COTACACHI, M. Attitudes of teachers, children and parents towards bilingual intercultural education. In: HORNBERGER, N. (ed.). **Indigenous literacies in the Americas: Language planning from the bottom up**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 285-298.

DE TEZANOS, A. **Una etnografía de la etnografía: Aproximaciones metodológicas para la enseñanza del enfoque cualitativo interpretativo para la investigación social**. Bogotá: Antropos, 1998.

EDWARDS, V.; PRITCHARD, L. Back to basics: Marketing the benefits of bilingualism to parents. In: GARCÍA, O.; SKUTNABB-KANGAS, T.; TORRES-GUZMÁN, M. **Imagining multilingual schools: Languages in education and globalization.** USA; UK; Canada: Cromwell Press Ltd, 2006. p. 137-149.

FONDO INDÍGENA; UII. **Miradas críticas desde el Abya Yala.** Vol. 1: Primera promoción del Diplomado para el Fortalecimiento del Liderazgo de la Mujer Indígena. La Paz: Cromosoma, Identidad Creativa, 2012.

FUNPROEIB ANDES. **Identificación y formulación de proyectos para la revitalización cultural y lingüística.** Cochabamba: FUNPROEIB ANDES, 2019.

FUNPROEIB ANDES. **Abriendo surcos desde abajo: Guía para la revitalización cultural y lingüística.** Cochabamba: FUNPROEIB ANDES, 2022.

GARCÍA, O.; WEI, L. **Translanguaging: Language, Bilingualism and Education.** London: Palgrave Macmillan, 2014. p. 5-18.

GIL, Y. **Ää: Manifiestos sobre la diversidad lingüística.** Ciudad de México: Almadía Ediciones, 2020.

GRUPO ESPECIAL DE EXPERTOS SOBRE LAS LENGUAS EN PELIGRO/UNESCO. **Vitalidad y peligro de desaparición de las lenguas.** Paris: Unesco, 2003.

HIRSCH, S.; GONZÁLES, H.; CICCONE, F. Lengua e identidad: ideologías lingüísticas, pérdida y revitalización de la lengua entre los tapietes. **Indiana**, Berlín, v. 23, 2006, p. 103-122.

HORNBERGER, N. Language planning from the bottom up. In: HORNBERGER, N. (ed.). **Indigenous literacies in the Americas: Language planning from the bottom up.** Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 357-366.

HORNBERGER, N.; KING, K. Bringing the language forward: school-based initiatives for Quechua language revitalization in Ecuador and Bolivia. In: HORNBERGER, N. (ed.). **Indigenous literacies in the Americas: Language planning from the bottom up.** Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 299-319.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. In: KROSKRITY, P. (Org.) **Regimes of language**. Ideologies, politics and identities. Santa Fe: School of American Research Press, 2000.

KROSKRITY, P. V.; CERÓN, M. E. Ideologías lingüísticas. In: CERÓN, M. E. (Coord.). **Ideologías lingüísticas, política e identidad**: Cuatro ensayos de lingüística. Veracruz, México: Universidad Veracruzana, 2018.

LÓPEZ, L. To guaranize: a verb actively conjugated by the Bolivian Guaranis. In: HORNBERGER, N. (ed.). **Indigenous literacies in the Americas**: Language planning from the bottom up. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1996. p. 321-353.

LÓPEZ, L. Cultural diversity, multilingualism and indigenous education in Latin American. In: GARCÍA, O.; SKUTNABB-KANGAS, T.; TORRES-GUZMÁN, M. **Imagining multilingual schools**: Languages in education and globalization. USA; UK; Canada: Cromwell Press Ltd, 2006. p. 238-261.

LÓPEZ, L. Interculturalidad, educación y política en América Latina: perspectivas desde el Sur. Pistas para una investigación comprometida y dialogal. In: LÓPEZ, L. (ed.). **Interculturalidad, educación y ciudadanía perspectivas latinoamericanas**. Bolivia: Plural editores, 2009. p. 129-218.

LÓPEZ, L. Top-down and Bottom-up: Counterpoised visions of bilingual intercultural education in Latin American. In: HORNBERGER, N. (ed.). **Can schools save indigenous languages? Policy and practice on four continents**. New York: Palgrave Macmillan, p. 42-65, 2008.

LÓPEZ, P.; TAPIA, L. ¿Descolonización o neo-colonización del territorio en Bolivia? La defensa de la territorialidad indígena en tierras bajas frente a la recreación neo-extractivista del colonialismo interno. In: PORTO-GONÇALVES, C.; HOCSMAN, L. (orgs.). **Despojos y resistencias en América Latina, Abya Yala**. 1a ed, Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Estudios Sociológicos Editora, p. 77-106, 2016.

LUYKX, A. Los niños como agentes de socialización: políticas lingüísticas familiares en situaciones de desplazamiento lingüístico. Tradução de Héctor Andreani e Mariana García Palacios. **Runa**, Buenos Aires, 35, n. 2, p. 105-115, 2014.

MADE, S. van der. **Conceptos básicos de antropología**. Quito: Instituto de Antropología Aplicada, 1992.

MARCELINO, M. Bilinguismo no Brasil: significado e expectativas. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v 24, p. 1-22, 2009.

McCARTY, T. Schools as strategic tools for indigenous language revitalization: lessons from Native America. In: HORNBERGER, N. (ed.). **Can schools save indigenous languages? Policy and practice on four continents**. New York: Palgrave Macmillan, p. 161-179, 2008.

MELLO, H. A. B. De. Perfil sociolinguístico de uma comunidade bilíngue da zona rural de Goiás. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 61-92, 2001.

MORONI, Andreia. O papel do progenitor não brasileiro na transmissão do PLH: suas práticas linguísticas e o impacto na proficiência dos filhos. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 12, n. 2, p. 1226-1233, abr. – jun. 2018.

MOSONYI, E. Plurilingüismo indígena y políticas lingüísticas. **Nueva Sociedad**, Venezuela, n. 153, p. 82-92, 1998.

MOYA, R. La interculturalidad para todos en América Latina. In: LÓPEZ, L. (ed.). **Interculturalidad, educación y ciudadanía perspectivas latinoamericanas**. La Paz: Plural editores, p. 21-56, 2009.

MOZZILLO, I. Algumas considerações sobre o bilinguismo infantil. **Veredas: Revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 19, n. 1, p. 147-157, 2015.

MOZZILLO, I.; PUPP SPINASSÉ, K. Políticas linguísticas familiares em contexto de línguas minoritárias. **Revista Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1297-1316, 2020.

OLIVEIRA, D.; FABRÍCIO, F. Resistência política sem fogo amigo: por uma ideologia linguística das misturas em nossa revolta. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 61, p. 401-418, 2022.

RIVERA, S. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

RIVERA-RODAS, Ó. **Escritura de dios y voz degollada: Orígenes de las letras americanas**. La Paz: Plural editores, 2016.

RODRÍGUEZ, G.; GIL, J.; GARCÍA, E. **Metodología de la investigación cualitativa**. Málaga: Editorial Aljibe, 1996.

SEGATO, R. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda**. Buenos Aires: Prometeo libros, 2015.

SICHRA, I. ¿Qué hacemos para las lenguas indígenas? ¿Qué podemos hacer? ¿Qué debemos hacer? La situación sociolingüística en América Latina y la planificación lingüística. In: **SEMINARIO MINEDUC - UNAP**, Iquique, Universidad Arturo Prat, p. 1-23, 2003.

SICHRA, I. ¿Soñar con una escuela coherente con la interculturalidad en Bolivia? In: LÓPEZ, L. (ed.). **Interculturalidad, educación y ciudadanía perspectivas latinoamericanas**. La Paz: Plural editores, p. 95-127, 2009.

SICHRA, I. Estado plurinacional - sociedad plurilingüe: ¿solamente una ecuación simbólica? **Revista Páginas y Signos**, Cochabamba, v. 9, p. 70-118, 2013.

SICHRA, I. Políticas lingüísticas en familias indígenas: cuando la realidad supera la imaginación. **UniverSOS: Revista de lenguas indígenas y universos culturales**, València, n. 13, p. 135-151, 2016.

SICHRA, I. Habitar el habla como territorio: Nuevas dinámicas territoriales indígena. **Cuadernos del Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano**, Buenos Aires, v. 28, n. 2, p. 68-83, 2019.

SICHRA, I. (ed.). **¿Ser o no ser bilingüe? Lenguas indígenas en familias urbanas**. La Paz: Plural editores, 2016.

SOUZA, L. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, maio/ago. 2019.

SOUZA, S.; DIONÍSIO, C. Language Policy and Planning: An Analysis of the Themes Present in Research in Brazil. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, n. 2, p. 265-293, 2019.

SPEEDING, A. Metodologías cualitativas: Ingreso al trabajo de campo y recolección de datos. In: YAPU, M.; ARNOLD, D.; SPEEDING, A.; PEREIRA, R. **Pautas metodológicas para investigaciones cualitativas y cuantitativas en ciencias sociales y humanas**. La Paz: Fundación PIEB, p. 117-198, 2013.

SPOLSKY, B. Riding the tiger. In: HORNBERGER, N. (ed.), **Can schools save indigenous languages? Policy and practice on four continents**. New York: Palgrave Macmillan, p. 152-160, 2008.

SPOLSKY, B. **Rethinking language policy**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2021.

SPOLSKY, B. **Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SUAREZ, M. El genograma: herramienta para el estudio y abordaje de la familia. **Revista Médica La Paz**, La Paz, v. 16, n. 1, p. 53-57, 2010.

UNICEF; FUNPROEIB ANDES. **Atlas sociolingüístico de pueblos indígenas en América Latina**. Vol. 1. 2009.

VERONELLI, G. Sobre la colonialidad del lenguaje. **Universitas humanísticas**. Bogotá, n. 81, p. 33-58, 2015.

WOOLARD, K. "Introduction. Language Ideology as a Field of Inquiry". In: SCHIEFFELIN, B.; WOOLARD, K.; KROSKRITY, P. (Eds.) **Language Ideologies. Practice and Theory**. New York: Oxford University Press, 1998. Tradução de Mariana Rodriguez. Supervisão técnica e revisão de Florencia Ciccone.